

Um chamado para um compromisso total

MEU CORAÇÃO, MINHA VIDA, MEU TUDO



WILLIAM MACDONALD



Chamada.com.br

MEU CORAÇÃO, MINHA VIDA, MEU TUDO

**Um chamado para um compromisso
total**

William MacDonald

Ebook - 1ª edição - 2015

Traduzido do original em inglês: *My Heart, My Life, My All* Gospel Folio Press

Grand Rapids, MI - USA.

- ISBN 9781882701445 –

Tradução: Rebeca Inke Lima Revisão: Sérgio Homeni, Ione Haake, Camila Zatti C. Reinke, Arthur Reinke Edição: Arthur Reinke

Capa e Layout: Roberto Reinke Passagens da Escritura segundo a versão Almeida Revisada e Atualizada SBB (ARA), exceto quando indicado em contrário: Nova Versão Internacional (NVI), Almeida Corrigida e Revisada Fiel (ACF) ou Almeida Revista e Corrigida (ARC).

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright © 2015 Actual Edições

Ebook ISBN - 978-85-7720-120-4

R. Erechim, 978 – B. Nonoai 90830-000 – PORTO ALEGRE – RS/Brasil
Fones (51) 3241-5050 e 0300 789.5152

www.Chamada.com.br - pedidos@chamada.com.br



ACTUAL
EDIÇÕES

Caixa Postal 1688
90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL
Fone: (51) 3241.5050 • 0300 789.5152
www.chamada.com.br • pedidos@chamada.com.br

ÍNDICE

Parte I - O AMOR E A LÓGICA DO COMPROMISSO

- 1 - O AMOR E A LÓGICA DO CALVÁRIO
- 2 - QUEM É JESUS?
- 3 - O QUE ELE FEZ
- 4 - QUEM SOMOS NÓS?
- 5 - ELE PAGA, NÓS GANHAMOS

Parte II - O COMPROMISSO DE ACORDO COM AS ESCRITURAS

- 6 - O QUE É COMPROMISSO?
- 7 - O COMPROMISSO DE CRISTO
- 8 - UM CHAMADO ANTIGO
- 9 - ABRAÃO
- 10 - A OFERTA QUEIMADA
- 11 - MARCADO POR TODA A VIDA
- 12 - RUTE E ESTER
- 13 - E AINDA HOUVE OUTROS
- 14 - COMPROMISSO NO NOVO TESTAMENTO

Parte III - COMPROMETIMENTO NA HISTÓRIA DA IGREJA

- 15 - COMPROMETIMENTO NA HISTÓRIA POSTERIOR DA IGREJA
- 16 - COMPROMETIMENTO NA HISTÓRIA RECENTE

Parte IV - O CHAMADO SUPERIOR DO COMPROMETIMENTO

17 - BUSQUE O TOPO

18 - COMPROMETIMENTO É CARO

19 - DEUS QUER O MELHOR

20 - O QUE IMPEDE NOSSO COMPROMISSO?

21 - COMPROMISSO IMPERFEITO

22 - UM SACRIFÍCIO VIVO

23 - RAZÕES PARA A RENDIÇÃO TOTAL

24 - UM SACRIFÍCIO RELUTANTE

25 - BUSCAS TRIVIAIS

26 - MUDANÇA DE CARREIRA

Parte V - A EXPERIÊNCIA DO COMPROMISSO

27 - É UMA CRISE

28 - É UM PROCESSO

29 - AGORA É O MOMENTO DE AGIR!

NOTAS

Parte I

O AMOR E A LÓGICA DO COMPROMISSO

O AMOR E A LÓGICA DO CALVÁRIO

Nada na história do Universo se compara ao que aconteceu no lugar chamado de Calvário. Comprimido em poucas horas, foi um evento que, como foi dito, “ergue-se acima dos destroços do tempo” (hino escrito por John Bowring).

Há, talvez, mais livros escritos sobre esse evento do que sobre qualquer outro. Há mais poemas escritos, mais músicas cristãs compostas. Algumas das maiores obras de arte do mundo tentam ilustrá-lo. Há inúmeros sermões a respeito desse assunto. Ele é lembrado em todo o mundo

toda vez que uma ceia é celebrada. Sempre que vemos uma cruz, lembramo-nos de Quem foi pendurado na mais conhecida delas. O registro daquelas poucas horas é relatado em uma linguagem simples e impassível e, no entanto, a história nunca envelhece ou se desbota.

Foi o dia em que o Senhor Jesus Cristo morreu. Sua morte foi única – pela Pessoa envolvida, pelas pessoas por quem ela aconteceu e pelo Seu propósito. Ninguém, mesmo com a imaginação mais ousada, poderia jamais ter imaginado uma história tão magnífica e tão maravilhosa com um alcance temporal e conseqüências tão grandes. Autores brilhantes já escreveram histórias inesperadas e improváveis, mas nenhuma jamais se igualará à saga do Calvário.

Quando tentamos compreender o que aconteceu quando Cristo morreu, nos deparamos com tremendas questões. Há conclusões às quais chegar, decisões a serem tomadas. À sombra da cruz, somos forçados a concluir que estamos diante de um “tudo ou nada”. Não há lugar para neutralidade. Aqueles que crêem no Senhor Jesus

Cristo não ousam ser indiferentes quanto à Sua Pessoa e obra com receio de insultar Sua majestade e demonstrar ingratidão pelo que Ele fez. Foi justificável a forma direta com a qual Ele disse à igreja de Laodiceia, *“Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca”* (Ap 3.16).

As pessoas por quem Jesus Cristo morreu não podem negar Seu direito sobre elas ou sucumbir a um cristianismo maçante ou viver para um prazer egoísta. Nossa redenção exige uma consagração total.

E se...

O que aconteceria se cristãos pudessem parar diante da cruz e entender melhor o que realmente estava acontecendo ali? Estupefatos pelas dimensões de sua salvação, se tornariam adoradores compulsivos. Eles jamais deixariam de maravilhar-se com a extraordinária graça de Jesus e falaria sobre Ele a quem os ouvisse. Dia e noite, eles estariam francamente entusiasmados com Aquele que os chamou das trevas para Sua maravilhosa luz.

Ambições mundanas morreriam conforme eles se entregassem completamente a Cristo e Sua obra. O mundo seria evangelizado. Infelizmente, esta não é a realidade. A Igreja vê tudo isso como algo natural. A morte de Jesus Cristo na cruz do Calvário não nos impacta como deveria. Nossa arrogância poderia até concluir que foi adequado que o Filho de Deus morresse por nós.

Luz na escuridão

De vez em quando, um grande raio de luz consegue atravessar a escuridão. Às vezes, um cristão pára diante do Calvário e ora sinceramente:

Ó, me faça compreender,
Ajude-me a absorver
O que significou para Ti, o Santo,
Carregar meu pecado.
- A. M. Kelly

Conforme o profundo significado do que aconteceu ali começa a tornar-se claro para esta pessoa, que ela jamais será a mesma. Dirá honestamente:

Eu vi a cena
E não posso viver para mim
A vida vale menos que nada
A não ser que eu dê tudo.

Pessoas assim jamais estarão satisfeitas novamente com uma vida cristã amena. Elas decidem que jamais voltarão a rebaixar-se à insensibilidade do seu meio. Elas percebem que o cristianismo que vêem diariamente não é o cristianismo do Novo Testamento. Um novo impulso as controla. Elas têm uma paixão que ocupa cada hora de seus dias. Elas podem tornar-se o que alguns chamam de fanáticas, mas isso de maneira alguma as detém. Se elas perderam a razão, encontraram a mente de Cristo. Se estão fora de si, estão em Deus. Se elas parecem estranhas e fora de ritmo, é porque estão dançando ao som de outra música. Elas não querem que nada se torne um obstáculo entre suas almas e um compromisso total com o Salvador.

Quatro fatos impressionantes

O que tornou essas pessoas tão diferentes? Quatro fatos tremendos estão por trás dessa mudança. Elas viram quem é Jesus, o que Ele fez, quem elas são (em comparação) e as bênçãos indescritíveis que fluem até elas do Calvário.

Ao considerar estas verdades transformadoras, vamos orar para que também possamos apreciá-las mais profundamente e nos comprometer de maneira mais integral com Cristo do que antes. Isso pode implicar mudanças revolucionárias em nossas vidas. Vamos enfrentá-las com bravura e disposição.

QUEM É JESUS?

Consideremos Jesus – Quem Ele é. Se O excluímos, eliminamos também qualquer possibilidade de significado para a nossa vida. Ele é o centro da história, a fonte de satisfação, a representação da realidade, o fato central da vida.

Ele é Único

Jesus é o filho virginal de Maria, único desde o começo. Outros nasceram para viver; Ele nasceu para morrer. A notícia do nascimento de um bebê geralmente gera alegria; a notícia do Seu nascimento perturbou o governante e a população local. Ao longo de Sua vida, as pessoas estavam ou contra ou

a favor dEle. Não havia neutralidade.

Ele é verdadeiramente humano

Jesus era humano. Ele sentia fome, sede e cansaço e parecia normal aos seus contemporâneos. Em sua aparência física, Ele era como nós. Quando tinha em torno de vinte anos de idade, Ele era um carpinteiro em Nazaré. Aos trinta, começou um ministério público de pregação, ensino e cura. Ninguém tinha motivos para duvidar de Sua verdadeira humanidade.

Ele é um Homem sem pecados

Havia algo, no entanto, que distinguia a humanidade de Jesus da nossa: nEle não havia pecado. Houve apenas uma única vez um Homem nesta terra que esteve completamente livre da mancha do pecado. Nenhum pensamento mau, motivação errada ou ato pecaminoso. Ele sofreu tentação vinda de fora, mas nunca de dentro de Si mesmo. Ele sempre fez o que agradava a Seu Pai e isso exclui a possibilidade de qualquer pecado.

Mesmo pessoas que não diriam ser Seus

amigos tinham que admitir que Ele era inocente. Pilatos não conseguiu encontrar culpa nEle. A esposa de Pilatos falou de Jesus como um Homem justo. Herodes procurou em vão evidências contra Ele. O ladrão moribundo protestou que Jesus não havia feito nada errado. O centurião chamou Jesus de Homem íntegro. Judas admitiu que havia traído sangue inocente.

Sim, nosso Senhor é único. Ele é verdadeiramente humano e é um Homem sem pecados. Porém, isso não é tudo. Jamais entenderemos uma fração da magnitude do significado do Calvário até percebermos que Aquele que morreu ali é ainda mais.

Ele é Deus

Sim. Aquele que morreu na cruz do meio é o Deus encarnado. Isaías O identificou como o Deus poderoso (Is 9.6). Deus Pai O chamou de Deus: “...do Filho, diz: *Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos...*” (Hb 1.8 – ARC). João disse “...o Verbo era Deus” (Jo 1.1) e adiante, no versículo 14, disse: “*E o Verbo se fez carne e*

habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” – uma descrição que somente poderia se aplicar ao Senhor Jesus. Nosso Senhor insistiu que todos deveriam honrá-lo *“como honram o Pai”* (Jo 5.23 – NVI). Paulo falou de Cristo como Aquele *“o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre”* (Rm 9.5). Mais de 100 outros versículos não deixam lugar para discussões: Jesus Cristo é Deus. NEle habita toda a plenitude da Divindade (Cl 2.9).

John Wesley maravilhou-se com a encarnação quando escreveu: “Nosso Deus comprimido em um momento, incompreensivelmente transformado em Homem”. William Billings, um músico amador (curtidor por profissão), nos convida: “Venha, veja seu Deus deitado sobre a palha”.

Outro poeta, agora desconhecido, escreveu: “Veja, em uma manjedoura está Aquele que criou os céus estrelados”.

Outro autor, também anônimo, escreveu estas palavras:

Frias no berço as gotas de orvalho a cair;
Sua cabeça deitada com os animais do estábulo.
Anjos O adoram, em sono descansa,
Criador e Monarca, Salvador de todos.

Booth-Clibborn, um escritor de hinos britânico, também percebeu que o próprio Deus foi a Belém:

Desceu de Sua glória, a história eterna,
Meu *Deus* e Salvador veio
E Seu nome era Jesus

O jovem judeu de Nazaré era o “Ancião de Dias”. Foi Deus Filho quem usou o avental de carpinteiro em meio à poeira da oficina. Foi o Deus-Homem quem usou o avental de escravo e lavou os pés dos Seus discípulos. Foi o Filho de Deus que criou nervos ópticos para o cego de nascença. Ninguém além de Deus poderia acalmar as águas tempestuosas do Mar da Galiléia com uma palavra. Somente Ele podia ressuscitar Lázaro quando este estava morto há quatro dias.

É impossível enfatizar suficientemente o fato de que o Cristo do Calvário foi quem “*estendeu o céu, fundou a terra e formou o espírito do homem dentro dele*” (Zc 12.1).

Nossa tendência é vê-lo à nossa imagem e semelhança. Como Ele disse a Seu próprio povo no Salmo 50.21: “...*você pensa que eu sou como você?*” (NVI).

Palavras são deploravelmente inadequadas quando tentamos descrever a Pessoa do Senhor Jesus. A misteriosa união de Deus e Homem que há nEle foge à linguagem.

Porém, não podemos parar aqui. Há outra maravilha que surpreende a mente. Ao considerar o que Ele fez por nós, sofremos algo como uma sobrecarga sensorial.

O QUE ELE FEZ

Se a Pessoa de Cristo é de uma profundidade incompreensível, Sua morte na cruz como Substituto de pecadores abala a imaginação. Alguém morreu por nós. Mais que isso, não foi um homem como nós. Isso já seria profundo o suficiente e seria motivo de gratidão sem fim. Precisamos nos conscientizar do fato que Quem Se entregou por nós é a Segunda Pessoa da Trindade. É surpreendente que não estejamos mais maravilhados.

No entanto, a Bíblia realmente diz que o Deus encarnado morreu por nós? Sim. Paulo disse aos anciãos efésios para pastorearem “*a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue*” (At

20.28).¹ Quem comprou a Igreja com Seu sangue? A Pessoa a quem “Ele” se refere é “Deus”. Deus foi o Comprador, a Igreja foi o produto e Seu sangue foi o preço. A maravilha é que o Cordeiro que foi morto é Deus em forma humana. Aquele que foi pendurado na cruz é Quem habita na eternidade: Emanuel, Deus conosco.

No primeiro capítulo de Colossenses, o Espírito enfatiza consideravelmente a divindade do Senhor Jesus Cristo; Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a Criação (v.5), o Criador de todas as coisas (v.16), Aquele que é antes de todas as coisas e em Quem tudo subsiste (v.17). Entretanto, no mesmo contexto, a Palavra diz “*no qual temos a redenção, a remissão dos pecados*” (v.14).

Hebreus 1.3 é outro versículo que ensina que foi Deus em um corpo humano Quem morreu na cruz: “*Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas*”. A expressão “o

resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser” quer dizer que o Senhor Jesus é igual a Deus o Pai em todos os aspectos e foi Ele quem nos purificou de nossos pecados ao morrer no Calvário.

Ainda outro versículo bastante forte sobre a divindade de Cristo está em Filipenses 2.6. O apóstolo enfatiza que o Senhor Jesus subsiste na forma de Deus, o que significa que Ele é completamente Deus. O Salvador não considerou uma usurpação o ser *igual a Deus*. No entanto, este mesmo Deus encarnado “*a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz*” (Fp 2.8).

Fica claro, então, que a Pessoa levada, crucificada e morta pelos homens corruptos é Deus, o Filho. Em algumas religiões, homens, mulheres e, às vezes, crianças morrem por seu deus; nunca ouvi falar de outra crença em que uma divindade morra por suas criaturas. Nunca realmente compreenderemos o Calvário até estarmos diante da cruz olhando para o Melhor, o Amado e percebermos que Ele é o Deus Encarnado, nosso Criador.

Deus pode morrer?

Tal afirmação levanta três questões. Em primeiro lugar, Deus é Espírito (Jo 4.24) e um espírito não tem carne e osso. Isso é verdade, mas o Filho de Deus se vestiu de um corpo de carne, ossos e sangue para poder comprar a Igreja.

Segundo: Deus é imortal, o que significa que Ele não está sujeito à morte. Como Ele poderia morrer? Mais uma vez, a resposta se encontra na encarnação. Deus acomodou Sua divindade em um corpo humano para que pudesse morrer pela humanidade. “...*tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem*” (Hb 2.9).

O Senhor Jesus não é Deus menos alguma coisa. Ele é Deus mais alguma coisa. Esta coisa é a humanidade.

Isaac Watts percebeu que Aquele que morreu por ele era ninguém menos que Cristo, seu Deus: Não permita, Senhor, que eu me orgulhe De nada

além da morte de Cristo, **meu Deus**; Todas as coisas
vãs que mais me encantam Eu sacrifico ao Seu
sangue.

Charles Wesley se deparou com este fato e
então escreveu estas frases inesquecíveis: É mistério
profundo, **o Imortal morre**; Quem pode
compreender Seu notável plano?

Em vão tenta o primeiro serafim
Anunciar as profundezas do amor divino.

O mistério não impediu com que Wesley
continuasse falando dessa maravilhosa verdade: Que
amor incrível! Como pode ser

Que **Tu, meu Deus**, morrerias por mim?

Quem controlaria as coisas?

Surge uma terceira questão. Se Aquele que
sustenta todas as coisas morreu, então quem
controlou o universo durante os três dias e noites em
que Seu corpo esteve no túmulo? A resposta é que,
quando Jesus morreu, somente Seu corpo foi para o
túmulo. Seu espírito e sua alma foram para o
paraíso (Lc 23.43), isto é, para o céu (2 Co 12.2,4).

Não houve nenhum intervalo de tempo em que Ele não estivesse totalmente no controle. Em um momento, Ele estava na Terra, sustentando todas as coisas pela palavra do Seu poder. Então, Ele foi imediatamente para o paraíso onde continuou a controlar todas as coisas, sem interrupções.

A verdade incrível de que o Ser Supremo se entregou como sacrifício por nós é espantosa. Mesmo os esforços mais brilhantes para descrevê-la não passam de tentativas. A linguagem se curva em humilhação. Entender que o que aconteceu no Calvário não foi um homicídio, humanos matando outro humano, exige um grande esforço mental. Não foi um genocídio, a destruição de uma raça ou grupo étnico. Foi deicídio, o assassinato da divindade.

Charles Spurgeon pergunta: “Quem imaginaria que o justo Governante morreria pelo injusto rebelde? Isso não é uma lição da mitologia humana ou um sonho da imaginação poética. Esse método de expiação é conhecido entre os homens somente porque é um fato. A ficção não poderia tê-lo planejado. O próprio Deus o determinou. Não é

algo que poderia ter sido imaginado”.

Temo que desenvolvemos uma familiaridade tão mortal com as palavras das Escrituras que elas tenham perdido seu impacto sobre nós. Nós afirmamos que “o Filho de Deus me amou e se entregou por mim”, mas não perdemos o fôlego ou choramos por isso. Repetimos versículos parecidos com pouca ou nenhuma emoção. Pregamos essa verdade de maneira tão insossa e trivial que não levamos aqueles que nos ouvem ou a nós mesmos a nos ajoelharmos. Somos culpados do que foi chamado a maldição de um “cristianismo de olhos secos”. Precisamos voltar constantemente à maravilhosa realidade de que foi nosso Salvador-Deus quem morreu por nós.

F. W. Pitt descreve parte da maravilha desse conceito nestes versos memoráveis: O Criador do universo

Como homem pelos homens foi feito maldição; As exigências da lei
que Ele fez,
Até o último centavo pagou.
Seus santos dedos fizeram o ramo
Onde cresceram os espinhos que coroaram Sua cabeça.

Os pregos que furaram Suas mãos foram minados Em lugares
secretos que Ele desenhou;
Ele fez a floresta onde nasceu
A árvore na qual Seu corpo foi pendurado.
Ele morreu em uma cruz de madeira,
Mas fez a colina sobre a qual ela se ergueu.
O céu que se escureceu sobre Sua cabeça Por Ele sobre a Terra foi
desdobrado;
O sol que dEle escondeu o rosto
Por Sua ordem foi equilibrado no espaço; A lança que derramou Seu
precioso sangue Foi temperada no fogo de Deus.
O túmulo em que Seu corpo foi colocado Foi cortado de pedras que
Suas mãos fizeram; O trono sobre o qual Ele agora está
Foi dEle desde a eternidade;
Mas uma nova glória coroa Sua cabeça,
E todo joelho se dobrará diante dEle.

A maravilha da morte dAquele que lançou as
mais distantes galáxias no espaço aumenta ainda
mais quando consideramos o tipo de pessoa por
quem Ele morreu. Não é uma imagem bonita.

QUEM SOMOS NÓS?

O plano divino de redenção se torna ainda mais assombroso quando levamos em consideração quem são as pessoas por quem o Senhor morreu, aquelas que Ele comprou com Seu próprio sangue (At 20.28). Estou falando, é claro, de nós mesmos e de toda a raça humana.

Insignificantes No universo do telescópio Hubble, nós somos microscopicamente pequenos. Vivemos em um planeta que não é exatamente a maior coisa que Deus já criou. Na verdade, nossa Terra não é mais que uma partícula de poeira cósmica, o que quer dizer que nós somos anões microscópicos em uma

partícula de poeira cósmica. Certo físico afirmou que humanos são “simplesmente partículas de matéria auto-duplicáveis presas em um minúsculo planeta por algumas dezenas de órbitas ao redor de uma estrela qualquer em uma de bilhões de galáxias”.² A percepção da nossa insignificância trouxe ao salmista uma pergunta aflita: “...que é o homem, que dele te lembres? E o filho do homem, que o visites?” (Sl 8.4).

Frágeis

Não somos apenas minúsculos, somos também frágeis mortais formados por nada mais substancial que pó e água. Em um dia podemos estar em nosso ápice atlético e, poucas horas depois, ser abatidos por algum vírus microscópico. Em um momento, somos capazes de lidar com problemas conforme eles vão surgindo. Então, diante de um acidente ou doença, nos tornamos incapazes e emotivos.

Perecíveis

Somos transitórios. À luz da eternidade, nossa

vida na Terra dificilmente entra na escala do tempo. Nossos poetas já compararam a vida humana a um fôlego, a um navio no horizonte, ao mergulho de uma águia, a uma sombra, a um palmo, a um piscar de olhos. A vida é como fumaça, vapor, grama, flores, “a lançadeira do tecelão”. Spurgeon reduziu nossa biografia a quatro palavras: Plantar, crescer, florescer e partir.

Maus

Ainda pior é o fato de que realmente não somos boas pessoas. Esse provavelmente é o maior eufemismo do século. Somos todos pecadores e o pecado afetou todas as partes do nosso ser. Embora talvez não tenhamos cometido todo tipo de pecado, somos capazes de fazê-lo. Ficamos chocados com o comportamento de outros, mas esquecemos que somos capazes de fazer ainda pior. O que somos é pior que qualquer coisa que tenhamos feito. Nosso potencial para o mal é monstruoso. O profeta Jeremias nos lembrou de que o coração do homem é *“enganoso [...] mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto”* (Jr 17.9). Nenhum de

nós compreende completamente a profundidade da nossa depravação pessoal.

Imundos

Bildade, um dos supostos consoladores de Jó, nos faz a crítica máxima ao afirmar: “*Se nem a lua é brilhante e nem as estrelas são puras aos olhos dele [de Deus], muito menos o será o homem, que não passa de larva, o filho do homem, que não passa de verme!*” (Jó 25.5-6 – NVI). Isaías foi um pouco mais delicado quando disse que os habitantes da Terra são como gafanhotos para Ele que se assenta sobre a redondeza da Terra (Is 40.22).

Inimigos de Deus Quando ainda não éramos cristãos, não amávamos a Deus com toda nossa alma, mente, coração e força. Ao contrário, dizíamos “Retira-te de nós! Não desejamos conhecer os teus caminhos” (Jó 21.14). Pensar sobre Deus muitas vezes nos deixava desconfortáveis. Tínhamos vergonha de falar sobre Ele com outros. Todos lembramos de épocas em que só estávamos felizes quando

conseguíamos esquecer-IO e tristes apenas quando nos lembrávamos dEle. Nenhuma divindade cósmica ia mandar em nossas vidas. Sendo franco, estávamos em guerra com Ele. Nas palavras do Major André:³

Contra o Deus que formou o céu,
Lutamos com punhos levantados;
Desprezamos a menção da Sua graça,
Orgulhosos demais para procurar abrigo.

Assassinos

Ainda assim, nunca conheceremos realmente a maldade do coração humano até estarmos diante da cruz do Calvário e vermos o homem matando o Senhor da Glória. A idéia é atordoante, assombrosa, inimaginável. O Deus Filho vem à Terra para resgatar Sua criação, mas ela se volta contra Ele e mata Aquele de quem depende sua própria existência.

É claro que esse não foi o fim. Ele ressurgiu dos mortos e depois subiu ao céu. Desde então, Ele tem oferecido a vida eterna como um presente a todos que se arrependem de seus pecados e O recebem como Senhor e Salvador crendo que, como seu Substituto, Ele morreu para pagar o preço de seus pecados.

É isso que significa “graça”. Deus poderia ter dado as costas para a raça humana. Ele poderia tê-los vaporizado em um holocausto nuclear. Não sobraria ninguém para acusá-LO de injustiça. Ao invés disso, Ele escolheu povoar o céu com aqueles

que cuspiram em Seu rosto e O pregaram a uma cruz.

Esquecidos e indiferentes Se nos lembrássemos constantemente de que o Cristo do Calvário é o Deus da eternidade, estaríamos “absortos em maravilha, amor e adoração”. “Aqui, corações cheios só poderiam chorar, imersos na gloriosa profundidade da graça” (autor desconhecido). Seria uma surpresa tão grande que a compartilharíamos com todos que conhecemos, eternamente deslumbrados. Não falaríamos de qualquer outra coisa. Essa graça nos prostraria em louvor, nos levaria a servir e nos encorajaria a evangelizar, mas não lembramos disso. Cometemos o terrível pecado de considerar esse evento algo normal.

Não perdemos o gigantesco assombro disso tudo? Nós citamos versículos com tanta frequência e de maneira tão mecânica que eles se tornaram maçantes para nós. Quanto mais envelhecemos,

mais difícil se torna manter nossa admiração.

Com muita frequência temos que perguntar:
Sou eu uma pedra e não um homem,

Para conseguir estar, ó Senhor, aos pés da Tua cruz, E contar, gota a gota,

A perda vagarosa do Teu sangue,

E ainda assim não chorar?

- Christina Rossetti

Com muita frequência temos que admitir: Ó,
enigma que sou para mim,

Cordeiro que amou, sangrou e morreu,

Que possa contemplar o mistério

E não ser tocado a amar-Te mais.

- Autor Desconhecido

J. H. Jowett se questionou a respeito da nossa insensibilidade. Ele escreveu: Deixamos nossos locais de adoração e já não resta mais nenhum assombro profundo e inexpressível em nossos rostos. Cantamos aquelas melodias alegres e, quando saímos às ruas, nossos rostos são iguais aos daqueles que acabaram de sair de teatros e concertos. Não há nada em nós que sugira que estávamos vendo algo estupendo ou maravilhoso...

Qual é, então, a explicação para essa perda? Acima de tudo, nossa concepção empobrecida de Deus.⁴

Precisamos retomar a imensidão do Calvário: o Salvador Sofredor é o Onipotente, Onisciente e Onipresente Senhor da Glória, o Deus encarnado.

ELE PAGA, NÓS GANHAMOS

Agora vamos considerar os benefícios incomparáveis que nos foram cedidos através de Cristo.

Somos salvos

Em primeiro lugar, o Senhor Jesus nos salvou do inferno, o lago de fogo. É um fogo eterno inextingüível. A respeito dos habitantes do inferno, Jesus disse que “*não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga*” (Mc 9.44). Em outras palavras, sua angústia mental e sofrimento físico são infinitos. Inferno significa separação de Deus. É a existência na mais completa escuridão para sempre. Significa

estar em um lugar onde não há amor. Se o Senhor Jesus não tivesse feito nada além de salvar os cristãos desse destino, isso já seria motivo para gratidão e louvor eternos. Porém, Ele fez ainda mais.

Somos perdoados

Nossos pecados são perdoados. Todos eles. Já que Cristo pagou o castigo, Deus pode, de maneira justa, nos declarar perdoados quando nos arrependemos e aceitamos a Seu Filho como nosso Senhor e Salvador. Nossos pecados estão tão afastados de nós quanto o Oriente do Ocidente, enterrados no mar de perdão eterno, ocultos como por uma espessa nuvem, lançados às costas de Deus, jogados nas profundezas do oceano e feitos brancos como a neve. Seu perdão é tão eficiente que Ele não encontra em nós nem um único pecado pelo qual nos punir com a morte eterna. Como pecadores, recebemos perdão judicial de pecados quando cremos em Cristo. Como cristãos, recebemos perdão paterno quando confessamos nossos pecados.

Recebemos a vida eterna

Deus nos dá a vida eterna. Isso é mais que uma existência infinita. Significa que recebemos a vida de Cristo, uma vida com nova qualidade. Nos tornamos *“coparticipantes da natureza divina”* (2 Pe 1.4). Todas as coisas foram feitas novas – um novo ódio pelo pecado; um novo amor pela santidade; um novo amor por outros cristãos; um novo amor por um mundo de pessoas perdidas; uma nova liberdade do domínio do pecado; uma nova vida de justiça e um novo desejo de confessar a Cristo.

Somos aceitos

Enquanto estávamos perdidos em nossos pecados, não tínhamos direito algum de entrar na presença de Deus. Éramos sujos, impuros e indignos. Porém, no momento em que nascemos de novo, Deus nos vê em Cristo e nos aceita baseado nisso. Como C. D. Martin declarou em seu hino “*Accepted in the Beloved*” (Aceito no Amado): Deus vê meu Salvador e então me vê

“No Amado”, aceito e livre.

Quanto à nossa situação diante de Deus, fomos revestidos de Cristo, envoltos no amor do Filho de Deus. Um mendigo não pode entrar na presença de um governante por seu próprio mérito (ele provavelmente não o tem). No entanto, o príncipe poderia convidá-lo à corte e apresentá-lo ao monarca. Nesse caso, ele é aceito em virtude daquele em cujo nome ele vem. O Senhor Jesus é nosso Príncipe, que abriu para nós o caminho até o Pai.

Somos completos

Por nós mesmos, não somos dignos do céu, nem antes nem depois de nossa conversão. O padrão de Deus é a perfeição e não conseguimos alcançá-lo. Não nos qualificamos como cidadãos do céu nem por boas obras nem por uma vida virtuosa. Porém, uma das maravilhosas coisas que acontecem quando aceitamos a Cristo é que Deus, daqui pra frente, nos conecta a Seu Filho. Como já vimos, Ele nos vê em Cristo. O Senhor Jesus, portanto, se torna nossa dignidade para estarmos na presença de Deus. Somos “*perfeitos nele*” (Cl 2.10). Se O aceitamos, não precisamos de mais nada para nos tornar elegíveis. É o que Ele fez que importa, não o que nós precisamos fazer. É mérito dEle, não nosso. É porque o Pai nos vê nEle que nos qualificamos como “*idôneos para participar da herança dos santos na luz*” (Cl 1.12 – ACF). Nós somos tão dignos do céu quanto o próprio Deus pode nos tornar, porque Cristo é a nossa dignidade e Ele não pode ser melhorado.

Somos filhos de Deus

No momento de nossa conversão, nascemos na família de Deus. A partir dali, Ele é nosso Pai e somos Seus filhos, através de um relacionamento que não pode ser rompido. Nenhum anjo é tão privilegiado assim. Isso é reservado para os pecadores salvos pela graça. Seja estudando o Universo estrelado através de um telescópio, seja analisando uma célula através de um microscópio, podemos dizer: “Meu Pai fez tudo isso”. Outros podem se orgulhar de suas linhagens, de seus contatos com pessoas famosas ou de suas riquezas, mas todas essas honras perdem o sabor quando comparadas com conhecer pessoalmente a Deus como Pai.

Somos herdeiros e co-herdeiros Por sermos Seus filhos, somos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Jesus Cristo. Isso quer dizer: prepare-se, pois tudo o que Deus tem é nosso. O apóstolo Paulo disse “...tudo é vosso e vós, de Cristo e Cristo, de Deus” (1 Co 3.22b-23).

Imediatamente, somos tentados a pensar em riquezas materiais, mas isso provavelmente é o de menos. Paulo explica o “tudo” incluindo os servos de Deus (você não tem que escolher o seu preferido), o mundo, a vida, a morte, as coisas presentes ou futuras. Podemos dizer que nossas mentes são incapazes de compreender tudo o que significa sermos herdeiros de Deus, mas um dia poderemos desfrutar plenamente de tudo isso. Por enquanto, podemos comemorar o fato de que nós, pecadores salvos pela graça, somos herdeiros de todos os tesouros divinos. Não há conto de fadas como esse, nem uma transformação de mendigos em milionários como essa. É o suficiente para queimar fusíveis em nossos cérebros.

Somos habitados

O Espírito Santo habita eternamente em cada cristão. Pense nisso: A Terceira Pessoa da Trindade realmente habita em nossos corpos. Ele está ali como um selo, marcando-nos como eternamente pertencentes a Deus. Ele é uma entrada, garantindo que receberemos tudo o que o Salvador comprou para nós no Calvário, inclusive o corpo glorificado. Com a unção, Ele nos permite discernir verdades e erros. É um auxiliador se aproximando para ajudar-nos quando precisamos. Ele nos guia, ora por nós e produz o fruto da santidade em nossas vidas. Poderíamos perguntar: “Que ministério bom e necessário Ele não exerce em nós?”

Somos Sua noiva

A Igreja, formada pelos cristãos, é a noiva de Cristo. Isso mostra o amor especial que Ele tem por nós. “...*Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito*” (Ef 5.25-27). Ser parte da Sua noiva é uma honra maior que tornar-se membro de todas as organizações, fraternidades e sociedades mais prestigiadas da Terra. A Igreja importa mais para Deus que todas as nações do mundo. Elas são apenas uma gota no balde ou pó na balança (veja Is 40.15). A Igreja é a noiva de Cristo. Ela é a associação dos notáveis na Terra.

Podemos orar

Temos acesso constante ao Soberano do Universo através da oração. Não precisamos agendar nada. Pela fé, entramos no Santo dos Santos com nossa adoração, louvor e ação de graças e então com nossas súplicas e intercessões. Sabemos que Ele responde a cada oração exatamente da mesma forma que nós o faríamos se tivéssemos Sua sabedoria, Seu amor e Seu poder. Esse privilégio da oração foi comprado para nós pelo sangue de Jesus (Hb 10.19) e tem um valor inestimável.

Teremos glória eterna

Estamos destinados à glória eterna com o Senhor no céu. O Salvador não ficou satisfeito com apenas salvar-nos do inferno ou dar-nos uma existência prolongada no planeta Terra. Não, Ele não estará satisfeito até que nós recebamos corpos glorificados como o Seu corpo ressurreto e estejamos com Ele no céu.

E é assim – eu serei como Teu Filho?

Essa é a graça que Ele ganhou para mim?

Pai da glória, pensamento além de qualquer pensamento!

Na glória, feito à sua bendita semelhança!

J. N. Darby

Mesmo depois de dizer tudo isso, ainda nem arranhamos a superfície das bênçãos que fluem da cruz. Paulo resume isso dizendo que fomos abençoados “*com todas a sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo*” (Ef 1.3). Somos as pessoas mais favorecidas da Terra e tudo por causa do Calvário. Nós realmente ganhamos porque Ele pagou.

Precisamos responder

Só há uma conclusão. Como dissemos, tem que ser tudo por Cristo ou nada. Não podemos mais desperdiçar nossas vidas em buscas triviais. Não podemos mais estar satisfeitos com o que J. H. Jowett chamou de “pequenos burocratas em empreendimentos passageiros”. Daqui em diante, temos que determinar que esse amor tão incrível e tão divino terá “**nossos corações, nossas vidas, tudo**”. Precisamos assumir um compromisso total com Ele.

Parte II

O COMPROMISSO DE ACORDO COM AS ESCRITURAS

O QUE É COMPROMISSO?

A lógica da nossa redenção tem nos levado a uma via de mão única que deveria terminar em um compromisso total.⁵ OK! Isso quer dizer que minha obrigação é ir à igreja regularmente, colocar dinheiro na caixa da oferta, ler a Bíblia de vez em quando e orar? Isso é tudo o que isso significa? Dificilmente!

Compromisso é um ato definido e bem pensado em que uma pessoa entrega sua vida ao Senhor para que Ele possa fazer o que quiser com ela. É trocar nossa vontade pela dEle. É abrir mão de nossos direitos esfarrapados e reconhecer os

direitos do Seu trono. É abandonar tudo por Ele que abandonou tudo por nós.

Em toda vida há um trono. O ocupante natural desse trono sou eu mesmo. Compromisso é quando eu sou destronado e o Senhor Jesus é coroado Rei. É quando dizemos de coração:

Me aceita como sou, Senhor,
E me faz Teu;
Faz do meu coração a Tua casa
E Teu trono real.
- Autor desconhecido

É impossível comprometer-me com Jesus para a salvação, mas não comprometer-me com Ele para o serviço. Ambos os compromissos devem acontecer na conversão, assim como foi com Saulo de Tarso; mas, infelizmente, as coisas nem sempre são como deveriam ser nessa vida.

Compromisso é negar a si mesmo, levar sua cruz e segui-lo. É perder a vida por causa dEle e do Evangelho. É entregar corpo e alma para que Deus os despedace. Quando você deseja Sua vontade acima de tudo e dá a Ele a devoção do seu coração e o amor de sua alma, você é um cristão

comprometido.

Entrega Incondicional

Uma dedicação total a Jesus é incondicional. Certas palavras ou frases não podem entrar em seu vocabulário, como: “não assim, Senhor”, “eu vou Te seguir, mas deixe-me primeiro...” ou “agora não, mas mais tarde”. Compromisso significa uma submissão a Ele na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, em casa ou longe, solteiro ou casado, desconhecido ou famoso, em uma vida curta ou longa.

Isso parece ser uma carga pesada para se colocar sobre alguém? Pelo contrário, Cristo diz que Seu jugo é suave e Seu fardo é leve. O difícil é tentar planejar seu próprio curso e fazer as coisas do seu próprio jeito.

O COMPROMISSO DE CRISTO

Assim como nosso Senhor é o autor e consumidor da nossa fé, Ele também é o maior exemplo de compromisso. Para entender o que essa palavra quer dizer, estudamos a vida do Filho de Deus.

Quando o Pai olhou para nossa perdição e extrema necessidade, procurou um voluntário: “Quem enviarei e quem irá por Mim?”. O Único qualificado e disposto. “Aqui estou. Envia-Me”, disse o Filho. Em essência Ele queria fazer a vontade de Deus e sabia exatamente o que isso

significava.

Significava que o Criador nasceria em um estábulo. Não havia nenhuma ala anti-séptica da maternidade ou berço limpo. Não. Um abrigo malcheiroso para o gado e a palha de uma manjedoura teriam que servir.

Nem mesmo anos mais tarde nosso Senhor conheceria os confortos que consideramos direitos inalienáveis. Ele nunca teve água corrente quente e fria, banheiro interno ou um colchão de molas. Ele não teve nem o que mesmo raposas e pássaros têm - um lugar de descanso só Seu. Enquanto Seus discípulos se dispersaram para suas casas, Jesus dormiu no Monte das Oliveiras. Como E. S. Elliot escreveu, “Tua cama era o gramado, ó Filho de Deus”.

O Salvador sabia que a vontade de Deus significava vir a um mundo de pecado. Não temos como compreender o sofrimento que esse evento trouxe à sua alma pura. Para Ele, pecado era repulsivo e revoltante. Resistir a tentações pode doer para nós; mas o meramente entrar em contato com o

pecado causou um sofrimento profundo Àquele que nunca pecou.

Doce injustiça?

Ao aceitar a vontade de Deus, nosso Salvador sabia que seria desprezado e rejeitado. Ele entregaria Sua vida abençoando pessoas. Ele daria vista aos cegos, audição aos surdos e libertação aos endemoninhados. Os mudos fariam, paráliticos caminhar e mortos viveriam novamente. Ainda assim, Ele receberia ingratidão e abuso.

Por que, o que fez o meu Senhor?
O que causa essa raiva e desprezo?
Ele fez os paráliticos correrem,
E deu aos cegos sua visão.
Doce injustiça!
Ainda assim disso
Eles não se agradam,
E se levantam contra Ele.
- Samuel Crossman

Jesus sabia o que era solidão e conhecia a tristeza pessoalmente. Ele ganhou o nome de *Homem de Dores*. Ele seria insultado, acusado de ter nascido da imoralidade, de estar possuído por

demônios, de fazer milagres em nome do Diabo – tudo isso por suas próprias criaturas. No entanto, Ele pensou em desistir? Nunca.

Foi um caminho solitário que ele trilhou Diferente de todas as almas humanas.

Somente por Ele e por Deus

Era conhecida a tristeza que enchia seu coração.

Mas deste caminho Ele não desistiu

Até que, onde eu estava, em pecado e vergonha, Ele ME

ENCONTROU! Bendito seja o Seu nome!

- Autor Desconhecido

Quando o Filho disse “aqui estou. Envia-Me”, o futuro estava exposto diante dEle, mas Ele estava tão comprometido com a vontade do Pai que enfrentou esse futuro com determinação.

Inúmeras vezes, em Seu ministério aqui na Terra, Ele falou de Seu desejo de estar completamente comprometido com Seu Deus e Pai.

Ele apelou ao consistente testemunho da Palavra de que Seu propósito, ao vir ao mundo, era fazer a vontade do Seu Pai (Hb 10.7).

Quando Ele limpou o Templo, Seus discípulos lembraram-se do Salmo 69.9: “...o zelo da tua casa

me consumiu... ”. O compromisso com os interesses do Seu Pai consumia o Salvador.

Quando, aos doze anos, Seus pais O repreenderam por afastar-Se da caravana que voltava a Nazaré, Ele os lembrou que devia fazer a obra do Pai (Lc 2.49).

Quando os discípulos demonstraram preocupação por Ele não ter comido, disse-lhes: “*A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra*” (Jo 4.34).

Ao dizer que “*o Filho nada pode fazer de si mesmo*” (Jo 5.19), o Senhor negava qualquer iniciativa ou originalidade em Suas ações. Tudo o que Ele fazia era em obediência ao Pai (Jo 7.16; 12.50; 14.10,31).

Àqueles que queriam matá-lo, por ter curado alguém no sábado, Ele disse: “*...não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou*” (Jo 5.30b). Nenhum outro jamais foi tão focado.

Um dia Ele disse à multidão: “*Porque eu descí*

do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou” (Jo 6.38).

Em ocasião semelhante, Ele disse a Seus futuros assassinos: “...*eu faço sempre o que lhe agrada*” (Jo 8.29b). Obediência não era um ato eventual: era Seu estilo de vida.

A sombra da cruz estava sempre à Sua frente, mas Ele a encarava com calma – e até com angústia. Jesus disse: “*Tenho, porém, um batismo com o qual hei de ser batizado, e quanto me angustio até que o mesmo se realize!*” (Lc 12.50).

Não havia recuo. Na fatídica última viagem a Jerusalém, Ele “*foi adiante*” (Lc 19.28 - NVI). Parece que os discípulos ficaram para trás arrastando os pés relutantes.

A vontade de Deus incluiu o Getsêmani onde Ele orou: “*Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres*” (Mt 26.39). Seu clamor angustiado não foi para escapar da morte, mas uma indicação divina de que não poderíamos ser salvos de outra forma. Sua pergunta retórica sobre haver outra

forma foi respondida pelo silêncio dos céus. Não havia outra forma.

Negado, traído, esquecido Jesus seria traído por um amigo, negado por um discípulo fraco, beijado por um homem possuído por Satanás, esquecido por aqueles próximos a Ele. Ele seria preso por acusações falsas e condenado em um julgamento forjado. O veredito seria “inocente” e ainda assim Ele seria condenado à morte. Ele poderia ter invocado doze legiões de anjos, mas escolheu morrer – por você e por mim. Preferiu a vontade de Deus à Sua própria segurança.

Ele tinha poder para descer da cruz, mas tinha também poder para não descer. Ele não quis ser salvo dela. Foi para esse momento que Jesus veio ao mundo (Jo 12.27). Não foram os pregos que O prenderam ali, mas Seu compromisso com a vontade de Deus.

Um Substituto carregando nossos pecados O maior horror seriam aquelas três horas de

trevas em que Deus esqueceria Seu Filho, quando o Senhor Jesus carregaria a ira pura de Deus para pagar a pena pelos nossos pecados. Nenhuma mente finita jamais compreenderá o que isso significou para o Santo. No entanto, Ele estava disposto a agüentar tudo isso em obediência à vontade de Deus e por amor às nossas almas.

Sim, Ele sabia que ressuscitaria dos mortos, subiria novamente ao Céu e seria honrado com o Nome que está acima de todo nome. Ele sabia que eventualmente todo joelho se dobraria diante dEle e toda língua confessaria que Ele é o Senhor. Antes da coroa, porém, vinha a cruz; antes da glória, o sofrimento. O Senhor Jesus estava totalmente comprometido com a vontade de Deus não importando o custo.

Nosso Salvador estava comprometido com Deus e Ele nos deixou um exemplo para que possamos seguir Seus passos. Quando formos tentados a reclamar ou desistir, devemos pedir-Lhe que “encoraje nosso tímido esforço”.

Senhor, quando estou exausto do trabalho árduo, E Teus mandamentos
parecem duros de carregar, Se minha carga me fizer reclamar,
Senhor mostra-me Tuas mãos,
Tuas mãos perfuradas pelos pregos,
Tuas mãos feridas pela cruz,
Meu Salvador mostra-me Tuas mãos.
Cristo, se meus passos vacilarem,
E eu estiver pronto para recuar,
Se deserto ou espinho trouxerem lamento, Senhor mostra-me Teus
pés,
Teus pés que sangraram,
Teus pés marcados pelos pregos,
Meu Jesus mostra-me Teus pés.

- Autor Desconhecido

UM CHAMADO ANTIGO

Não há passagem na Bíblia que deixe esse chamado a um compromisso total mais explícito e inevitável que Deuteronômio 6.5: “*Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força*”.

Para que ninguém alegue que isso faz parte da dispensação da lei e, portanto, não se aplica a nós hoje, o Espírito Santo o repete três vezes no Novo Testamento, acrescentando “*de todo o teu entendimento*” (Mt 22.37; Mc 12.30; Lc 10.27). Nos Evangelhos, no entanto, esse chamado não é uma lei passível de punição, mas sim, uma instrução na justiça àqueles que são salvos pela graça.

Jesus disse que amar a Deus é o primeiro e maior mandamento. Em seguida, Ele acrescentou que toda a Lei e os Profetas se baseiam em dois mandamentos (ame a Deus e ame a seu próximo), ou seja, eles resumem todo o Antigo Testamento. Por essas duas leis serem maiores que todo o sistema hebraico de sacrifícios, elas precisam ter uma importância maior para nós.

O mandamento estabelece o critério para nós e nos mostra o quão longe estamos de alcançá-lo. Também é um chamado a um compromisso. Embora não possamos obedecê-lo perfeitamente, deveríamos estar caminhando nessa direção. Para nós, aqui na Terra, esse alvo nunca será alcançado, mas deve sempre ser buscado num processo contínuo.

“Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus...”. Ele é nosso Senhor, nosso Mestre. Ele é nosso Deus, Criador, Sustentador, Salvador, Aquele que nos protege. Ele merece nosso amor e quando o tiver, também terá nossa obediência.

Nossa capacidade afetiva *“...de todo o teu*

*coração... ”. Nosso Deus tem que vir em primeiro lugar em nosso coração. Qualquer outra paixão deve ser secundária. Não ignore a palavra “*todo*” aqui e nas expressões seguintes. Isso significa amar ao Senhor acima de qualquer outra coisa.*

Como será isso quando O amarmos? Temos uma idéia quando estudamos o relacionamento entre a mulher sulamita e seu amado em Cânticos dos Cânticos.

Ela nunca estava tão feliz quanto quando estava em sua presença.

Sua ausência lhe causava dor. Ela ansiava pela sua vinda.

Ela falava sobre ele com grande alegria. Sua língua era “*a pena de um hábil escritor*”.

Ela gostava de conversar com ele. Às vezes, mesmo quando ele não estava presente, ela falava com ele em voz alta.

Ela sempre estava feliz de ouvir sua voz.

Ela sonhava com ele e apreciava cada memória

com ele.

Não havia concorrentes para o seu amor.

Ele era o objeto da sua afeição.

É assim que devia ser entre nós e o Senhor.

Nossa capacidade emocional “...de toda a tua alma...”. Já que a alma é a base das emoções, podemos entender que isso significa que devemos amar a Deus com toda nossa capacidade emocional. Devemos estar empolgados com Ele, felizes quando O ouvimos sendo exaltado e bravos com qualquer coisa que O desonre. Quando nos lembramos dEle, alegria e tristeza estão misturadas – alegria de saber que Seus sofrimentos acabaram e tristeza porque foram nossos pecados que causaram esses sofrimentos.

Nossa capacidade intelectual “...de todo o teu entendimento...”. Essa frase nos chama a dar o melhor da nossa capacidade intelectual ao

Senhor. Devemos levar nossas mentes a Ele e depositá-la diante dos Seus pés em adoração, pedindo-Lhe que a use para Sua glória. Uma forma de fazer isso é ocupando nossas mentes com a Palavra para que possamos primeiro obedecê-la e então ministrá-la a outros. Todos nós nos deparamos com a escolha de dar nosso melhor para o mundo ou para o Senhor. É melhor ser conhecido como uma pessoa da Palavra que uma pessoa do Mundo.

Nossa capacidade física Com “...toda a tua força...”. Devemos amar ao Senhor com toda a nossa capacidade física. É bom lembrarmos que Ele “Não faz caso da força do cavalo, nem se compraz nos músculos do guerreiro. Agrada-se o SENHOR dos que o temem e dos que esperam na sua misericórdia” (Sl 147.10-11).

Destreza em coisas espirituais conta mais que popularidade na quadra de esportes. Um ex-atleta disse: “A maior emoção da minha vida foi quando marquei pela primeira vez um gol decisivo em uma

partida importante e ouvi os gritos da multidão que torcia. Porém, no silêncio do meu quarto, naquela noite, fui coberto por uma sensação de futilidade. Afinal de contas, de que valia? Não havia nada melhor pelo que viver do que fazer gols?”

Aqueles que vivem pelas honras deste mundo estão vendendo seus direitos de nascença por um prato de comida. Imagine dar o seu melhor por uma fita, uma placa, uma taça dourada. Certo homem que viveu por essas coisas disse: “O sonho da realidade era melhor que a realidade do sonho”.

Jovens que querem obedecer ao primeiro e grande mandamento não poderiam expressar sua resolução melhor que as palavras de Thomas H. Gill: Senhor, no ápice da minha força,

Eu seria forte para Ti;
Enquanto corro para cada doce alegria, A Ti soaria minha canção.
Eu não daria meu coração ao mundo,
Para então professar Teu amor;
Não sentiria minha força deixar-me,
Para então Te servir.
Não cumpriria a missão do mundo,
Com grande entusiasmo;
Para depois subir a colina celeste,

Com pés cansados, devagar.

Ah, se não fosse por vocês, meus desejos fracos, Minha parte mais pobre e desprezível; Ah, se não fosse por vocês, meu fogo passageiro, As cinzas do meu coração.

Ó, escolhe-me em minha época de ouro, Toma parte nas minhas doces alegrias; A Ti seja a glória do meu melhor, Tudo em meu coração.

O mandamento de amar a Deus de todo teu coração, alma e força é parcialmente refletido no último livro da Bíblia quando as multidões celestes dizem em alta voz: *“Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor”* (Ap 5.12). Sim, o Salvador já tem todo o poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor, mas a idéia aqui é de que Ele é digno de receber todas essas coisas de você e de mim. Isso certamente inclui nossa capacidade intelectual (sabedoria), nossa capacidade física (força) e nossa capacidade emocional (honra, glória e louvor).

Não há dúvida de que Ele é digno de todas as nossas capacidades. A única pergunta é: “Ele as terá?”

ABRAÃO

O Antigo Testamento tem inúmeros exemplos de compromisso. Homens e mulheres dedicados atravessam o palco da história, nos levando a admirar sua leal devoção. Uma pessoa em quem vemos uma dedicação admirável é Abraão.⁶ Sua obediência à vontade de Deus se destaca em sua disposição ao oferecer Isaque.

Começou em Berseba, cerca de 80 quilômetros ao sudoeste de Jerusalém. Abraão vivia ali com sua família. A cidade ficava em uma rota comercial ligando o Egito a Hebrom, a Belém e a outros pontos mais ao norte. O dia havia começado como qualquer outro. Não havia indicação de que algo

significativo pudesse acontecer, de que a história seria feita ali ou de que a rotina diária seria interrompida. Então Abraão ouviu Alguém chamar seu nome:

- “*Abraão*”.
- “*Eis-me aqui*”, ele respondeu.

Uma ordem de partir o coração

Então veio uma ordem extraordinária. “*Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei*” (Gn 22.2).

Não havia dúvida quanto a Quem estaria falando. Era o Senhor. Tampouco havia confusão quanto ao que Ele havia dito. Era sobre o único filho do patriarca, seu filho de um nascimento especial. Abraão tinha cem anos de idade quando Isaque nasceu e Sara tinha 91. Esse era o filho através de quem Deus havia prometido gerar uma descendência inumerável e abençoar todas as nações.

Isaque talvez tivesse cerca de 25 anos e ainda era solteiro. No entanto, Deus estava ordenando ao pai Abraão que o oferecesse como oferta queimada. *Yahweh* havia inclusive especificado o local, uma das montanhas da cadeia de Moriá.

A mensagem foi chocante. O Senhor nunca havia aprovado sacrifícios humanos e, entretanto, agora Ele o estava ordenando. Parecia que *Yahweh* estava atravessando uma faca pelas quatro camadas do coração de Abraão. Ele não disse apenas “teu filho”, disse “*teu único filho*”. Como se isso não bastasse, Deus disse o nome deste filho, “*Isaque*” e então a agonia final: “*a quem amas*”. “*Teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas*”.

Obediência inquestionável

Agora não era hora para perguntas. Não era hora de discutir com Deus ou de pedir uma prorrogação do prazo. Abraão havia recebido sua ordem e estava pronto para obedecer. Para se preparar, ele certamente foi cedo para a cama para descansar (como pode um pai descansar sob tais circunstâncias?).

Ao nascer do sol, ele estava em pé. O jumento precisava ser encilhado, a faca e o machado deviam ser afiados, a lenha tinha que ser cortada para a oferta queimada. Tudo estava ali, menos o animal para o sacrifício. Os dois jovens servos precisavam se aprontar. E – ah, sim – Isaque! Não haveria viagem sem ele.

Talvez tenha sido bom que Abraão estivesse tão ocupado. Não havia tempo para pensar no que estava por vir. Haveria muito tempo para isso nas horas seguintes. Humanamente falando, os pés daquele pai deviam estar pesados como chumbo. Por algum motivo, no entanto, eles não estavam. Ele parecia estar sendo impulsionado por um fluir de força e graça.

Então eles começaram uma viagem que levaria três dias ou mais. Foi aí que a mente de Abraão começou a correr solta. Ele certamente sentiu um emaranhado de emoções conflitantes. Quanto tempo ele havia esperado que a promessa divina de um filho fosse cumprida! Como ele havia quase explodido de orgulho e satisfação quando o bebê nasceu! Como ele havia assistido a criança crescer,

cobrindo-a de amor com uma afeição que não se podia descrever!

Ele lembrou da promessa de Deus: descendentes tão numerosos quanto as estrelas do céu e a areia da praia. Eles se tornariam uma nação grande e poderosa e todas as nações da Terra seriam abençoadas através da sua semente. Era através de Isaque que essa linhagem teria que passar.

Agora, Deus havia ordenado que Abraão matasse Isaque. Isso anularia as promessas. Como elas poderiam se cumprir se Isaque morresse sem se casar? Mesmo que o patriarca tivesse outro filho, não funcionaria, porque Deus havia dito que por Isaque seria chamada sua descendência.

Oceanos de emoção

Seria compreensível se o ancião tivesse ficado quieto na maior parte da viagem, se não houvesse dito quase nada durante três dias. O jumento se arrastava, carregando o amável pai em direção ao seu destino. Ele certamente se angustiava pela morte iminente de Isaque. Toda vez que olhava

rapidamente para o filho, seus olhos se enchiam de lágrimas. Ele não ousava olhar por muito tempo.

Então ele pensava sobre o Senhor. Afinal de contas, Deus havia feito aquelas promessas e nada é mais confiável que a palavra de Deus. Se Ele o diz, vai acontecer. Ele não pode mentir. Não pode enganar. Não pode ser enganado. Então, o que parece ser impossível para o homem, é possível para Deus. Se Deus prometeu uma descendência numerosa através de Isaque e se Ele ordenou que Isaque seja morto, então só há uma solução: Ele o ressuscitará dos mortos.

Talvez Abraão tenha se impressionado com a audácia de sua própria fé. Ele nunca havia ouvido falar de uma ressurreição antes. Porém, conhecendo a Deus como ele conhecia, Abraão percebeu que era uma necessidade moral.

Estamos certos de achar que, à noite, ele dormiu perto de Isaque, estendendo o braço para tocar seus ombros, certificando-se de que ele ainda estava lá, aproveitando essas últimas horas juntos?

Agora eles passaram por Hebrom e deixaram

Belém para traz. Sobre colinas ondulantes, com campos cobertos por pedras de cada lado, Abraão manteve seu rumo com uma determinação inflexível.

Para Moriá

No terceiro dia, eles chegaram ao topo de uma colina que poderia justamente ser chamada de “Colina do Coração Partido”. Ali, pela primeira vez, eles podiam olhar para o norte e ver as construções cor de cobre no monte Moriá. Seria ali que Abraão enfrentaria o maior teste de sua vida. Ali, Isaque seria morto e completamente consumido pelo fogo, em um ato de adoração a Deus. Abraão certamente ofegava. Isaque certamente havia notado, mas não disse nada.

Finalmente o pai quebrou o silêncio. Virando-se para os dois jovens, ele disse: “*Esperai aqui, com o jumento; eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos para junto de vós*” (Gn 22.5).

O que é isso? “**Voltaremos** para junto de vós”? Ele não quis dizer “**voltarei** para perto de vocês”?

Não, ele sabia o que estava dizendo: “*Voltaremos para junto de vós*”.

Por algum motivo, aquele pai e seu filho tinham que caminhar os últimos quilômetros sozinhos. Ninguém podia participar da amargura da última parte da viagem. Abraão levantou o feixe de lenha e o amarrou às costas de Isaque. Assim, ele ficava com a tocha e a faca para carregar. Todos os componentes de um sacrifício vivo estavam ali.

Havia alguma conversa animada entre o ancião e seu filho, ágil e atlético? Não sabemos. Não há, porém, sugestão de reclamação, relutância ou arrastar de pés. Parece não haver idéias de desistência. Ambos seguem em frente. É tudo tão inacreditável, tão irreal.

O teste supremo de fé

Finalmente Isaque fez a pergunta perturbadora. “Pai, a lenha e o fogo estão aqui, mas onde está o cordeiro para a oferta queimada?” Aparentemente, Isaque não tinha entendido o propósito real da viagem até agora. Abraão, contudo, sabia e a

pergunta perfurou até as partes mais profundas de seu ser. Porém, mais uma vez, a fé triunfou sobre as emoções humanas. Abraão evitou responder diretamente a pergunta garantindo a seu filho de que Deus proveria para Si um cordeiro para o holocausto.

Por fim, eles chegaram ao lugar designado. Abraão juntou uma pilha de pedras, colocando-as juntas na forma de um altar. Então, ele colocou a lenha em cima. A seguir, aquele pai, que amava a Deus acima de tudo, realmente amarrou seu filho e o colocou sobre a lenha. Àquele ancião, com as mãos provavelmente tremendo, foi dada a força para levantar seu filho adulto e colocá-lo no altar. Igualmente surpreendente é que o filho, que poderia facilmente vencer seu velho pai, se submeteu sem protestar.

Nenhum artista jamais poderia registrar essa cena por tudo o que ela foi. Aqui está um pai, pronto para oferecer seu filho a Deus. Aqui está um filho inocente prestes a morrer em obediência à palavra do Senhor.

Então vem a angustiante cena final. Abraão toma sua faca com firmeza e, levantando-a sobre o peito de Isaque, olha para baixo, para o rosto daquele que importa mais que a vida para ele. Isaque, por sua vez, olha para cima, vê a faca refletindo a luz do sol e então vira o olhar para os olhos do pai. É um minuto eterno.

Neste momento crucial vem a dramática interrupção. Antes de a faca dar seu mergulho fatal, Abraão ouve uma voz conhecida chamando seu nome duas vezes: “*Abraão, Abraão*” (Gn 22.11).

Assim como em Berseba (v.1), ele responde: “*Eis-me aqui*”.

A voz pertence ao Anjo do Senhor, ninguém menos que Deus, o Filho, em uma aparição pré-encarnação. Ele diz: “Não precisa tocar no seu filho. Você passou no teste. Agora sei que você me teme tanto que não me negaria nem mesmo seu único filho. Agora sei que seu compromisso é total”.

Um substituto é providenciado

Ouvindo um barulho em uma moita atrás dele,

Abraão se vira e vê um carneiro preso pelos chifres entre os espinhos. Tudo se passou em sua mente como um *flash*. Ele ofereceria o carneiro a Deus em lugar de seu filho. O carneiro morreria como um substituto. Ele morreria para que Isaque fosse salvo. Deus havia provido uma vítima sacrificial na hora certa. Então Moriá ganhou um novo nome naquele dia: *Yahweh-Jiré*, O-Senhor-Proverá. Foi ali que Deus proveu uma oferta aceitável.

Abraão deve ter rapidamente cortado as cordas que prendiam Isaque e o abraçado como nunca antes. Suas lágrimas devem ter corrido sem parar, lágrimas de alegria, lágrimas de libertação.

Porém, o Anjo ainda não havia terminado. Porque o patriarca não havia negado seu único filho ao Senhor, o Anjo lhe prometeu que Ele abençoaria e multiplicaria a descendência de Abraão como as estrelas e a areia. Eles triunfariam sobre seus inimigos. Porque Abraão creu, todas as nações da Terra seriam abençoadas por sua semente.

Abraão então voltou para o sul com Isaque até onde os jovens estavam esperando com o jumento e

o pequeno grupo voltou para Berseba. Que conversa eles não devem ter tido no caminho! Que demonstração da maravilhosa provisão do Senhor, da fantástica circunstância de que o carneiro estivesse preso pelos chifres naquele exato local naquele exato momento! Certamente não tinha sido por acaso.

Deus havia mantido Sua promessa. Isaque havia sido poupado.

Séculos depois, outro Pai subiria aquela colina com Seu Filho. Desta vez, no entanto, Ele não O pouparia. Desta vez o Filho tinha que morrer. Ele morreria para apagar nossos pecados através do seu próprio sacrifício.

Yahweh levantou Seu cetro –
Ó Cristo, ele caiu sobre Ti!
Tu foste ferido pelo Teu Deus;
Não há feridas para mim.
Teu sangue sob o cetro fluiu:
Teus machucados me curaram.
Por mim, Senhor Jesus, Tu morreste,
E eu morri em Ti;
Ressuscitaste: minhas correntes foram quebradas,
E agora Tu vives em mim.

O rosto do Pai de graça radiante

Brilha agora em luz sobre mim.

- Anne Ross Cousin

Às vezes, um compromisso completo significa entregar os maiores tesouros do nosso coração para Deus.

**A OFERTA QUEIMADA
O ANTIGO
TESTAMENTO MOSTRA
DUAS CERIMÔNIAS OU
RITUAIS QUE SÃO
LIÇÕES OBJETIVAS
CRIADAS PARA
REPRESENTAR
COMPROMISSO COM O**

SENHOR. UMA É A OFERTA QUEIMADA E A OUTRA, O VOTO DE UM ESCRAVO HEBREU.

Primeiro vemos um hebreu fiel se aproximando do Tabernáculo para oferecer holocausto ao Senhor. Enquanto guia um novilho pelo cabresto, ele medita sobre quão bom o Senhor tem sido com ele. O amor imutável de *Yahweh*, Sua misericórdia e graça o enchem de gratidão. Com alegria, ele vem entregar-se completamente, simbolizado por uma oferta queimada. Ele se lembra de que o animal que ele vai oferecer precisa ser limpo, isto é, precisa ruminar e ter cascos partidos. Também precisa ser perfeito, sem defeitos. Ele agora vai oferecê-lo, voluntariamente.

Ao passar a entrada da área cercada por cortinas, ele imediatamente chega ao altar de bronze. Ele sente o calor irradiando daí. Segurando a corda com sua mão esquerda, ele coloca sua mão direita sobre a cabeça do animal. Este ritual é cheio de significados. Ele está dizendo “Este novilho está aqui em meu lugar. Estou me identificando com ele. O que acontece com ele é o que acontece figurativamente comigo”.

Nesse momento, ele provavelmente amarra as pernas do novilho na frente e atrás e o deita de lado. Ele toma uma faca bem afiada e com um golpe habilidoso a passa pela garganta do novilho. Um sacerdote recolhe o sangue em um recipiente e o espalha sobre o altar. Depois de alguns espasmos, a vítima fica imóvel.

O ofertante tira a pele do animal e a corta em pedaços. Então, o sacerdote coloca os pedaços sobre o altar.

Um sacrifício completo É aqui que vemos o aspecto único do holocausto. As partes individuais do corpo desmembrado são

queimadas no altar até que toda a carcaça (exceto a pele) é consumida pelo fogo.

Esta oferta é um modelo do Senhor Jesus em Sua consagração total à vontade de Deus. Ele foi totalmente consumido pelo fogo do julgamento de Deus no Calvário e a fragrância do Seu sacrifício subiu como um aroma agradável ao Pai (Ef 5.2). Porém, para o ofertante do Antigo Testamento e para os cristãos hoje, ela representa nossa disposição de nossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é nosso culto racional.

Foram perfurados por mim no Calvário Suas mãos, pés e coração,
todos os três.

E aqui e agora a Ele eu trago

Uma oferta: Meu coração, minhas mãos e pés.

- Cecil J. Allen

Um aspecto importante do holocausto é que é uma oferta de aroma agradável. “...e o sacerdote oferecerá tudo isso e o queimará sobre o altar; é holocausto, oferta queimada, de aroma agradável ao SENHOR” (Lv 1.13b). Quando um hebreu o oferecia ao Senhor, ele poderia achar que era apenas uma expressão rotineira de agradecimento. Ele

poderia não pensar que estava fazendo algo de extraordinário. O fato, porém, é que o aroma agradável chegava à presença do Senhor.

Assim também ocorre com os cristãos hoje em dia. Quando o Senhor encontra cristãos dispostos a apresentar seus corpos como sacrifício vivo para Ele, Ele se agrada deles. A sala do Trono do Universo está cheia da fragrância de um doce aroma. A lição da oferta queimada é “Dê a Deus tudo de si”.

Tudo por Jesus, tudo por Jesus!

Toda a força resgatada do meu ser;

Todos os meus pensamentos, palavras e ações, Todos os meus dias e todas as minhas horas.

Que minhas mãos cumpram Suas ordens, Que meus pés corram em Seus caminhos; Que meus olhos vejam somente a Jesus, Que meus lábios o louvem.

- Mary James

**MARCADO POR TODA
A VIDA O FATO DE
HAVER ESCRAVIDÃO
EM ISRAEL NOS
TEMPOS BÍBLICOS O
SURPREENDE? BEM,
HAVIA. ÀS VEZES, ERA
A ÚNICA FORMA DE
UM ISRAELITA FALIDO**

**SE LIBERTAR DE UMA
MONTANHA DE
DÍVIDAS. A BÍBLIA
REGISTRA A
ESCRAVIDÃO COMO
UM FATO HISTÓRICO
SEM APROVÁ-LA
COMO INSTITUIÇÃO
SOCIAL.**

O Senhor estabeleceu leis que protegiam os direitos de escravos e os protegiam de um

tratamento cruel ou abusivo. Uma lei em particular decretava que um escravo hebreu tinha que ser liberto no sétimo ano de sua servidão. Não importava quão opressivas fossem suas condições, ele sempre tinha a esperança da liberdade. Seu mestre era obrigado a fornecer carne, vinho, roupas e outras coisas essenciais ao escravo ao libertá-lo. Às vezes, no entanto, um escravo percebia que estava melhor trabalhando para um mestre bom e generoso do que sozinho por conta própria. Logo, ele não tinha que aceitar sua liberdade. Ele poderia expressar seu compromisso com seu dono através de um ritual simples. O mestre o levaria até a porta da casa, colocaria o lóbulo de uma orelha contra a porta e o furaria. O escravo diria “eu amo meu mestre. Não me afastarei de ti” e então estaria marcado como escravo pelo resto da vida (Êx 21.2-6; Dt 15.11-18).

Alguns vêem uma referência ao Senhor Jesus no Salmo 40.6 como Aquele que se comprometeu à servidão permanente. As palavras “*abriste os meus ouvidos*” significam, literalmente, “furaste as minhas orelhas”. Com esse ato, Ele se tornou marcado para

sempre.

Um escravo para sempre A aplicação é clara. Nós éramos escravos do pecado e de Satanás: enganados, sobrecarregados e oprimidos. O Diabo era o pior dos mestres. Então conhecemos Jesus. Ele nos salvou de nossos pecados e do domínio do inimigo. Ele tem sido melhor para conosco do que jamais poderíamos imaginar ou calcular.

Podemos sair livres, vivendo para nós mesmos, para prazeres, para coisas materiais ou podemos escolher ser Seus escravos voluntários. Podemos dizer “eu amo meu Mestre. Não serei liberto”. Podemos nos apresentar como Seus escravos para sempre. Nas palavras de Handley Moule, podemos cantar: Meu Mestre, me leva à Tua porta;

Fura esta orelha mais uma vez;
Suas amarras são libertação; deixa-me ficar Para contigo trabalhar,
suportar, obedecer.
Sim, orelha e mão, pensamento e vontade,
Usa tudo do Teu querido escravo!
Lanço as vãs liberdades pessoais
Diante dos Teus pés: mantêm-nas fixas ali.

Pisa sobre elas; e então sei,
Que estas mãos estarão repletas de Tuas bênçãos; E orelhas furadas
ouvirão Aquele
Que me diz que Tu e eu somos um.

Frances Ridley Havergal representou o
compromisso do escravo hebreu desta forma: Eu
amo, amo meu Mestre, não serei liberto,

Pois Ele é meu Redentor, Ele pagou o preço por mim.
Não deixaria Seu serviço, é tão doce e abençoado; E nos momentos de
maior cansaço, Ele me dá o verdadeiro descanso.
Pois Ele supriu meus anseios com palavras douradas, Que eu O sirva,
somente a Ele e para sempre.

No Antigo Testamento, havia servos
contratados e servos marcados. Os servos
contratados trabalhavam por um pagamento.
Dinheiro era sua motivação. Os servos marcados
pertenciam a seus mestres. Ao menos parte deles
amava a seus mestres e amor era sua motivação. Um
servo marcado assim valia duas vezes mais que um
servo contratado. Quando ele era liberto depois de
seis anos, o mestre era instruído: *“Não se sinta
prejudicado ao libertar o seu escravo, pois o
serviço que ele prestou a você nesses seis anos
custou a metade do serviço de um trabalhador*

contratado. Além disso, o Senhor, o seu Deus, o abençoará em tudo o que você fizer” (Dt 15.18 – NVI). Ainda hoje é assim. Aqueles que servem ao Senhor de coração, por amor, valem duas vezes mais que aqueles que supõem “que a piedade é fonte de lucro” (1 Tm 6.5).

RUTE E ESTER

Na história da era pré-cristã não faltam relatos de mulheres que fizeram história em nome de Deus por sua dedicação. A cultura da época degradava mulheres, mas muitas delas foram além para mostrar ao mundo o que é devoção sincera. Duas delas são honradas de forma especial por terem livros com seus nomes no Antigo Testamento.

Rute

Rute é uma estrela brilhante na galáxia das pessoas comprometidas. Ela tinha um compromisso de extrema lealdade para com Noemi, sua sogra. Mais que isso, sua vida havia sido entregue ao Deus

de Noemi.

Falando naturalmente, ela era anônima. Vinha de uma família de “ninguéns” dentre os moabitas, uma raça amaldiçoada por Deus e desprezada pelo Seu povo. Ela era uma mulher, um sexo menosprezado naquela cultura. Seu marido havia morrido, deixando-a sem filhos. Sua sogra era judia, uma estranha e estrangeira na terra natal de Rute.

Então, chegou o momento que o poeta afirma chegar a todo homem e nação: a hora de decidir. No caso de Rute, a pergunta era “ela iria com Noemi para Belém da Judéia ou ficaria com seu próprio povo em Moabe?” Sua sogra tentou facilitar as coisas para ela ao sugerir que ela ficasse em casa. Era isso que sua cunhada faria.

Dedicação nobre

A decisão de Rute foi de clássico compromisso:

“Não insistas comigo que te deixe e que não mais te acompanhe. Aonde fores irei, onde ficares ficarei! O teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus! Onde morreres morrerei e ali

serei sepultada. Que o SENHOR me castigue com todo o rigor, se outra coisa que não a morte me separar de ti!” (Rute 1.16-17 – NVI)

Sua decisão foi enfática. “Não insistas comigo que te deixe. Não o sugira. Nem sequer pense nisso. Já decidi te seguir. Não há mais volta”.

Para analisar a amplitude da sua devoção, vemos as seguintes escolhas que ela fez:

- **Uma nova pessoa a seguir.** “*Não insistas comigo que eu te deixe*”. Rute detectou alguma coisa em Noemi que lhe deu confiança. Valia a pena seguir esta mãe de Israel.

- **Um novo lugar para viver.** “*...onde ficares ficarei*”. Suprimindo seu espírito nacionalista, seu amor por Moabe, ela estava disposta a romper os laços com a família, os amigos e o ambiente nativo.

- **Uma nova família.** “*O teu povo será o meu povo*”. Ela se tornou uma judia convertida, uma filha adotiva de Abraão. Ela lançou sua sorte com o povo de Deus, desprezado pelo mundo, mas ainda assim constituindo os notáveis na terra.

- **Uma nova religião.** Através das palavras “*o teu Deus será o meu Deus*”, Rute disse adeus às divindades, rituais e santuários pagãos de Moabe e aceitou ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó.

- **Um novo lugar para morrer.** Quando disse: “*onde morreres morrerei*”, ela estava demonstrando sua intenção de fazer de sua escolha um compromisso de vida inteira. Ela queria estar ligada a Noemi em sua morte, assim como em sua vida.

- **Uma nova sepultura.** “[Onde fores sepultada] *ali serei sepultada*”. Tradicionalmente, as pessoas queriam ser sepultadas onde suas raízes estavam. Jacó e José quiseram que seus corpos fossem levados do Egito e enterrados na Terra Prometida. É natural. Até mesmo alguns animais têm instintos de voltar para casa quando sua vida está terminando. Rute, porém, estava determinada a não se prender a nada disso.

Uma jovem viúva desconhecida se comprometeu sem reservas com o Deus de Israel. Como resultado, ela conheceu e se casou com um

homem de caráter extraordinário, se tornando uma ancestral do Messias e, como dito, tem um livro da Bíblia com seu nome.

No dia em que alguém se entrega completamente ao Salvador, nunca se sabe que tesouros Deus tem guardados.

Ester

A outra mulher cujo nome se tornou título de um livro da Bíblia é Ester. Provavelmente jamais ouviríamos falar dela se ela tivesse ficado indecisa quando se deparou com a questão de uma entrega total.

Foi uma convergência maravilhosa de circunstâncias que fez com que um rei persa a escolhesse como sua rainha. O público achava que tinha sido sua beleza. Mentes mais inteligentes sabiam que havia sido seu Deus. O momento foi exato. Ela estava no poder quando seu primo, Mordecai, expôs uma conspiração contra a vida do rei. Ela estava no poder quando o assassino Hamã quase conseguiu com que Mordecai fosse enforcado

e quando esse mesmo anti-semita conseguiu com que um decreto irrevogável para liquidar todos os judeus do reino fosse aprovado.

Agora o holofote estava sobre Ester. Ela iria ao rei implorar pela vida do seu povo (e a sua própria)? Havia dois problemas. Abordar um monarca imprevisível poderia significar morte certa, exceto se ele estendesse seu cetro dourado. A probabilidade de que ele demonstrasse graça naquele momento em particular era ainda menor pelo fato de que ele e Ester não haviam tido relações matrimoniais por um mês.

Para encorajar sua decisão, Mordecai alertou-a de que se ela não agisse, ela mesma não escaparia, assim como todos os outros judeus. Ele tinha certeza de que Deus restauraria os judeus de alguma forma, mas ela perderia a bênção de ser a libertadora. Então, ele encerrou seu apelo com estas palavras imortais: “...*quem sabe se para conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?*” (Ester 4.14b).

Isso foi tudo de que Ester precisava. Ela pediu aos judeus da cidadela que jejuassem por três dias.

Então ela prometeu ir até o rei dizendo “*se perecer, pereci*” (v.16). Ela estava arriscando sua vida.

Isso é compromisso. Se ela não tivesse tomado essa decisão, não estaríamos lendo sobre ela agora.

Valeu a pena. O rei demonstrou graça para com Ester. Ela pôde expor Hamã e o plano dele para com seu povo. Um decreto inalterável foi escrito, permitindo aos judeus que se defendessem. Os inimigos sofreram uma derrota esmagadora e Mordecai foi promovido a uma autoridade menor apenas que a do rei.

Compromisso passa por seus maiores testes no fogo da adversidade.

E AINDA HOUE OUTROS

Calebe

Você certamente consegue pensar em muitos outros exemplos de compromisso no Antigo Testamento. Calebe certamente surge à sua mente para ser citado com honras. Quando tinha 85 anos, ainda não estava satisfeito com feitos heróicos passados e queria alcançar novas vitórias para o Senhor. Ele então pediu permissão a Josué para expulsar os anaquins de Hebrom. “...*dá-me este monte...*” (Js 14.12) são palavras notáveis para um soldado de 85 anos que poderia estar caindo no

esquecimento. Seu compromisso ficou registrado nestas palavras: “*perseveraste em seguir o SENHOR*” (*Js 14.9b*). Que homenagem!

Jônatas

Jônatas era o herdeiro do trono de Israel. Quando seu pai Saul morresse, ele seria coroado rei. Jônatas, no entanto, amava a Davi e tinha o discernimento espiritual para saber que Davi havia sido escolhido por Deus para ser rei. Como sinal de que ele abria mão de seu próprio direito ao trono, ele deu seu manto a Davi. Mais tarde, quando estavam juntos pela última vez, Jônatas disse a Davi sem medir palavras: “...*tu reinarás sobre Israel*” (*1 Sm 23.17b*).

Merrill Unger escreveu a respeito do caráter de Jônatas:

Sua característica mais notável era sua devoção ardente e altruísta aos seus amigos, o que o levou a abrir mão do trono e até mesmo a expor-se à morte por aqueles a quem amava. Apesar de sua afeição por seu pai ter sido rejeitada, devido à insanidade do rei, ele lançou sua sorte com o declínio de seu pai e “na morte não se separaram”.⁷

O fato de que Jônatas não se uniu a Davi no

exílio não deve obscurecer seu extraordinário grande coração, sua lealdade completa e seu compromisso altruísta.

Os fiéis seguidores de Davi

Quando Davi foi rei, ele teve alguns homens que eram extremamente devotados a ele. Um deles foi Amasai, chefe dos capitães, que veio com o rei desde Ziclague. Não sabemos muito sobre ele; na verdade, só é mencionado em um versículo (1 Cr 12.18). Porém, ele é memorável por causa de seu comprometimento com o rei:

“Nós somos teus, ó Davi, e contigo estamos, ó filho de Jessé! Paz, paz seja contigo! E paz com os que te ajudam! Porque o teu Deus te ajuda”.

Itai foi outro soldado devotado ao rei. Ele era um gentio e, normalmente, não imaginamos gentios sendo fiéis a monarcas judeus. No entanto, quando Davi fugiu de Jerusalém por causa da traição de Absalão, o rei tentou dissuadir Itai de ir com ele para o exílio. A demonstração de lealdade de Itai a Davi é incrível:

“Tão certo como vive o SENHOR, e como vive o rei, meu senhor, no lugar em que estiver o rei, meu senhor, seja para morte seja para vida, lá estará também o teu servo” (2 Sm 15.21).

Houve também os três valentes soldados que estavam com Davi na caverna de Adulão. Naquela época, o rei estava foragido, exilado. Certo dia, ao lembrar-se de sua infância em Belém e de quão boa era a água daquele poço, ele suspirou com saudades de bebê-la. Nenhuma outra fonte de água no mundo era como aquela. Quando estes três homens fortes ouviram isso, foi como se isso houvesse prendido imediatamente sua atenção e disseram “seu desejo é uma ordem, senhor”. Para chegar a Belém, tiveram que atravessar as linhas inimigas, mas não se importavam com sua própria segurança. Eles se colocaram em perigo com alegria. Tudo o que importava era agradar a seu líder. Buscar um simples copo de água para ele valia suas vidas.

Davi ficou tão feliz quando eles voltaram com a água que, ao invés de bebê-la, ele a serviu ao Senhor, dizendo: *“Longe de mim, ó SENHOR, fazer tal coisa; beberia eu o sangue dos homens que lá*

foram com perigo de sua vida?” (2 Sm 23.17).

Se Davi se emocionava com a dedicação desses homens, tanto mais deve se emocionar a Raiz de Davi quando encontra tal nível de compromisso em Seus seguidores. Hoje, o Senhor Jesus tem sede das almas das pessoas na Europa, África, Ásia, Oceania e América. Quando missionários fiéis e seus mantenedores alcançam os perdidos para Ele, o Senhor vê o esforço e Sua alma se agrada.

Urias

Outro homem que precisa ser mencionado é Urias. Como Itai, ele era um gentio, soldado no exército de Davi. Foi com a esposa de Urias, Bate-Seba, que Davi cometeu adultério. Quando ela engravidou, o rei ficou com medo de uma desgraça pública, então mandou que Urias voltasse da frente de batalha e, com pretensa generosidade, concedeu-lhe uma licença para descanso e recuperação. Ele presumiu que Urias teria relações conjugais com sua esposa e assumiria ser ele mesmo o pai da criança. Urias não sabia da duplicidade do rei, mas sua fidelidade frustrou o plano de Davi para encobrir

seu pecado. Ouça a dedicação de Urias:

“A arca, Israel e Judá ficam em tendas; Joabe, meu senhor, e os servos de meu senhor estão acampados ao ar livre; e hei de eu entrar na minha casa para comer e beber e para me deitar com minha mulher? Tão certo como tu vives e como vive a tua alma, não farei tal coisa” (2 Sm 11.11).

Tendo seu plano frustrado, o rei então desceu ao que foi provavelmente o ponto mais baixo de sua carreira. Ele deu instruções para que Urias fosse colocado na linha de frente da batalha contra os amonitas. Então, os israelitas recuariam deixando o leal soldado à morte. Foi isso o que aconteceu: uma traição desprezível! Nesse caso, pelo menos, Davi não foi digno do compromisso de um homem como Urias. Jamais poderemos dizer isso do nosso Senhor.

Daniel e seus três amigos

Não podemos esquecer Daniel e seus três amigos que viviam com ele como prisioneiros na

Babilônia. Por sua excelência pessoal, eles chamaram a atenção do rei. Ele decidiu dissolvê-los e, então, reciclá-los como caldeus mudando seus nomes, língua, dieta, estilo de vida e cultura. Ah, sim: e sua religião. Os nomes hebraicos de todos eles tinham o nome de Deus como parte deles: Daniel – Deus é meu juiz, Ananias – *Yahweh* é misericordioso, Misael – Quem é como Deus? e Azarias – Aquele que o Senhor ajudou. Seus novos nomes babilônicos continham nomes de divindades pagãs: Beltessazar – Bel, o deus nacional; Sadraque – talvez o deus da lua ou da cidade; Mesaque – significa me humilho (diante do meu deus); e Abede-Nego – servo de Nebo.

A primeira tentação realmente comprometedora veio em forma de comida e bebida, o que, em si, pode parecer bastante inofensivo. Disseram-lhes para aceitar o cardápio real (que incluía o que, provavelmente, era a melhor comida e vinho do mundo). Ao concordar, eles aumentariam suas chances de sucesso na corte real. Não cumprir a ordem do rei pareceria ingratidão depois de tudo que ele havia feito por eles. Talvez eles pudessem ter

argumentado que poderiam comer aquilo sem apoiá-lo em seus corações. Seus compatriotas judeus fora do palácio jamais saberiam. Além disso, todos os outros estavam se alimentando na corte.

No entanto, não era comida *kosher*, ela poderia ter sido oferecida a ídolos e comê-la violaria as leis que Deus havia dado a Israel a respeito de comida. *“Resolveu Daniel, firmemente, não contaminar-se com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia” (Dn 1.8a).*

Antes do incidente chamar grande atenção das pessoas, porém, Daniel sabiamente sugeriu uma alternativa – que estes jovens hebreus seguissem uma dieta vegetariana por dez dias e então vissem o que aconteceria. O homem encarregado de cuidar deles aceitou o plano. Dez dias depois, o rei viu que eles eram mais bonitos, mais sábios e mais inteligentes que todos os outros. Ele teve que reconhecer que eles eram dez vezes melhores que todos os seus mágicos e astrólogos babilônicos.

Ao apegar-se a seus princípios no que parecia ser uma questão trivial para os outros, eles foram

honrados por Deus e preparados para um teste que se mostraria bem mais severo.

A fornalha ardente

Este outro teste não demorou muito. O rei da Babilônia aparentemente desenvolveu uma idéia exagerada de sua própria importância como resultado de um sonho. Então ordenou que uma estátua fosse erguida. Ela era coberta de ouro e tinha a altura de um prédio de oito andares. Era sua forma de garantir uma religião unificada, assim como um governo unificado. No dia de sua consagração, foi dada a ordem de que todos deviam se curvar e adorá-la. A punição a quem se recusasse era ser lançado em uma fornalha ardente.

Daniel parece estar ausente nesse momento, mas seu exemplo não havia passado em branco diante de seus três amigos. Eles assumiram a postura com firmeza – não adorariam a um ídolo sob nenhuma circunstância.

Talvez tenham sido os conselheiros da corte que os denunciaram, com inveja de que estes prisioneiros houvessem sido colocados como responsáveis por questões da província da Babilônia.

Quando o rei ficou sabendo, não podia crer que qualquer um ousasse desobedecer a sua ordem. Eles achavam que seu Deus poderia resgatá-los do seu poder? Os jovens hebreus sabiam que Ele podia. Então, quando o rei anunciou seu ultimato, eles disseram:

“Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste” (Dn 3.17-18).

Eles sabiam que era melhor queimar a se conformar. Melhor morrer que negar seus princípios. Melhor ir para o céu com a consciência limpa do que ficar na Terra com culpa.

O rei ficou pálido de raiva. Ele ordenou que a fornalha fosse aquecida “ao máximo” e que os três jovens não-conformistas fossem lançados ali dentro. A idéia de ser entregue a tal tortura é suficiente para causar um ataque do coração, mas veja o que aconteceu: as chamas mataram os executores, mas

não os hebreus.

Os três jovens não foram abandonados pelo Senhor. Deus estava na fornalha com eles.

Tudo o que o fogo fez foi queimar as cordas que os prendiam.

Quando eles saíram, suas roupas não estavam queimadas, seus corpos e seus cabelos não estavam chamuscados e nem sequer havia cheiro de fumaça neles (Dn 3.22-27).

O rei fez um decreto honrando ao Deus dos judeus e ameaçando de morte qualquer um que se opusesse a Ele. Ele também promoveu os três homens que passaram pela prova de fogo.

Spurgeon disse: “Se você ceder dois centímetros, você é derrotado; mas se você não ceder – nada, nem um milímetro – eles o respeitarão. O homem que consegue esconder seus princípios e ocultar suas crenças e assim comete um pequeno erro, não é ninguém. Você não consegue agitar o mundo se permitir que o mundo o agite”.

A cova dos leões

Neste ponto, Daniel tinha entre oitenta e noventa anos e era uma figura poderosa no reino da Pérsia. Seus colegas, com inveja, queriam uma razão para se livrar dele, mas seu caráter e sua conduta impecáveis o tornavam difícil. Em um elogio não intencional a ele, concluíram que a única forma de atingi-lo era tornar a oração ao Deus de Daniel ilegal.

Foi aprovada, então, uma lei imutável. No mês seguinte, qualquer um que orasse a qualquer deus ou homem além do rei Dario seria jogado aos leões.

Daniel não via razão para parar de orar, então, três vezes por dia, ele se ajoelhava em seu quarto direcionado para Jerusalém, dava graças e suplicava fervorosamente. Isso não era tudo. Ele se ajoelhava diante de uma “*janela aberta*”, assim como sempre havia feito. Por que mudar agora? Esse é um homem que preferiu uma cova de leões a passar um dia sem orar.

Já que seus colegas estavam contando com que Daniel descumprisse a lei, não tiveram que esperar muito. Ele não orou embaixo do cobertor, na cama.

Ele não orou silenciosamente – em seu coração. Não, ele orou em alta voz e à vista de todos. O rei, relutante, não teve escolha: Daniel precisa virar carne para os leões. Então, ele foi jogado na cova.

Espere! Daniel estava dormindo com os leões enquanto o monarca estava tendo um caso de insônia digno de um rei. De manhã, o homem de Deus saiu de lá em perfeitas condições. Deus havia fechado as bocas dos leões. Seus acusadores foram mortos e seu Deus foi honrado por um decreto real.

Imagine a glória dada a Deus como resultado do compromisso de Daniel. Aquele homem valente desconhecia completamente o que Robert G. Lee chamou de “teologia dos invertebrados, moralidade da água viva, religião-gangorra, convicções de borracha da Índia e filosofia cambalhota” [N.do Ed.: referem-se a comportamentos instáveis entre os filhos de Deus, sem plena convicção]. Esses homens comprometidos tinham convicções pelas quais estavam dispostos a morrer. Sua dedicação ao Senhor era total e irrevogável. Para eles, a vontade de Deus era soberana. Eles simplesmente desprezavam rotas de fuga, alternativas fáceis ou

desculpas. Na vida ou na morte, eles pertenciam ao Senhor.

COMPROMISSO NO NOVO TESTAMENTO

João Batista

Agora vamos ao Novo Testamento conhecer homens e mulheres que se dedicaram ao Salvador num nível raro. Houve João Batista. Nosso Senhor o elogiou, chamando-o de “lâmpada que ardia e iluminava” e *“muito mais que um profeta”* (Mt 11.9, Lc 7.26). João falava consistentemente de sua indignidade e afirmava que seu Mestre receberia toda a glória. Ele não teve inveja alguma quando seus discípulos o deixaram para aprender aos pés de Jesus. Sua anulação própria e humildade foram

superadas somente por sua coragem ao ponto de desafiar a morte. Por fim, Herodes – o Tetrarca ordenou que ele fosse decapitado.

Os Apóstolos

Houve onze apóstolos. Quando um João mais novo ouviu o Batista dizendo “*Eis o Cordeiro de Deus*” (Jo 1.29), ele começou uma vida incansável de serviço, ganhando para si o nome de “*o discípulo, a quem Jesus amava*” (Jo 20.2). Ele não morreu como um mártir, como os outros, mas viveu a vida de um mártir. O compromisso de Simão Pedro com Cristo era inegável, mesmo que nossa tendência seja focalizar em suas fraquezas. Para seguir a Cristo, ele abandonou seus negócios como pescador no melhor dia de sua carreira (Lucas 5.1-11). Se a tradição for verdadeira, ele pediu para ser crucificado de cabeça para baixo, se considerando indigno de morrer como seu Mestre. Detalhes a respeito de alguns dos outros apóstolos são mais escassos, mas fica claro que eles entregaram de vez seus corações ao Senhor, sem jamais voltar atrás.

Mulheres fiéis

Não podemos esquecer as mulheres fiéis que ministraram ao Salvador. Houve aquelas que O ungiram com perfumes caros, lavaram Seus pés com suas lágrimas e os secaram com seus cabelos. Houve a mulher que “*deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento*” (Mc 12.44). Na casa de Simão – o leproso, outra mulher preparou Seu corpo para o sepultamento. Mulheres foram as últimas pessoas diante da cruz e as primeiras no túmulo vazio. No livro de Atos e nas epístolas, encontramos, ainda: Lídia, Priscila, Lóide, Eunice e outras.

Estêvão

Estêvão, um homem cheio de fé, de poder e do Espírito Santo, foi o primeiro mártir da Igreja Cristã. Ele foi um homem de extrema lealdade a Cristo escolhendo uma morte violenta ao invés de se conformar.

Paulo

Se Abraão é o exemplo extraordinário de compromisso no Antigo Testamento, o apóstolo

Paulo recebe esse título no Novo Testamento (excluindo o Senhor Jesus, é claro). Antes de sua conversão a Cristo, Paulo era uma estrela ascendente entre os ortodoxos do judaísmo. Orgulhoso de suas credenciais raciais e religiosas, ele promoveu sua fé fervorosamente e buscou silenciar qualquer religião que parecesse ser uma ameaça.

Na estrada para Damasco, no entanto, ele conheceu o Senhor glorificado e naquele momento ele “ouviu uma história mais doce! Encontrou um ganho mais real” (Mary Bowley). Ele se tornou um seguidor zeloso dAquele a Quem ele perseguia. Em sua alma foi aceso um fogo que jamais se apagaria. Sua pergunta: “*Senhor, que queres que eu faça?*” (At 9.6 – ACF) foi, em primeiro lugar, Paulo reconhecendo a Jesus como Senhor e Mestre. Então, veio uma submissão total de sua vontade à vontade de Cristo, não importando qual fosse. O resto de sua vida e sua execução em Roma foram a resposta a essa pergunta.

Poucas pessoas já passaram pela série de emoções e sofrimentos humanos pelos quais Paulo passou. Ele sabia o que era tristeza: perplexidade,

decepção, mágoa, traição. Ele foi difamado por seus inimigos e abandonado por alguns de seus amigos. Quando alguns dos cristãos de Corinto questionaram a validade do seu apostolado, ele lançou um desafio inesquecível:

“São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São da descendência de Abraão? Também eu. São ministros de Cristo? (Falo como fora de mim). Eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoitamentos, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigo entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez. Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a

preocupação com todas as igrejas. Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame?” (2 Co 11.22-29).

Em outra passagem, ele escreveu:

“Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns, na pureza, no saber, na longanimidade, na bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas; por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama, como enganadores e sendo verdadeiros; como desconhecidos e, entretanto, bem conhecidos; como se estivéssemos morrendo e, contudo, eis que vivemos; como castigados, porém não mortos; entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo” (2 Co 6.4-10).

Em sua biografia de Paulo, James Stalker afirmou:

Nunca houve um coração tão íntegro ou um olhar tão focado. Jamais energia tão sobre-humana e incansável. Nunca houve tal acumulação de dificuldades superadas e de sofrimentos suportados por qualquer outra causa.⁸

Ainda assim, desistir ou voltar atrás jamais passou pela sua cabeça. Tendo colocado a mão no arado, ele precisava agüentar. Se este era o preço de um compromisso com Cristo, ele o pagaria – até o ponto de derramar seu próprio sangue. Ele tinha apenas uma paixão: Cristo e somente Cristo.

Paulo não foi um destes santos frágeis que desmaiam ao ver sangue ou dizem “eu seria um soldado, se não fosse por aquelas armas terríveis”. Quando o mundo parecia estar desabando ao seu redor na Ásia, ele não voltou correndo para Antioquia com uma desculpa esfarrapada. Ele nunca desistiu. Jamais aprendeu a bater em retirada.

Ouçá a resposta magnífica que deu ao refletir sobre sua vida de dor e perseguição:

“Porém em nada considero a vida preciosa

para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o Evangelho da graça de Deus” (At 20.24).

Ele não estava sendo arrogante ao dizer, no fim de sua vida: *“Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé” (2 Tm 4.7).*

Ele vive entre nós, hoje, com uma vida cem vezes mais influente do que a que pulsava em suas veias enquanto a forma terrena que o tornava visível se arrastava pela terra. Aonde quer que os pés daqueles que anunciam as boas novas vão, formosos sobre as montanhas, ele caminha a seu lado como inspirador e guia; em dezenas de milhares de igrejas todo domingo e em milhares de casas todos os dias seus lábios eloqüentes ainda ensinam o Evangelho do qual ele nunca se envergonhou; e onde quer que haja almas buscando as flores brancas da santidade ou escalando as duras alturas da abnegação, ali ele, cuja vida foi tão pura, cuja devoção a Cristo foi tão completa e cuja busca de um único alvo foi tão contínua, é recebido como um grande amigo.⁹

Mártires

Enquanto ainda estamos considerando os exemplos de comprometimento do Novo Testamento, não podemos esquecer-nos dos inúmeros mártires, conhecidos apenas por Deus, que consideravam que Sua *“graça é melhor do que a vida”* (Sl 63.3). Devemos honrar àqueles que, por exemplo, morreram nos tempos de Nero. Quando o fogo consumia metade da cidade de Roma, o Imperador culpou os cristãos, embora haja grande suspeita de que ele mesmo fosse o culpado. Ele ordenou que os cristãos fossem cobertos de alcatrão e que se pusesse fogo neles para gerar iluminação para suas festas ao ar livre. Desses homens e mulheres que não se apegaram a suas vidas até a morte, podemos somente dizer que foram cristãos *“dos quais o mundo não era digno”* (Hb 11.38).

PARTE III

COMPROMETIMENTO NA HISTÓRIA DA IGREJA

COMPROMETIMENTO NA HISTÓRIA POSTERIOR DA IGREJA

Não devemos pensar que todos os santos dramaticamente dedicados viveram nos tempos bíblicos. O Senhor sempre manteve um remanescente de homens e mulheres que entregaram suas vidas completamente a Ele.

Não podemos esquecer-nos dos mártires cristãos de antigamente como Policarpo. Quando o pró-cônsul ameaçou queimá-lo vivo, Policarpo disse: “O fogo com o qual você ameaça queima por uma

hora e se extingue depois de pouco tempo, pois você não conhece o fogo do futuro julgamento e a punição eterna que está guardada para os ímpios. Porém, por que espera? Venha, faça como quiser”. Quando os soldados começaram a pregá-lo ao poste, ele disse: “Deixem-me. Aquele que me dá forças para agüentar o fogo também me capacitará para ficar na pira sem me mover, sem a segurança de pregos”.

Há também os heróis das catacumbas. Durante todo aquele período, César queria unificar seu império, que tinha muitos elementos diversos em termos de raças, culturas e línguas. Então ele introduziu o louvor a César. Todo cidadão devia, sob pena de morte, pegar um pouco de incenso e colocá-lo em um altar romano uma vez por ano dizendo “César é o Senhor”. Eles não tinham que acreditar nisso, tudo o que tinham que fazer era dizê-lo. Porém, estes cristãos não o fizeram. Sua resposta invariável era “Jesus é o Senhor”. Em seu último minuto, eles podiam negar sua fé em Cristo, colocar o incenso no altar e dizer “Jesus é amaldiçoado”. No entanto, eles foram fiéis ao

Salvador e esta lealdade custou-lhes a vida.

As páginas da história estão manchadas do sangue de Valdenses, Morávios, Huguenotes e dos Aliancistas Escoceses.

- **John Wycliffe** (1320?-1384), conhecido como a estrela da manhã da Reforma, insistiu que pessoas comuns deviam ter o direito de ter a Palavra de Deus em uma língua compreensível. Para isso, ele produziu a primeira versão completa da Bíblia em inglês. Ele ensinou que a Bíblia é a única fonte de autoridade em questões de fé e prática e que a doutrina de transubstanciação é uma fraude blasfema. Isso, é claro, gerou grande conflito com a Igreja Romana. Quarenta e quatro anos depois de sua morte, seu corpo foi exumado, queimado e as suas cinzas jogadas no rio Swift. Se Wycliffe viu isso do seu lugar celestial privilegiado, acho que ele deve ter rido.

- **John Huss** (1374-1415), foi influenciado pelos ensinamentos de Wycliffe e os espalhou pela Boêmia. Por repreender fervorosamente a depravação do clero, ele foi perseguido por anos e

então foi excomungado pelo Papa. Por pregar o Evangelho, ele acabou sendo queimado na fogueira por uma Igreja embriagada com o sangue dos santos.

- **William Tyndale** (1492?-1536), nos deu a primeira versão impressa da Bíblia em inglês. Quando seus amigos e outros começaram a ler a Palavra, o clero ficou inquieto com essa ameaça à sua autoridade. O cardeal Wolsey defendeu a Igreja contra a “heresia perniciosa” da Bíblia. Quando um clérigo supostamente estudioso foi enviado para converter Tyndale, este disse: “Se Deus poupar minha vida, em breve me encarregarei para que até mesmo um garoto fazendeiro conheça as Escrituras melhor que você”. Ele viveu os últimos dezessete anos de sua vida na prisão e depois foi estrangulado e queimado.

- **Conde Zinzendorf** (1700-1760), um líder da Igreja Moraviana, contemplou uma imagem de Steinberg de Cristo crucificado que continha as seguintes palavras: “Tudo isto eu fiz por vós. O que fizestes por Mim?”. Essa pergunta penetrante o levou a consagrar sua vida, suas riquezas e seus

talentos à causa do Senhor. Ele organizou uma companhia de cristãos refugiados em suas terras na vila de Herrnhut e foi ali que o movimento missionário cristão moderno começou.

- **Hugh Latimer** (1485?-1555), um grande bispo protestante, disse: “Se vejo o sangue de Cristo com os olhos da minha alma, esta é a fé verdadeira”. Esse conceito, é claro, era uma heresia para a igreja estabelecida. Quando ambos foram amarrados aos postes, Latimer disse ao seu colega e mártir, Nicholas Ridley: “Anime-se, Sr. Ridley. Pela graça de Deus, nós acenderemos hoje, na Inglaterra, uma luz que jamais será apagada”. Eles o fizeram!

- **Thomas Cranmer** (1459-1556), em um momento de fraqueza, assinou uma retratação de sua posição a respeito das Escrituras. Porém ele recuperou sua coragem e foi para a fogueira, colocando primeiro a mão culpada nas chamas, por ter assinado esta retratação e dizendo “morra, mão indigna!”.

- Por sua lealdade a Cristo e por escolherem não ceder às pressões dos estabelecimentos políticos,

Margaret MacLachlan (1622?-1685) e **Margaret Wilson** (1667-1685) foram condenadas a serem afogadas pela maré. A primeira tinha 63 anos e a segunda, 18. Apesar de apelos insistentes e incessantes para que elas se submetessem a seus opositores, elas recusaram firmemente. Então Margaret MacLachlan foi amarrada a um poste em águas profundas. A outra Margaret foi amarrada a outro poste, ainda em terra firme. As autoridades supuseram que quando a Srta. Wilson visse a senhora morrer, ela se retrataria. Quando a maré enfim chegou ao queixo da mártir mais velha, os espectadores podiam ouvi-la dizer: “Pois estou bem certa de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus...” Antes que ela pudesse terminar, a água a cobriu e ela foi liberta do sadismo dos inimigos de Cristo. Quando Margaret Wilson a viu morrer, ela não foi enfraquecida em sua decisão. Ao contrário, ela disse: “Se Deus pode conceder Sua graça para que uma senhora idosa O encontre, Ele pode dar essa

graça também a mim”. Assim aconteceu. A maré veio, a cobriu e ela foi para o céu ver o Rei a Quem ela amou mais que a vida.

- **John Brown** (? - 1685) foi um dos Aliancistas Escoceses que preferia estar morto a ser desleal ao Senhor Jesus e aos princípios da Palavra de Deus. Certo dia, lorde Claverhouse e seus homens cercaram John quando esse estava trabalhando perto de casa e ordenaram que ele entrasse. A Sra. Brown estava lá com um bebê em seus braços. Claverhouse ordenou que seus homens atirassem, mas eles haviam ouvido John Brown orando poucos minutos antes e não conseguiam obedecer à ordem. Claverhouse, então, atirou pessoalmente nesse homem de Deus, voltou-se para Sra. Brown e perguntou: “O que você acha do seu marido agora?”. Com o corpo de John jogado a seus pés, ela respondeu: “Sempre o admirei muito, mas jamais tanto quanto o admiro agora”. Quando Claverhouse disse: “Seria justo colocá-la no chão ao lado dele”, ela respondeu: “Se lhe fosse permitido, não tenho dúvidas de que sua crueldade chegaria a tanto, mas como você responderia pelo que fez

nesta manhã?”

- **Martinho Lutero** (1483-1546), foi salvo ao ler as cartas de Paulo aos romanos. Ele ficou furioso com a venda de indulgências para comprar a igreja de São Pedro em Roma. Quando levado ao tribunal, ele se recusou a curvar-se à autoridade final do Papa, reconhecendo apenas o senhorio direto de Cristo. Seu compromisso ficou brilhantemente registrado nas palavras memoráveis: “Minha consciência é cativa da Palavra de Deus”. Ele, mais tarde, defendeu as três *solas* da Reforma Protestante: *sola fide* (somente fé); *sola gratia* (somente graça); *sola Scriptura* (somente a Bíblia). Ele traduziu a Bíblia para o alemão e lutou bravamente pela fé.

- Já foi dito de **João Calvino** (1509-1564), outro reformista, que “ele era intenso no serviço do Senhor a quem havia entregue seu coração completamente”. Embora não tivesse certeza quanto às esferas de autoridade entre a igreja e o governo civil, seus ensinamentos de que a salvação é pela fé sem obras, mas para obras, o tornaram uma das figuras mais importantes da era da Reforma.

- Da mesma forma, nos lembramos de **John Knox** (1505-1572), um destemido defensor da fé na Escócia. Fortemente influenciado por Calvino, ele foi um inimigo incansável da idolatria e de todas as heresias e falsos ensinamentos do Papa. Foi ele quem disse “Dê-me a Escócia ou morrerei”. Certo biógrafo afirmou, a respeito dele, “Knox, um homem de força de caráter inflexível e um gigante espiritual, moldou a maneira de pensar de toda uma nação de tal modo que, provavelmente, nenhum outro homem jamais havia feito”.¹⁰ A rainha católica Mary disse que temia suas orações mais que a todos os exércitos da Inglaterra.

Precisaríamos de uma enciclopédia de vários volumes para contar todas as histórias dos homens e mulheres de cada século que seguiram a Cristo, carregaram suas cruzes diariamente e resistiram a todos os esforços feitos para que negassem sua fé.

COMPROMETIMENTO NA HISTÓRIA RECENTE

Agora chegamos aos últimos dois séculos. Será que a tropa dos comprometidos está ficando menor? Talvez as pressões da vida moderna, o amor pelas coisas materiais e a preocupação com prazeres tenham feito com que muitos esquecessem seus votos originais e seu primeiro amor. Porém, a voz do Espírito Santo ainda chama homens e mulheres a uma entrega total e, de vez em quando, alguns respondem.

Anthony Norris Groves (1795-1853) Anthony Norris Groves foi o primeiro missionário das

Igrejas dos Irmãos na Ásia. Um dentista rico, ele deixou para trás luxo e prestígio para pregar o Evangelho em Bagdá e depois na Índia, colocando em prática os princípios da devoção cristã. Ao fazê-lo, ele provou que era possível entender os ensinamentos do Senhor literalmente. Ele ensinou que o alvo mais importante da vida é a exaltação de Jesus e que devemos entregar tudo o que temos para alcançar esse objetivo digno. O lema cristão deve ser “Trabalhe duro, consuma pouco, dê muito de si e tudo para Cristo”. Em seu discipulado radical, ele cria que acumular tesouros na Terra é tão contrário à Palavra de Deus quanto o adultério. Quem pode negá-lo, quando a Bíblia proíbe ambos?

John Nelson Darby (1800-1882) John Nelson Darby, contemporâneo de Groves, tinha o mesmo espírito de sacrifício. Ele viajou pelas montanhas Wicklow, na Irlanda, e viu centenas de católicos romanos sendo ganhos para Cristo. Ele pregou no continente por

vinte e seis anos sem desfazer sua mala. Em todo lugar aonde ia, igrejas eram implantadas. Ele viveu por dias à base de apenas leite e nozes. Certo dia ele sentou-se em uma barata pensão italiana e cantou “Jesus, eu tomei minha cruz e deixo tudo para Te seguir”. Suas viagens o levaram à maioria dos países de fala inglesa. Ele traduziu a Bíblia para o francês, alemão e inglês e suas próprias obras ocupam mais de trinta e quatro volumes. Deus o usou para desenvolver uma teologia dispensacionalista e para reviver a verdade do Arrebatamento e do sacerdócio de todos os cristãos. Dwight L. Moody e C. I. Scofield foram grandemente influenciados pelos seus ensinamentos. Escolas bíblicas nos Estados Unidos também sentiram o impacto do seu ensino. Poucos homens, desde Paulo, têm tido um ministério tão abrangente. Sua filosofia era “Ah, a alegria de não ter nada e de não ser nada, vendo nada além de um Cristo vivo em glória e cuidando de nada além de Seus interesses

aqui embaixo”.

George Mueller (1805-1892) George Mueller é mais conhecido por seu orfanato em Bristol, Inglaterra. A instituição funcionava pela fé, sem jamais ter divulgado suas necessidades financeiras. O propósito de Muller era mostrar às pessoas de Bristol que há um Deus nos céus que responde às orações. Certo dia, Arthur Pierson perguntou-lhe: “Qual é o segredo do seu grande trabalho e das coisas maravilhosas que Deus tem feito através de você?”. Mueller olhou para cima por um instante e, então, foi abaixando sua cabeça cada vez mais, até que ela estava quase entre os seus joelhos. Ele ficou em silêncio por mais um ou dois instantes e então disse: “Há muitos anos atrás chegou um dia na minha vida em que George Mueller morreu. Quando jovem, eu tinha muitas ambições, mas chegou um dia em que morri para todas aquelas coisas e disse ‘daqui em diante, Senhor Jesus, a Tua vontade e não a minha’ e, a partir daquele dia, Deus começou a

trabalhar em mim e através de mim”.

David Livingston (1813-1873) O motivo para a grandeza de David Livingston foi seu compromisso com Cristo. O mundo o exalta como explorador e opositor ao comércio de escravos, mas, na verdade, o que contou foi sua vida para o Salvador. Seu trabalho na África foi um dos pontos altos das missões cristãs. Sua devoção integral ao Senhor foi expressa em seu lema: “Não colocarei valor algum em nada que tenho ou possuo, a não ser em relação ao reino de Deus”. Quando tinha 59 anos, escreveu “Meu Jesus, Meu Rei, Minha Vida, Meu Tudo; eu, mais uma vez, dedico-me completamente a Ti”. A palavra licença não fazia parte do seu vocabulário. Ele, certa vez, escreveu a uma sociedade missionária dizendo que estava pronto para ir a qualquer lugar – desde que fosse para frente. Um dia, seus irmãos africanos o encontraram de joelhos – morto. Seu coração foi enterrado na África e seu corpo foi sepultado na abadia de Westminster. A

inscrição ali diz: “Por trinta anos, sua vida foi investida em um esforço incansável para evangelizar”.

Frances Ridley Havergal (1836-1879) Um biógrafo de Frances Havergal afirmou sobre ela: “Ela não tinha qualquer dos requisitos comuns da fama. O que a diferenciava era o tom de integridade na sua experiência espiritual... Não havia limites ou ressalvas em sua consagração. Ela aprendeu o segredo da renúncia e se rendeu completamente a Deus. Por isso, suas obras literárias alcançaram e tocaram milhares de almas com um poder estranhamente penetrante”.¹¹

Aos vinte e um anos, em uma visita à Galeria de Arte de Düsseldorf, ela viu uma imagem de *Cristo Ecce Homo*. Ela se sentiu tão tocada que escreveu seu primeiro hino: Dei Minha vida por ti,

Meu precioso sangue derramei,
Para que o vosso pudesse ser resgatado, E ressuscitado dos mortos;
Eu dei, dei Minha vida por ti,
O que Me deste?
A casa de luz do Meu Pai,

Meu trono cercado de glória,
Deixei pela noite terrena,
Para peregrinar triste e só:
Deixei, deixei tudo por ti,
Deixaste tudo por Mim?
Sofri muito por ti,
Mais que tua língua consiga dizer, A mais amarga agonia,
Para resgatar-te do inferno;
Suportei, suportei a tudo por ti, O que suportaste por Mim?
E trouxe a ti,
De Minha casa acima,
Salvação completa e gratuita,
Meu perdão e Meu amor;
Eu trago, trago ricos presentes para ti, O que trouxeste a Mim?

Dezessete anos depois, ela resumiu sua autobiografia em seis estrofes, cada qual descrevendo uma experiência real de sua vida: A ti seja consagrada

Minha vida, ó meu Senhor;
Meus momentos e meus dias
Sejam só em Teu louvor.
Sempre minhas mãos se movam
Com presteza e com amor
E meus pés velozes corram
Ao serviço do Senhor.
Minha voz para sempre toma,

Para o Teu louvor cantar;
Toma os lábios meus, fazendo-os
A mensagem proclamar.
Minha prata e ouro toma;
Nada quero Te esconder;
Minha inteligência guia
Só e só por Teu saber.
A vontade minha toma,
Sujeitando-a a Ti, Senhor.
Do meu coração fazendo
O Teu trono, ó Salvador.

Meu amor e meu desejo
Sejam só Teu nome honrar;

Faze que meu corpo inteiro

Eu Te possa consagrar.

(Versão: O Cantor Cristão nº 296) **Hudson Taylor (1832-1905)**

Hudson Taylor foi o fundador da *China Inland Mission* (atual *OMF International – Overseas Missionary Fellowship International*). Ele foi a pessoa que abriu o interior da China para o evangelho. Ele se identificou com o povo chinês na forma de vestir, no que comia e em qualquer outra forma possível. Seu trabalho sobrevivia à base da fé; ele acreditava que Deus paga pelo que Ele pede. Não havia necessidade para levantar fundos. Com esta política, ele imitou a George Mueller que, casualmente, contribuiu generosamente para o ministério de Taylor.

Charles Haddon Spurgeon (1856-1917)

Charles Haddon Spurgeon, “o príncipe dos pregadores”, enchia grandes auditórios antes dos vinte anos de idade. Seus sermões escritos ainda têm grande circulação, assim como suas obras *Treasury of David* (“O Tesouro de Davi”, baseado no livro de Salmos) e *Morning and Evening Readings* (“Leituras para a Manhã e a Noite”). Assim como muitos dos servos voluntários de Deus, ele foi atingido por uma doença e guardou sua Bíblia pela última vez em 1892.

C. T. Studd (1862-1931) C. T. Studd nasceu em uma rica família inglesa. Seu pai foi salvo através de uma pregação de Moody e C. T. confiou sua vida a Cristo um ano depois. Na universidade, ele foi campeão de críquete e membro do *Cambridge Seven* (grupo de sete estudantes que decidiram ir à China como missionários). Seu lema de vida era: “Se Jesus Cristo é Deus e morreu por mim, nenhum sacrifício que eu possa fazer por Ele seria grande demais”. Essa convicção o levou a servir na China, na Índia e na África. Ele foi um dos “Extraordinários de Deus”, o tipo de gente que faz a maior parte do trabalho. Fundou a *World Evangelization Crusade* (“Cruzada Mundial de Evangelização”). Ao invés de voltar para casa e aposentar-se, ele escolheu permanecer na África e morrer ali.

Amy Carmichael (1867-1951) Amy Carmichael devotou sua vida a servir entre garotas indianas que, caso contrário, seriam prostitutas no templo. De origem irlandesa, ela teve uma tremenda força de caráter e

habilidade de liderança. A extensão de sua devoção a Cristo fica melhor representada em suas próprias palavras: O chamado de Deus está sobre mim.

Não posso ficar para brincar com as sombras Ou colher flores
Até ter feito meu trabalho
E prestar contas.

Ela também escreveu:

Da oração que pede que eu seja
Protegida dos ventos que Te castigam; Do medo quando deveria ousar,
Do tropeço quando deveria escalar mais alto, Do “eu” confortável, ó
Capitão, livra, Teu soldado para que possa te seguir.
Do amor sutil por coisas que suavizam, Das escolhas fáceis que
enfraquecem, Não é assim que o espírito é fortificado, Não é este o
caminho do Crucificado.
De tudo que abrande o Teu Calvário, Ó Cordeiro de Deus, me livra.
Dê-me o amor que mostra o caminho, A fé que nada pode desanimar,
A esperança que não se cansa com decepções, A paixão que queima
como o fogo.
Não permita que eu me torne medíocre.
Faz-me Teu combustível, Chama de Deus.

William Borden (1887-1913) William Borden, assim como C. T. Studd, renunciou a uma vida de luxos e riquezas para atender ao chamado

de Cristo. Sua dedicação total a Cristo pode ser resumida em seu lema: “Sem ressalvas, sem recuos, sem arrependimentos”. Ele disse “no coração de cada homem há um coração e uma cruz. Se Cristo está sentado no trono, este homem está na cruz; e se ele estiver sentado no trono, mesmo que seja apenas em parte, Jesus está na cruz do coração desse homem. Se Jesus estiver sentado no trono, você irá aonde Ele quiser que vá. Jesus sentado no trono glorifica qualquer trabalho ou lugar”.

Eric Liddell (1902-1945) O comprometimento de Eric Liddell para com o Senhor incluía um compromisso firme com o dia do Senhor. Durante as Olimpíadas de 1924, em Paris, ele se recusou absolutamente a competir na prova de 100 metros (para a qual havia se qualificado) porque estava marcada para um domingo. Alguns o chamaram de traidor da Escócia e do Reino Unido. As autoridades do atletismo britânico estavam horrorizadas, mas ele não cedeu. Ele eventualmente

concordou em participar da corrida de 400 metros, embora não fosse sua prova, porque seria durante a semana. Antes da corrida, o massagista de Eric entregou-lhe um pedaço de papel com as seguintes palavras: “O Bom Livro diz que ‘Eu honrarei aquele que me honrar’”. Liddell ganhou a corrida e estabeleceu um novo recorde mundial. Anos mais tarde, ao morrer como um missionário em um campo de concentração japonês, um grande jornal nacional disse: “A Escócia perdeu um filho que lhe trouxe orgulho a cada dia de sua vida”.

Betty Scott Stam (1906-1934) Enquanto ainda era uma aluna de seminário, Betty Scott Stam escreveu este compromisso na frente de sua Bíblia: Senhor, abro mão dos meus planos e propósitos pessoais, de todos os meus desejos, esperanças e ambições (sejam carnis ou espirituais) e aceito a Tua vontade para a minha vida. Entrego quem sou, minha vida e meu tudo completamente para Ti, para serem Teus para sempre. Coloco em Tuas

mãos todas as minhas amizades, meu amor.

Todas as pessoas a quem eu amo ficarão em segundo lugar em meu coração. Enche-me e sela-me com Teu Espírito Santo. Faz a Tua vontade na minha vida, não importando o preço, agora e para sempre. “...para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fp 1.21).

Betty e seu marido entregaram sua vida totalmente como missionários na China. Eles foram decapitados em 1934. Sua história é contada em *The Triumph of John and Betty Stam* (“O Triunfo de John e Betty Stam”).

Jim Elliot (1927-1956) Todos que conheceram Jim sabiam que ele era como a sarça ardente – ardendo, mas não sendo consumido. A impressão que tenho permanentemente dele é de sua inflexível intolerância com qualquer coisa que estivesse entre a devoção do coração e Cristo. Nesse sentido, ele concordava com James Denney, que escreveu: Se Deus realmente fez algo incrível em Cristo, de quem depende a salvação do mundo e se Ele tornou isso conhecido, então é o dever do cristianismo ser intolerante com qualquer coisa que o ignore, negue ou

minimize.¹²

Podemos sentir essa intolerância quando ouvimos Jim orando: Ele faz de Seus ministros uma chama de fogo. Sou inflamável? Deus, liberta-me dos temíveis asbestos de “outras coisas”. Enche-me do óleo do Espírito, para que eu fique em chamas. Mas as chamas são transitórias, muitas vezes têm vida curta. Você consegue agüentar isso, minha alma – uma vida curta? Em mim habita o Espírito dAquele que, sendo Grande, escolheu uma vida curta, cujo zelo pela casa de Deus O consumiu... Faz-me Teu combustível, Chama de Deus.¹³

A filosofia de Jim era: “Não é tolo quem dá o que não pode manter para ganhar o que não pode perder”. Juntamente com quatro outros jovens inflamados por Deus, ele foi morto pelas lanças dos indígenas Auca, no leito de um rio no Equador.

Parte IV

O CHAMADO SUPERIOR DO COMPROMETIMENTO

BUSQUE O TOPO

Enquanto eu estava escrevendo o capítulo anterior, as Olimpíadas de Verão estavam acontecendo em Atlanta. O mundo estava presenciando alguns dos maiores exemplos de comprometimento do ponto de vista humano.

A cada quatro anos, atletas de aproximadamente 197 países se reúnem para os Jogos de Verão. A maioria ainda jovem, eles são os melhores que esses países podem enviar para competir nos vários esportes. Quanto à proeza física e habilidade, eles são os melhores do mundo. Países não gastam seu dinheiro à toa em atletas de segundo nível. Eles querem os melhores.

Preparação

Como esses jovens excepcionais são separados do grande grupo? Não há dúvida de que eles têm habilidades naturais para seus esportes. Seus corpos foram criados com a exata combinação de mente e músculos, mas isso não basta. Antes de chegarem aos Jogos, eles treinaram quase interminavelmente. Por exemplo, um nadador, em geral, treina 10 horas por dia, seis dias por semana, por dezessete anos. A equipe feminina de nado sincronizado norte-americana treinou natação seis horas por dia e fez exercícios aeróbicos todos os dias por um ano. Este tipo de disciplina é típico de vencedores. Por trás de cada medalha de ouro, prata ou bronze, estão anos de treino disciplinado.

Motivação

Estes atletas têm uma motivação enorme. Eles querem ganhar o ouro. Eles estão constantemente esperando pelo momento em que aparecerão diante dos árbitros e a medalha da vitória será colocada em seu pescoço. Eles sonham com a fama que podem ganhar e com o dinheiro que podem receber de

acordos de patrocínios lucrativos. Eles esperam pela irrequieta multidão da torcida.

Suas mentes estão focadas. Eles não perdem tempo com coisas triviais. Se forem ginastas, estão se dedicando a aperfeiçoar suas séries. Nenhuma dor ou fraqueza pode interferir em seu objetivo. Muitos dos relacionamentos de suas vidas têm que passar para o segundo lugar. Uma coisa e apenas uma, ocupa suas mentes: aquela medalha de ouro.

Eles disciplinaram e subjugaram seus corpos. Poderiam ter se empanturrado com suas comidas e bebidas preferidas, mas sabiam que, se o fizessem, não conseguiriam vencer. Eles perceberam que tinham que controlar-se em tudo.

Cada esporte tem sua própria língua e os atletas aprendem a falar essa língua com perfeição. Eles acrescentam novas palavras a seus vocabulários e consideram isso um preço pequeno a ser pago.

Então, chegam as eliminatórias. Um a um, os aspirantes são eliminados até que o melhor atleta ou equipe seja confirmada.

Competição

Finalmente, começam os jogos olímpicos. É uma oportunidade única, o alvo pelo qual os atletas lutaram, trabalharam, treinaram, sonharam.

Conforme eles se apresentam, vemos expressões de determinação em seus rostos. Não há qualquer sorriso bobo ou fraco. Eles vão dar tudo de si.

Cada nervo está esticado. Cada músculo está tensionado. Eles começam. Com toda a determinação de que são capazes, dão o melhor de si.

É claro que eles precisam seguir as regras da competição. Qualquer desvio resultará em perda de pontos e poderia custar-lhes o prêmio.

Eles se livram de tudo o que é desnecessário. Não é hora de usar roupas para chamar a atenção ou sobrecarregar-se com acessórios que podem aumentar o peso sobre eles.

Muitos dos esportes exigem uma enorme resistência. Aqueles corpos levam uma terrível surra, mas não se detém. Sem dor, sem resultado. Nenhum

preço é caro demais.

Oceanos de emoção vêm à tona. Muitas vezes, aqueles que não conseguem vencer desabam chorando angustiados. Parece que anos de preparação se foram pelo ralo em um segundo. Para alguns, espera-se que haja outra chance.

Uma jovem ginasta fez seu último salto em uma competição por equipes com o tornozelo distendido. Ela o fez voluntariamente e valeu a pena quando ela ganhou a medalha de ouro para sua equipe.

Os vencedores vivem um momento de grande alegria em pé enquanto o hino nacional de seu país é tocado. Eles saem de lá com sua medalha, o prêmio desejado.

Os cristãos que assistem aos jogos não têm como não ver suas aplicações espirituais. As semelhanças e contrastes são marcantes.

Deus está procurando os melhores competidores. No caso dEle, no entanto, os melhores não são aqueles a quem o mundo

escolheria. Eles podem ser os que o mundo consideraria tolos, fracos, comuns, desprezíveis – “ninguéns” (1 Co 1.27-28). Os considerados melhores por Deus são aqueles que Lhe dão seu melhor, que O consideram digno de tudo o que têm e são.

A juventude é a melhor época para Deus lidar com a alma. É quando o metal está sendo fundido e ainda pode ser moldado. É a época em que a energia está em seu ápice e as habilidades mentais estão mais afiadas.

Cristãos também têm que treinar. Deus nos chama à prática da santidade. *“Não faz caso da força do cavalo, nem se compraz nos músculos do guerreiro. Agrada-se o SENHOR dos que o temem e dos que esperam na sua misericórdia” (Sl 147.10-11)*. Nosso treinamento não é físico, é espiritual. Para o cristão, *“o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser” (1 Tm 4.8)*. Isso significa nos retirarmos da poluição auditiva do mundo para gastar tempo com a Palavra, para orar, meditar e

estudar. Significa uma vida de obediência firme à Palavra.

Paulo provavelmente estava pensando nos Jogos Olímpicos originais quando escreveu: *“Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado”* (1 Co 9.24,26-27).

Note que Paulo não corria com incerteza. Ele estava focado. Ele mantinha seu alvo em mente e corria diretamente em sua direção. Ele não esmurrava o ar, perdendo tempo e esforço com golpes inúteis. Ele tentava fazer valer cada movimento para o Reino. Ele disciplinava e subjugava seu corpo. Poderia ter cedido à carne, satisfazendo seus caprichos e vontades, mas, se o houvesse feito, jamais poderia vencer na vida cristã. Ele temia a derrota. Depois de chamar outros para o jogo, ele temia ser desqualificado.

Nossas mentes precisam estar focadas. Devemos olhar para Jesus, o autor e consumidor da nossa fé (Hb 12.2). Precisamos nos proteger de distrações constantemente. Spurgeon disse “quem viu Jesus morrer jamais entrará no negócio de brinquedos: uma criança, uma pipa, um pouco de sabão e muitas bolhas bonitas. Somente a cruz pode nos afastar de tal peça”.

Precisamos estar dispostos a aprender uma nova língua, a língua do céu. Precisamos acrescentar palavras novas ao nosso vocabulário, palavras como justificação, santificação, propiciação e glorificação. Com o tempo, pode ser que precisemos aprender uma língua estrangeira para servir em outro país.

Eliminatórias

Então começam as eliminatórias. Os desistentes nas Olimpíadas cristãs são preocupantes. Dr. Paul Beck disse a seu futuro genro: “John, conforme você se prepara para começar um ministério, quero lhe dar alguns conselhos. Permaneça fiel a Jesus! Certifique-se de manter seu coração próximo de Jesus todos os dias. O caminho entre aqui e aonde

você está indo é longo e Satanás não está com pressa para pegá-lo. Tenho notado que apenas um de cada dez que começam a servir ao Senhor integralmente aos vinte e um anos continua firme ao chegar aos sessenta e cinco anos. Eles são abatidos moralmente, abatidos por desânimo, abatidos por uma teologia liberalista; eles se tornam obcecados por dinheiro... por uma razão ou por outra, nove de cada dez caem fora”.¹⁴

John foi para casa e, na frente de sua Bíblia, ele escreveu os nomes de vinte e quatro de seus amigos e contemporâneos que eram dedicados a Jesus Cristo, comprometidos com o trabalho do Senhor em tempo integral. Trinta e três anos depois, restavam apenas três dos vinte e quatro nomes originais.

Howard Hendricks conduziu uma pesquisa entre 246 homens envolvidos com ministério em período integral que haviam passado por fracassos morais em um período de dois anos. Isso é em torno de 10 por mês em dois anos. Cada um deles começou firme. Mais de 80 por cento deles se envolveu sexualmente com uma mulher na

seqüência de um aconselhamento dado a ela. Cada um dos 246 estava totalmente convencido de que “jamais aconteceria comigo”.

Na corrida cristã, precisamos nos livrar de qualquer coisa desnecessária. É isso o que o autor de Hebreus quer dizer: “...*desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia...*” (Hb 12.1b). Nada de bagagem em excesso. Não podemos nos envolver com os negócios desta vida (2 Tm 2.4).

Cristo precisa ser o primeiro em nossa vida. É por isso que Paulo escreve de forma tão forte: “*Isto, porém, vos digo, irmãos: o tempo se abrevia; o que resta é que não só os casados sejam como se o não fossem; mas também os que choram, como se não chorassem; e os que se alegram, como se não se alegrassem; e os que compram, como se nada possuíssem; e os que se utilizam do mundo, como se dele não usassem; porque a aparência deste mundo passa*” (1 Co 7.29-31).

Passaremos por diversos sentimentos. Há lágrimas por um mundo perdido e pela má condição

espiritual da Igreja. Há lágrimas por nossos próprios fracassos e falhas. Choramos quando discípulos promissores abandonam a fé. Há a alegria em cada triunfo do Evangelho, para cada cristão que continua fiel ao Senhor e para cada resposta de oração.

O Juiz senta no *Bema*, isto é, no Lugar de Julgamento. Ele não tem medalhas de ouro em Suas mãos, apenas coroas. Coroas da vida. Coroas da glória. Coroas da justiça. Esses são prêmios indestrutíveis.

Não há, no entanto, orgulho da vida neste momento. Nenhuma vanglória. Quando Ele coloca sua mão marcada pelos pregos no ombro do vencedor, só há uma coisa a fazer: ajoelhar-se diante dEle e depositar as coroas diante dos Seus pés. Somente Cristo é digno!

O que aconteceria se os cristãos demonstrassem o mesmo zelo, motivação, disciplina e determinação que os atletas olímpicos? O que aconteceria se nossos jovens gastassem tanto tempo lendo a Bíblia, orando e servindo ao Senhor quanto os melhores atletas do mundo gastam treinando?

O mundo seria evangelizado.

COMPROMETIMENTO É CARO

É fato que comprometimento é necessário para qualquer um que queira alcançar excelência. Atletas olímpicos não são os únicos que têm que praticar incessantemente, treinar rigorosamente e disciplinar-se fielmente. Pessoas em todas as áreas de atuação precisam estar motivadas a dar seu melhor e agüentar pacientemente. As medalhas e prêmios não são para preguiçosos ou enroladores de marcha lenta.

As alturas por grandes homens alcançadas e mantidas
Não foram atingidas por um voo repentino,
Eles, porém, enquanto seus companheiros dormiam,

Continuavam avançando arduamente durante a noite.

- Henry Wadsworth Longfellow

Parece tão fácil

Vemos músicos em concertos e admiramos suas performances perfeitas. Eles tocam ou cantam com tanta destreza que para nós parece fácil. Fácil? O que não percebemos são os anos de treino concentrado de que precisaram para adquirir essa destreza. Certa vez alguém perguntou a Paderewski, o famoso pianista, qual era o segredo de seu sucesso. Ele respondeu: “Praticar escalas hora após hora, dia após dia, até que estes pobres dedos quase ficaram completamente desgastados”. No entanto, ele estava disposto a fazê-lo para alcançar a fama como pianista.

Freqüentemente, me lembro de John James Audubon, o grande artista e naturalista. Ele se levantava à meia-noite e ia para os pântanos, noite após noite, para estudar os hábitos de certos falcões noturnos. Ele se considerava com sorte se, depois de ficar imóvel por horas no escuro e na neblina, conseguisse um novo fato sobre um único pássaro.

Durante certo verão, ele foi para os pântanos perto de Nova Orleans para observar uma tímida ave aquática. Isso significava ficar até o pescoço na água parada enquanto as cobras venenosas “boca de algodão” nadavam perto do seu rosto e grandes jacarés passavam sempre de novo por ele em sua vigília silenciosa. “Não foi agradável”, disse, com o rosto brilhando de entusiasmo, “mas e daí? Consegui a foto do pássaro”. Ele fez aquilo pela foto de um pássaro.

Escritores famosos já falaram sobre como alcançaram a excelência. Edward Gibbon gastou 26 anos escrevendo “A História do Declínio e Queda do Império Romano”. John Milton geralmente levantava às quatro horas da manhã para escrever “Paraíso Perdido”. Thomas Gray começou a escrever “Elegia em um Cemitério Campestre”, em 1742, mas não a terminou até julho de 1750. Ernest Hemingway disse que começava cada dia lendo e reeditando tudo o que havia escrito até o ponto onde havia parado. “Desta forma leio o livro várias centenas de vezes, afiando-o até que fique tão afiado quando a espada de um toureiro. Reescrevi o final

de “Adeus às Armas” 39 vezes manualmente e repassei-o mais de 30 vezes durante a revisão, tentando aperfeiçoá-lo”. Esses homens estavam dispostos a investir toda essa energia, zelo e dedicação no que consideravam uma causa digna.

Pense nos sacrifícios que muitos empresários e profissionais tiveram que fazer: os períodos longe de suas famílias, as inconveniências de viagens, os ajustes aos diferentes fusos horários, a solidão dos quartos de hotel, línguas estrangeiras, extremos climáticos e comidas estranhas. Eles estavam dispostos a fazer tudo isso por dinheiro.

Sangue, suor e lágrimas

Comprometimento é o tipo de coisa da qual são feitos os exploradores. Ernest Shackleton, famoso pela viagem à Antártida, colocou este anúncio em um jornal de Londres: “Procura-se homens para perigosa jornada. Salário pequeno. Frio penoso. Longos meses de completa escuridão. Retorno seguro duvidoso. Honra e reconhecimento em caso de sucesso”.

Comandantes militares não querem soldados de açúcar que desmaiam ao ver sangue. Diante dos degraus da basílica de São Pedro em Roma, Garibaldi disse aos homens reunidos ao seu redor: “Não lhes ofereço nem salário nem provisões. Lhes ofereço fome, sede, marchas forçadas, batalhas e morte. Que aquele que ama a seu país de coração e não apenas com sua boca, me siga”. Ousamos oferecer menos ao Senhor Jesus Cristo?

Quando um golfista perguntou a Babe Didrickson Zaharias como aperfeiçoar sua tacada, ela riu. “Simples”, ela disse. “Primeiro, você acerta mil bolas de golfe. Você dá tacadas até suas mãos sangrarem e não conseguir continuar. No dia seguinte, você começa de novo e, no dia seguinte, de novo e de novo e, talvez depois de um ano, você esteja pronto pra jogar 18 buracos. Depois disso você joga todos os dias até que, finalmente, chegue o momento em que você sabe o que está fazendo ao bater na bola”.

Precisa-se de muita dedicação para atores e atrizes decorarem suas falas e então ensaiarem até que cada movimento e modulação estejam certos.

Arqueólogos agüentam o sol escaldante por semanas em busca de uns poucos fragmentos de cerâmica. Pessoas envolvidas com pesquisa esquecem o relógio e o calendário enquanto buscam novas descobertas científicas. E a lista continua.

E quanto a nós

Tudo isso levanta problemas perturbadores para aqueles de nós que são seguidores do Cristo do Calvário. Temos o maior Capitão para seguir. Temos a maior mensagem para proclamar e a maior causa pela qual viver e morrer. Se homens e mulheres se esgotam por reconhecimento, honras e remuneração financeira, amor por seu país e sucesso, quanto mais deveríamos nós estar dispostos a dar-Lhe tudo?

Em seu livro *Dedication and Leadership* (“Dedicação e Liderança”)¹⁶, Douglas Hyde contrasta comunistas e cristãos:

Para cristãos, há um elemento de pura tragédia nisto – que pessoas com tanto potencial invistam tanta energia, zelo e dedicação a uma causa, enquanto aqueles que acreditam ter a melhor causa

da Terra muitas vezes investem tão pouco. Seus líderes, com frequência, têm medo de pedir mais que o mero mínimo.

Cristãos podem afirmar que comunistas têm a pior doutrina da Terra. Porém, o que eles devem admirar é que comunistas a defenderão do topo de telhados, enquanto geralmente aqueles que acreditam ter o melhor, falam com uma voz muda, se é que falam.

Um artigo da *Harvester Magazine*¹⁷ apontou a mesma inconsistência:

Muitos de nós que professamos amar ao Senhor Jesus Cristo e ter o desejo de servi-LO são humilhados quando comparados [a pessoas dedicadas do mundo]. Muitas das ações de serviço na obra cristã são feitas pela metade. Elas são encaradas como tarefas a serem completadas, mas parece haver pouco esforço na preparação ou alegria em sua execução. Um professor de escola dominical “sobrevive” com poucos minutos de estudo e ainda menos de oração e então se pergunta por que há tão pouco fruto. Um pregador recorre aos arquivos para usar um antigo sermão, pensando que vai bastar para o domingo que vem, já que poucos da congregação se lembrarão de qualquer forma e fica confuso porque seu público não se sente tocado. A maioria de nós não ora como deveria, porque orar é trabalho duro e então expressamos perplexidade por não ver respostas às nossas orações. A preguiça espiritual é a responsável por muito da seca espiritual.

DEUS QUER O MELHOR

Um fio dourado corre ao longo das Escrituras, uma verdade que reaparece constantemente no tecer da Palavra. A verdade é esta: Deus quer o primeiro e Deus quer o melhor. Ele quer estar em primeiro lugar em nossas vidas e quer o melhor que temos a oferecer.

Impecável

Quando o Senhor instituiu a Páscoa, Ele instruiu os israelitas a trazerem um cordeiro sem defeitos (Êx 12.5). Eles jamais deveriam sacrificar a Ele qualquer animal que fosse manco, cego, defeituoso ou falho (Dt 15.21; 17.1). Isso seria

detestável.

É importante esclarecer que Deus não precisa de nenhum animal que homens possam oferecer a Ele. Cada animal da floresta pertence a Ele assim como as cabeças de gado aos milhares nas colinas (Sl 50.10). Por que, então, Ele legislou que Lhe deviam ser sacrificados apenas animais perfeitos? Ele o fez para o nosso bem, não para o Seu próprio. Ele o fez como uma lição para ensinar ao Seu povo pelo menos uma verdade fundamental: eles somente conseguem encontrar alegria, satisfação e preenchimento ao dar a Deus o lugar apropriado em suas vidas.

O primogênito

Em Êxodo 13.2, Deus ordenou que Seu povo separasse seus primogênitos e os primeiros dentre os animais para Ele: *“Consagra-me todo primogênito; todo que abre a madre de sua mãe entre os filhos de Israel, tanto de homens como de animais, é meu”*.

O primogênito representa o que é excelente e

mais estimado. Foi assim que Jacó falou de Rubem, seu primogênito, como “*minha força e as primícias do meu vigor, o mais excelente em altivez e o mais excelente em poder*” (Gn 49.3). O Senhor Jesus é mencionado como “*o primogênito de toda a criação*” (Cl 1.15) no sentido de que Ele é o que há de mais excelente e que Ele tem a posição de mais alta honra sobre toda a criação.

Ao dizer a Seu povo para santificar seus primogênitos a Ele, Deus estava mexendo com uma área muito sensível, porque, em uma cultura patriarcal, o filho mais velho era alvo de uma afeição especial da parte de seus pais. Tudo isso foi feito para ensiná-los a dizer:

O mais querido objeto que já tenha conhecido,
Seja esse objeto o que for,
Ajuda-me a tirá-lo do trono,
E a adorar somente a Ti.
- Autor Desconhecido

As primícias

A seguir, Deus instruiu os fazendeiros a trazerem os primeiros frutos da terra ao santuário do

Senhor (Êx 23.19). Quando a colheita de grãos começasse a amadurecer, o fazendeiro deveria ir para o campo, colher um feixe dos primeiros grãos maduros e apresentá-lo como oferta ao Senhor. Esse feixe de primícias simbolizava o reconhecimento de Deus como o Provedor da plantação e garantia que Ele recebesse Sua porção. De novo, é óbvio que Deus não precisava dos grãos, mas as pessoas precisavam de um lembrete constante de que o Senhor é digno dos primeiros e do melhor.

Quando animais sacrificiais eram cortados, os sacerdotes podiam, às vezes, levar certas partes, os ofertantes podiam comer outras partes, mas a gordura era sempre oferecida ao Senhor (Lv 3.16). A gordura era considerada a melhor e mais rica parte do animal e, portanto, pertencia a Ele. Nada além do melhor era suficientemente bom.

Algumas das leis mais bondosas de Deus também foram feitas para proteger a saúde do Seu povo. Aqui, por exemplo, a proibição de comer a gordura pôde proteger as pessoas de arteriosclerose, causada pelo excesso de colesterol. Porém, o propósito maior dessa lei era ensinar as pessoas a

dar seu melhor a Deus.

Primeira massa

Essa obrigação de colocar Deus em primeiro lugar se estendia a todas as áreas da vida, não apenas ao lugar de adoração, mas também à cozinha. O povo do Senhor foi instruído a oferecer um bolo feito com sua primeira farinha para uma oferta voluntária: “*Das primícias da vossa farinha grossa apresentareis ao SENHOR oferta nas vossas gerações*” (Nm 15.21). Mexer uma massa de farinha pode parecer uma tarefa comum ou não muito espiritual. No entanto, ao oferecer a primeira porção de farinha ao Senhor, um judeu devoto estava confessando que Deus ocupava o primeiro lugar em tudo em sua vida. Também era uma rejeição de qualquer diferenciação entre o secular e o sagrado. Embora fosse evidente que Deus não precisa da farinha, o Senhor deve ser reconhecido como o Provedor do pão diário da pessoa.

Vemos esse princípio claramente em uma instrução dada aos levitas: “*De todas as vossas dádivas apresentareis toda oferta do SENHOR: do*

melhor delas, a parte que lhe é sagrada” (Nm 18.29). Considerando que todos nós nos tornamos como aquilo a que adoramos, é imperativo que reconheçamos a Deus da forma correta.

Pensamentos pequenos a respeito de Deus são destrutivos. Somente quando nós, criaturas, dermos ao Criador o lugar que Ele merece, poderemos viver acima da carne e do sangue e alcançar a dignidade para a qual fomos criados.

Ao seguir esse fio dourado ao longo do Antigo Testamento, vemos essa lição na prática quando Elias conhece uma viúva necessitada em um lugar chamado Sarepta (1 Reis 17.7-24). Ele pediu à mulher um copo de água e um pedaço de pão. Ela desculpou-se porque tudo o que tinha era um punhado de farinha e um pouco de azeite, apenas o suficiente para fazer uma última refeição para ela e seu filho antes de morrerem de fome.

“Sem problemas”, disse o profeta, “faça primeiro um pouco de pão para mim e então use o resto para si e para o menino”.

Isso parece um pedido extremamente egoísta,

não? Parece que o profeta era grosseiro. Dizer “sirva-me primeiro” é tanto insensível quanto falta de educação.

O que precisamos entender, porém, é que Elias era um representante de Deus. Ele estava ali em nome de Deus. Não era culpado de egoísmo ou grosseria. O que estava dizendo era “olhe, sou profeta de Deus. Ao servir-me primeiro, você, na verdade, está colocando Deus em primeiro lugar e, enquanto fizer isto, nunca passará necessidade. Seu saco de farinha jamais ficará vazio e seu pote de azeite jamais secará”. Foi exatamente isso que aconteceu.

Salomão reforçou o direito de Deus sobre nossas vidas com as conhecidas palavras “*Honra ao SENHOR com os teus bens e com as primícias de toda a tua renda*” (Pv 3.9). Isso significa que toda vez que ganharmos um aumento, devemos garantir que o Senhor será o primeiro a receber Sua parte.

O Reino antes de tudo

Chegando ao Novo Testamento, ouvimos o

Senhor Jesus insistir que Deus deve vir em primeiro lugar: *“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça e todas estas coisas vos serão acrescentadas”* (Mt 6.33). É a mesma verdade que Elias compartilhou com a viúva: aqueles que derem ao Senhor o lugar de supremacia em suas vidas jamais terão que se preocupar com as necessidades básicas da vida.

Talvez tenhamos nos acostumado tanto com a oração do Senhor (em Mt 6.9-13) que não vemos a importância da ordem contida ali. Ela nos ensina a colocar a Deus em primeiro lugar (*“Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome”*) e à Sua vontade (*“venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”*). Somente então e não antes, podemos trazer nossos pedidos pessoais (*“o pão nosso de cada dia dá-nos hoje”*, etc.).

Assim como o lugar de supremacia deve ser dado a Deus Pai, também deve ser dedicado ao Senhor Jesus, como Membro da Trindade. Lemos assim: *“Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia”*

(Cl 1.18).

O Salvador insistiu para que o amor do Seu povo por Ele fosse tão grande que todos os outros amores parecessem ódio quando comparados a ele. *“Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo”* (Lc 14.26). Jesus precisa ser o primeiro em nosso amor.

Ofertas imperfeitas

Infelizmente, o Senhor nem sempre recebe as primícias e o melhor de Seu povo. No tempo de Malaquias, quando chegou a hora de fazer uma oferta ao Senhor, um fazendeiro colocou seus melhores animais para procriação ou à venda e deu ao Senhor os rejeitados. Ele estava afirmando que qualquer coisa é boa o suficiente para o Senhor. Lucro no mercado vinha em primeiro lugar. Foi contra isso que Malaquias gritou: *“Na hora de trazerem animais cegos para sacrificar, vocês não vêem mal algum. Na hora de trazerem animais aleijados e doentes como oferta, também não vêem mal algum. Tentem oferecê-los de presente ao governador! Será que ele se agrada de vocês? Será que os atenderá?”* (Ml 1.8 – NVI).

Uma mãe cristã estava trabalhando arduamente na cozinha enquanto um pregador estava conversando com seu filho na sala. O pregador estava falando sobre as maravilhosas oportunidades na obra do Senhor para as habilidades desse jovem. Então uma voz estridente veio da cozinha: “Não fale

assim com meu filho. Não foi isso que planejei para ele”. Certa noite, um executivo cristão estava expondo seus alvos para seu filho: uma das melhores universidades, uma prestigiosa carreira de negócios e uma aposentadoria confortável. O filho não estava interessado. Ele queria investir sua vida no serviço do Senhor. Eles conversaram noite adentro, mas não chegavam a lugar algum. Finalmente, o filho disse: “Bom, pai, você quer que eu continue a trabalhar pelo Senhor ou não?”. Depois o pai me confidenciou: “Aquilo acabou com todos os argumentos”.

Por outro lado, Spurgeon disse a seu filho: “Meu filho, se Deus o chamar para o campo missionário, eu não gostaria de vê-lo tornar-se medíocre como um rei”.

E quanto a nós?

E hoje? Como podemos dar ao Senhor nossas primícias e nosso melhor? Como podemos tornar esse princípio prático em nossas próprias vidas?

Podemos fazê-lo em nossos empregos

obedecendo aos que estão acima de nós;
trabalhando com alegria como para o Senhor e não
para homens, considerando que é a Cristo que
servimos (Cl 3.22-24). Se as demandas do trabalho
começarem buscar prioridade acima das demandas
de Cristo, precisamos estar preparados para dizer-
lhes “até aqui virás e não mais adiante e aqui se
quebrará o orgulho das tuas ondas”. Precisamos
estar dispostos a fazer muito mais pelo Salvador do
que jamais faríamos por uma empresa.

Podemos fazê-lo em casa ao manter fielmente
um altar familiar, lendo a Bíblia e orando juntos.
Sim, podemos fazê-lo ao criar filhos para o Senhor
e não para o mundo; para o céu e não para o
inferno.

Entregue teus filhos para levar a gloriosa mensagem;
Entregue tua riqueza para enviá-los;
Derrame tua alma por eles em oração vitoriosa;
E tudo o que entregares Jesus recompensará.
- Mary A. Thomson

Podemos fazê-lo em nossa comunidade local
ao servirmos fielmente e com entusiasmo. George
Mallone nos conta de um ancião que recusou um

convite para um jantar presidencial na Casa Branca porque suas responsabilidades como ancião não lhe permitiam. Depois da brilhante exposição da natureza e das propriedades do ímã, feita por Michael Faraday, o público propôs um voto formal de congratulação. Faraday, porém, não estava lá para recebê-lo. Ele havia saído para a reunião de oração do meio da semana de sua igreja, uma igreja que nunca tinha mais de vinte membros.

Podemos colocar a Deus em primeiro lugar em nossa mordomia referente às coisas materiais. Fazemos isso ao adotar um estilo de vida simples para que todo o excedente vá para a obra do Senhor. Fazemos isso ao dividir com aqueles que têm necessidades espirituais e físicas. Em resumo, fazemos isso ao investir em nome de Deus e da eternidade.

No entanto, a melhor forma de dar a Deus o primeiro lugar é entregar nossas vidas a Ele ao comprometer-nos não apenas para a salvação, mas também para o Seu serviço. Além disso, nada é suficiente quando pensamos em tudo o que Ele fez por nós.

Ó Cristo, Tuas mãos e pés ensangüentados:
Teu sacrifício por mim;
Cada ferida, cada lágrima requer da minha vida
Um sacrifício por Ti.
- J. Sidlow Baxter

O QUE IMPEDE NOSSO COMPROMISSO?

A lógica do compromisso é inegável. Pense de novo no que o Deus encarnado fez na cruz.

Ele morreu como um substituto para você e para mim.

Ele venceu o pecado ao Se sacrificar.

Deus Pai colocou nossos pecados sobre Seu Filho divino e Ele pagou o preço.

Ele derramou Seu sangue para comprar-nos do mercado de pecadores.

É impossível enfatizar demais o fato de que foi o Deus encarnado que morreu ali por nós para que possamos passar a eternidade com Ele no Céu.

A morte do nosso Criador no Calvário é única.

Algo assim jamais havia acontecido antes e jamais se repetirá. O fato de que Ele estava disposto a morrer por criaturas pecadoras vai além da imaginação. É uma idéia ousada demais para ter sido inventada por humanos e maravilhosa demais para ser compreendida pela mente humana. Foi um amor sem medida, uma graça sem comparação, um sacrifício sem limites.

A criação inanimada respondeu à magnitude do que estava acontecendo. Escuridão cobriu a Terra. Pedras se desintegraram. A terra tremeu. Túmulos se abriram. A cortina do Templo se rasgou de alto a baixo. Apenas um ser humano, compreendendo de repente, expressou a incredibilidade daquilo tudo. Foi o centurião romano que disse:
“Verdadeiramente este era Filho de Deus” (Mt 27.54b).

Comparado ao Calvário, todos os outros eventos somem em insignificância. Todas as outras mortes foram triviais. Todas as outras horas foram irrelevantes. O evento do Calvário foi por você e por mim.

Nossa resposta racional

Diante dessa lógica, só há uma resposta adequada:

Ó Jesus, Senhor e Mestre,
Entrego-me a Ti;
Pois Tu, em Tua reconciliação,
Te entregaste por mim.
Não tenho outro Mestre,
Meu coração será Teu trono.
Minha vida dou, para viver de hoje em diante,
Ó Cristo, somente para Ti.
- Thomas O. Chisholm

Por que nem todo cristão consagra totalmente sua vida a Cristo? Em uma resposta direta, é porque não pensamos direito. Nossas mentes estão distorcidas por medos e falsidade. Vamos expor alguns deles à luz.

Medo da vontade de Deus

Temos medo do que Deus pode pedir de nós. Um número surpreendente de cristãos presume que se disserem: “Toma minha vida”, Deus automaticamente dirá: “Vá para o campo

missionário”. Para eles, a vontade de Deus é sinônimo de obra missionária em outro país. Achem que é o único chamado que o Senhor tem para discípulos dedicados. Em suas mentes, surge a imagem de cobras, pântanos, escorpiões, aranhas e uma umidade sufocante. É a vida mais espantosa que podem imaginar.

Tal medo demonstra uma visão superficial e desonrosa da ousadia do nosso Senhor. Ele está longe de estar limitado a uma opção, mas tem uma variedade infinita de planos para pessoas submissas. Ele é um Deus de criatividade ilimitada ou, como foi dito, “maravilhosa imaginação”. Ele “nos encanta com Sua incrível variedade”.

Esse medo também ignora o fato de que Deus não trabalha no ramo de arrastar convocados relutantes. Seus soldados são voluntários. Paulo lembra, em Filipenses 2.13, que “*Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade*”. Em outras palavras, primeiro Ele põe o desejo em nossos corações e então nos dá a habilidade de realizá-lo. Isso quer dizer que quando um homem ou uma mulher

caminha na vontade de Deus, está fazendo o que mais quer fazer. Para esta pessoa, é a realização de um sonho.

Medo do que Deus possa tirar

Alguns de nós têm medo de que Deus nos roube algo que valorizamos muito. Quando aprenderemos que Ele não vem para roubar, matar e destruir? Ele não vem como um ladrão. Ele vem para dar abundantemente, não retém nenhum bem daqueles que caminham retamente (Sl 84.11).

Ele tira somente aquelas coisas que seriam prejudiciais para o nosso bem-estar temporal e eterno. Por exemplo, Ele nos liberta da culpa, do preço e do poder do pecado. Ele nos liberta deste mundo mau e da ira iminente. Por essas subtrações substanciais, deveríamos ser eternamente gratos.

Não faz sentido termos medo da vontade de Deus. Sua vontade sempre é “boa, perfeita e agradável”. Ter medo dela é ter medo de uma benção.

Medo do que Deus nos negará

Também temos medo de que o Senhor nos negue algo bom. Para muitos jovens, casamento está no topo da lista. Sim, eles afirmam querer a vontade de Deus, mas há uma condição. Primeiro, querem ter certeza de que encontrarão um companheiro. Primeiro, o altar do matrimônio e, somente então, o altar do sacrifício.

Criar essa condição não é um comprometimento total. Isso significa que a vontade de Deus tem que se submeter à minha vontade, ao menos nesta área. O sacrifício vivo está incompleto.

Na verdade, casamento é a vontade de Deus para a maior parte da raça humana. Isso se torna claro pelo fato de que a maioria de nós vem de uma linhagem de casamentos. Porém, tornar casamento uma condição para um compromisso total é errado. Barganhar com Deus mostra que a vontade da pessoa não está submissa à dEle. É brincar com dinamite. A obsessão por encontrar um marido pode se tornar tão grande que uma jovem entrará de cabeça em um casamento que poderá impedi-la de alcançar a vontade perfeita de Deus. O Senhor lhe concederá seu desejo, mas fará com que sua alma

definhe (Sl 106.15). O mesmo se aplica aos homens que procuram primeiramente a beleza exterior em uma possível esposa e, só então, o caráter espiritual.

Se Deus o chamar a uma vida de solteiro, Ele não apenas lhe dará graça, mas também satisfação. Isso permite que cristãos possam entregar-se à obra de Cristo sem distrações. Lhes dá mobilidade que, caso contrário, não teriam. Liberta-os de muitas das preocupações da vida. Ser solteiro é melhor que miséria conjugal.

Para a maioria das pessoas, a escolha de Deus não será que permaneçam solteiros. No entanto, a decisão final deve ser deixada com Ele. Sua vontade é o que importa. Por que escolher obstinadamente um cônjuge fora da vontade de Deus quando Ele, provavelmente, lhe daria um ainda melhor de acordo com Sua escolha de qualquer forma? “Aqueles que querem se casar da pior forma possível geralmente fazem exatamente isso”.

Medo de perder a independência

Há também o medo de que a vontade de Deus

possa entrar em conflito com nossos planos em termos de carreira, uma casa grande, um ou dois carros equipados com todos os dispositivos possíveis. Com frequência, o que realmente queremos é usar nossos melhores dias para ganhar dinheiro e então viver nossa aposentadoria para o Senhor. Francamente, Ele não deseja isso. Ele não quer o que sobra de uma vida gasta à toa. Você pode culpá-lo?

Medo do desconhecido

Algumas pessoas sofrem com medo do desconhecido. Elas não têm a fé de Abraão. Quando Deus o chamou, ele partiu sem saber para onde estava indo. Ele escolheu caminhar com Deus no escuro ao invés de caminhar sozinho na luz.

Medo de perder a segurança

Outros temem que seguir ao Senhor signifique perder a segurança financeira. “Eu talvez não tenha uma forma visível de me sustentar. Talvez tenha que depender de ofertas de outros. Talvez tenha que viver com a ajuda do sistema social”. Ainda precisamos aprender que Deus é nossa única segurança verdadeira e que Ele sustenta generosamente a quem pede?

Medo de dificuldades

Há o medo de perder os confortos. Nossa imaginação vívida cria imagens de banheiros ao ar livre e banhos ocasionais – sem mencionar as roupas doadas, os móveis de segunda mão e tudo o mais já usado, enquanto nossos amigos vivem com luxo além do que conseguem consumir, talvez aproveitando o que na verdade são “os luxos macios que matam a alma”.

Medo de ser inadequado

Alguns podem humildemente achar que não têm qualquer dom ou talento especial para dedicar ao Senhor. Eles se consideram inferiores, sim, até mesmo sem valor. No entanto o consagrado F. B. Meyer disse:

Sou apenas um homem comum. Não tenho dons especiais. Não sou um grande orador ou um estudioso ou profundo pensador. Se fiz algo por Cristo e por minha geração, foi porque entreguei a mim mesmo inteiramente a Cristo Jesus e então tentei fazer qualquer coisa que Ele me pedisse.

Nossa parte é nos entregarmos completamente a Cristo. A parte dEle é nos usar para Sua glória. Se nos qualificamos como tolos, fracos, comuns, “ninguéns” desprezados, então estamos em uma boa situação para sermos usados por Ele (1 Co 1.26-28).

Medo de perder *status*

Às vezes, acho que o maior impedimento à dedicação completa é o orgulho. Se formos honestos, temos que confessar que nos consideramos grandes demais e importantes demais

para o tipo de vida ao qual conectamos o serviço cristão. Tudo bem para os outros, mas está abaixo da nossa dignidade. Desejamos ter um nome neste mundo. Qualquer um com essa atitude insensata deveria considerar o seguinte:

- Podemos subir a escada do sucesso e, então, quando chegamos ao topo, perceber que a escada estava encostada na parede errada.

- Podemos trocar o melhor de Deus por Seu segundo melhor ou terceiro, quarto, quinto...

- Podemos gastar nossas vidas em coisas de nenhuma consequência eterna.

- Podemos acabar com uma alma salva e uma vida perdida.

- Podemos ir para o céu de mãos vazias.

- Ou todas as alternativas acima.

COMPROMISSO IMPERFEITO

Cada um de nós sabe alguma coisa sobre uma rendição imperfeita. Quando apontamos o dedo para exemplos bíblicos, três dedos estão apontando para nós. Quando somos tentados a criticar Pedro ou Ananias e Safira, não conseguimos evitar o sentimento de culpa. Nos enxergamos refletidos em suas experiências.

As três negações de Pedro Apesar de seu amor e zelo pelo Senhor Jesus, Pedro, de alguma forma, é lembrado por suas três negações. Quando Salvador predisse Sua

morte e ressurreição, “*Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá*” (Mt 16.22). **Há uma lição aqui. Não podemos chamar Jesus de Senhor e então contradizê-LO .**

Em outro episódio, quando o Mestre se ajoelhou diante de Pedro para lavar seus pés, Pedro protestou: “*Senhor, tu me lavas os pés a mim?...Nunca me lavarás os pés*” (Jo 13.6b,8). Note a contradição entre as palavras *Senhor* e *nunca*.

Quando Pedro teve a visão de um lençol descendo do céu com todo tipo de criaturas, o Cristo ressurreto disse: “*Levanta-te, Pedro! Mata e come*”. O apóstolo respondeu: “*De modo nenhum, Senhor!*” (Atos 10.13-14). Alguém que responde assim precisa tomar uma decisão. Ou é “*de modo nenhum*” ou é “*Senhor*”. Não pode ter os dois elementos na resposta. Precisamos ou fazer o que Ele diz, ou parar de chamá-LO de Senhor.

Uma jovem estava tendo uma grande batalha

em sua alma quando à questão de submissão a Cristo. Quando W. Graham Scroogie a estava aconselhando, ele contou-lhe a história de Pedro em Jope, de quando o Senhor ordenou a Pedro que se levantasse e comesse. Três vezes ele disse: “*de modo nenhum, Senhor*”. Scroggie disse ternamente: “Você pode dizer ‘de modo nenhum’ e pode dizer ‘Senhor’, mas não pode dizer ‘de modo nenhum, Senhor’. Vou deixar minha Bíblia com você e esta caneta. Vá para outra sala e risque uma das duas: ‘de modo nenhum’ ou ‘Senhor’”.

A jovem estava chorando silenciosamente quando voltou. Scroggie olhou para a Bíblia e viu as palavras “de modo nenhum” riscadas. Ela estava dizendo “Ele é Senhor. Ele é Senhor!”. Ao contar a história depois, Scroggie acrescentou: “Assim é a santa obediência”.

Rendição hipócrita Ananias e Safira estavam em meio a um poderoso mover do Espírito Santo. Os primeiros cristãos estavam abandonando tudo para seguir a Cristo. Ananias e sua esposa venderam um pedaço

de uma propriedade e fingiram dar todo o lucro para o Senhor, mas guardaram parte dele para si. Declararam uma consagração completa quando não era. Eles não foram os últimos a cometer esse pecado. Quantas vezes cantamos “entrego tudo a Jesus” enquanto nossa rendição ainda é incompleta. Se Deus matasse todos os culpados de um compromisso imperfeito, as fileiras da Igreja na Terra estariam visivelmente encolhidas.

“Eu” primeiro Em Lucas 9.57-62, temos mais três exemplos de uma dedicação falha. O primeiro homem chamou a Jesus de “*Senhor*” e entusiasmadamente prometeu segui-LO a qualquer lugar. “*Seguir-te-ei para onde quer que fores*”. Quando, porém, o Senhor o alertou de que isso poderia significar não ter onde morar, ele rapidamente recuou. Seu “*onde quer que fores*” se tornou “não para lá**”.**

O segundo homem ouviu o chamado de Cristo, “Siga-me”, mas disse: “*Permite-me ir primeiro sepultar meu pai*”. Não há indicação de que seu pai

estivesse morrendo naquele momento. Ele talvez estivesse completamente saudável. Esse “discípulo” queria ficar em casa até o momento incerto em que seu pai desse seu último suspiro. Talvez até acontecesse de o pai viver mais que o filho. Isso era um compromisso incompleto, dando maior prioridade a algo além do chamado de Cristo. Era colocar a si mesmo à frente do Salvador, pois note que o homem disse “permita-me primeiro”. Depois ele acrescentou o equivalente a “agora não, depois”. Que tipo de entrega é essa?

O terceiro homem também chamou a Jesus de **Senhor** e declarou dedicação total. “*Seguir-te-ei, Senhor...*”. No entanto, ele estragou tudo ao dizer “mas” e acrescentar “*deixa-me primeiro*”: “...*mas deixa-me primeiro despedir-me dos de casa*”. Ele não se referia a uma despedida rápida. Despedidas na época podiam durar dias de comida e confraternização. Ele também pôs uma condição ao seu compromisso. Convenções sociais tinham uma prioridade maior que senhorio. Jesus é Senhor, mas...

Há anos, esta oração apareceu no *Daily Notes*

da *Scripture Union*, uma missão inglesa. Ela ainda é apropriada: “Perdoa-nos, ó Senhor, por tantas vezes encontrarmos formas de evitar a dor e o sacrifício do discipulado. Fortalece-nos hoje para caminhar contigo, não importando o quanto custe. Em Teu nome, Amém”.

UM SACRIFÍCIO VIVO

A passagem do Novo Testamento que provavelmente mais se destaca ao exortar cristãos a uma vida de compromisso total é Romanos 12.1-2:

“Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”.

Quando meus irmãos e eu éramos pequenos e H. A. Ironside estava nos visitando, ele nos ensinou um verso baseado no primeiro versículo:

Romanos doze um é um versículo que não evitarei,
Render-me-ei somente a Ele que está sobre o trono;
Se Ele não é Senhor de tudo, então não é Senhor.
Romanos doze um.

Muitas vezes, nos anos que se seguiram, eu percebi o quão distante estava do ideal expresso na frase “Senhor de tudo”, mas procurei torná-la o desejo do meu coração.

Cada palavra naquele texto dourado está cheia de significado. Coloque-as todas juntas e temos a chave para a vida abundante que o Senhor Jesus prometeu.

A voz de Deus

Em Romanos 12.1, “*Rogo-vos, pois, irmãos...*”, quem está rogando? Bem, obviamente a pessoa de “rogo” é Paulo, já que ele é o autor da carta. Foi ele quem disse: “*para mim, o viver é Cristo*” (Fp 1.21) e: “*...o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e*

ressuscitou” (2 Co 5.14-15). Paulo disse que havia esquecido as coisas que ficaram para trás e avançava para as que estavam à sua frente. Ele prosseguia para o alvo, o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus (Fp 3.13-14).

Precisamos, no entanto, nos lembrar de que Paulo estava escrevendo isso por revelação divina. As palavras não eram apenas suas palavras, mas as do Senhor. O mesmo Senhor disse: *“É necessário que façamos as obras daquele que me enviou” (Jo 9.4)* e: *“A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (Jo 4.34).*

Há mais sobre a palavra **rogo**. Deus está rogando a você e a mim. Essa palavra tem uma força maior que **peço**. Ela expressa urgência e insistência. Há traços de petição e súplica. Ela descreve um centurião que implorou a Jesus que curasse seu servo (Mt 8.5-6). Pessoas enfermas rogaram a Jesus que as curasse (Mt 14.36). Um leproso rogou ao Senhor para purificá-lo (Mc 1.40). Foi o que Jairo fez ao suplicar ao Senhor pela cura da sua filha (Mc 5.23). Foi o que Paulo fez quando

rogou aos pecadores que se reconcilhassem com Deus (2 Co 5.20). Então, se você ouvir com cuidado, poderá escutar a compassiva batida do coração de Deus, suplicando ao Seu povo a agir de forma a garantir a melhor vida possível. Ele quer nos salvar de uma vida desperdiçada, de uma vida dedicada a trivialidades.

Na sessão de obituário de um jornal local, as seguintes frases descreviam o ponto central das vidas de alguns dos falecidos:

- “Ele sabia lidar bem com abóboras e nasceu com uma longa tradição familiar de celebrar o *Halloween* ao máximo, afiando sua habilidade de escavar abóboras desde pequeno”.

- “Ela gostava de televisão, especialmente de *Jeopardy*”.¹⁸

- “Ele gostava de bingo, de café e torrada de manhã nos restaurantes locais, de crianças pequenas, de seu jardim, de frutas e de água fresca”.

Todas essas atividades são inofensivas, mas isso é tudo de que se consiste a vida?

Depois da ressurreição [de Cristo], Pedro teve o maravilhoso privilégio de pregar a mensagem que o mundo tanto precisava, mas o que ele disse? “*Vou pescar*” (Jo 21.3).

Deus quer nos salvar de uma vida gasta com o estudo dos hábitos noturnos dos lagartos portorriquenhos ou da função primária de piqueniques na sociedade moderna, como alguns fizeram.

“*Rogo-vos, pois, irmãos*”. A palavra **pois** é um conectivo. Ela nos alerta para reconhecermos que o que Deus está prestes a dizer está fortemente relacionado ao que Ele disse anteriormente. “*Rogo-vos... irmãos*” torna óbvio que esta insistente súplica é para todos os cristãos. **Irmãos** aqui é uma palavra genérica, envolvendo ambos, homens e mulheres, jovens e velhos, recém-convertidos e santos maduros. Ninguém que já tenha experimentado da redenção de Cristo está excluído.

As misericórdias de Deus

“*Pelas misericórdias de Deus*”. Essa frase nos diz sobre o que se baseia esta súplica. Paulo havia

acabado de revisar muitas das maravilhosas misericórdias que vêm através da fé no Senhor Jesus. Vamos listar algumas delas:

Fomos conhecidos de antemão (Rm 8.29). Foi assim que tudo começou. Em Sua compassiva misericórdia Ele nos designou à salvação eterna. Porém, cada um de nós precisa perguntar “por que eu?”.

Ele predestinou cristãos a eventualmente se conformarem à imagem de Seu Filho (Rm 8.29). Tal graça é impensável, mas maravilhosamente verdadeira.

Deus nos chamou (Rm 8.30). Ele planejou providencialmente que nós ouvíssemos o Evangelho e tivéssemos a oportunidade de responder pela fé. Mais uma vez, nos perguntamos nas palavras de Isaac Watts:

Por que fui feito para ouvir Tua voz
E entrar enquanto há lugar,
Enquanto milhares tomam desgraçada decisão
E preferem morrer de fome a vir?

Ele nos justificou (Rm 8.30). Isso significa que

Ele nos liberou de qualquer acusação. Isso é mais que perdão ou absolvição. É como se jamais tivesse existido qualquer acusação contra nós. A ficha está limpa. Chegamos diante dEle em Sua justiça porque estamos em Cristo.

Fomos reconciliados com Deus (Rm 5.10-11). A causa do conflito era nosso pecado. O Senhor Jesus removeu a causa ao apagar esses pecados através do Seu próprio sacrifício. Quem, além de Deus, poderia jamais ter concebido este plano de salvação?

Temos acesso, pela fé, a uma maravilhosa posição de graça com Deus (Rm 5.2). Ele agora é nosso Pai e somos Seus filhos. Ele nos aceita no Amado; portanto somos tão queridos e próximos ao Pai quanto Seu amado Filho.

Somos habitados pelo Espírito Santo de Deus (Rm 8.9). Nossos corpos são, na verdade, os templos da Terceira Pessoa da Trindade. Imagine!

Temos certeza de nossa salvação pelo testemunho do Espírito Santo dado através da Palavra de Deus (Rm 8.16). Não somos

abandonados aos caprichos das emoções humanas. Podemos saber que somos salvos, quer O sintamos, quer não.

Estamos eternamente seguros (Rm 5.6-10). Já que Cristo pagou tão grande preço para nos salvar da punição do pecado, Ele jamais nos abandonará. Ele vive à direita de Deus para garantir nossa segurança (Rm 5.10b). Essa é uma segurança à prova de falhas.

Agora temos paz com Deus através do nosso Senhor Jesus Cristo (Rm 5.1). Essa paz é completamente independente das circunstâncias. É uma calma de “outro mundo” que vem de sabermos que a questão do pecado foi resolvida e que o Senhor está no controle.

Como se isso já não bastasse, somos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Jesus Cristo (Rm 8.17). Tudo o que o Pai tem é nosso. Tal riqueza não pode ser contada; é mais do que podemos imaginar.

Somos santificados, isto é, separados para Deus do mundo e do pecado. Pelo Espírito Santo, podemos ser libertos do poder do pecado interior –

uma libertação maravilhosa (Rm 8.1-4).

Não estamos sob a lei, mas sob a graça (Rm 6.14). A lei nos ordenou obedecer, mas não nos deu a capacidade de fazê-lo e nos condenou quando fracassamos. A graça nos ensina o que fazer, nos dá a capacidade de fazê-lo e nos recompensa quando conseguimos. Nada se compara.

Somos habilitados a nos alegrar nas tribulações, porque sabemos que o Senhor as usa para desenvolver o caráter em nossa vida (Rm 5.3). Ele opera em todas as coisas para o bem daqueles que O amam. Esse **bem** é que nos tornemos mais semelhantes a Cristo.

Temos uma esperança maravilhosa. Paulo a chama de esperança da glória de Deus (Rm 5.2). Isso significa estar no céu como Senhor em toda a Sua beleza e magnificência. Também significa ter corpos glorificados, assim como o corpo de Jesus depois da ressurreição.

Temos a certeza de que nada jamais poderá nos separar do amor de Deus em Cristo Jesus nosso Senhor (Rm 8.35-37). Temos tanta certeza do céu

quanto se já estivéssemos lá.

Todas essas promessas são um exemplo do que está incluído nas misericórdias de Deus, embora não esgotem a frase. Agora, então, voltamos a Romanos 12.1.

A única resposta razoável

Essas misericórdias de Deus deveriam nos compelir a apresentar nossos corpos como ação de graças e louvor. A lógica disso fica expressa neste poema:

Depois de tudo o que Ele fez por mim,
Depois de tudo o que Ele fez por mim,
Como posso fazer menos do que dar-Lhe meu melhor
E viver completamente para Ele
Depois de tudo o que Ele fez por mim?
- Betty Daasvand

Por que Paulo diz “nossos corpos”? Por que não nossos espíritos ou almas? Porque Deus sabe que se Lhe dermos nossos corpos, estamos nos entregando. Nossos corpos são o meio pelo qual nos expressamos. Portanto, aqui o corpo representa a pessoa inteira. Também devemos notar que o

apóstolo está comparando e contrastando nosso sacrifício com os sacrifícios de animais no Antigo Testamento, onde os corpos eram colocados sobre o altar.

O corpo do cristão deve ser apresentado como “sacrifício vivo”. Isso contrasta com os sacrifícios mortos que Israel oferecia. Também inclui a idéia de que, embora um sacrifício animal fosse oferecido apenas uma vez, nosso sacrifício deve ser uma oferta contínua.

Quando apresentamos nossos corpos, isso inclui todas as suas partes: mãos, olhos, ouvidos, boca, cérebro. Em uma época de promiscuidade sexual, é bom nos lembrarmos de que isso inclui os membros reprodutores também. Inclui nossos talentos, como música, poesia, arte, eloqüência. Lhe damos nosso conhecimento de ciências, história, filosofia, lógica. Quando o fazemos, podemos olhar para trás e ver como Ele nos guiou em nossa educação, muitas vezes freqüentando aulas sem saber o porquê, mas Ele sabia e estava nos preparando para a Sua obra.

Este sacrifício de nós mesmos precisa ser santo e aceitável para Deus. Não basta que estejamos santificados em nossa “posição”, que Deus nos veja como santos porque estamos em Cristo. Precisamos ser santificados de forma prática, ou seja, nossas vidas precisam ser purificadas. Isso responde à exigência do Antigo Testamento de que os animais oferecidos a Deus devem ser puros e sem manchas. Quando cristãos confessam e abandonam a todos os pecados de que têm conhecimento, então a oferta de suas vidas é agradável a Deus.

A última frase de Romanos 12.1 pode ser traduzida de maneiras diferentes como, por exemplo: “...*que é o vosso culto racional*” ou “...*esta é a verdadeira adoração que vocês devem oferecer a Deus*” (NTLH). Ambas fazem sentido. Apresentar nossos corpos a Cristo é a coisa mais sã, sensível e razoável que podemos fazer à luz do que Ele fez por nós. Porém, também é um ato de adoração. Como sacerdotes, oferecemos a Deus nosso louvor (Hb 13.15), nossas posses (Hb 13.16), nossos serviços (Rm 15.16) e, agora, quem nós somos. Oferecer nossos corpos é o maior ato de

adoração de que somos capazes.

Sacrifícios vivos não podem se conformar com o mundo. A paráfrase muito usada de J. B. Phillips o coloca bem: “Não deixe o mundo ao seu redor comprimi-lo em seu próprio molde”. Nesse sentido, o mundo é a sociedade humana, que não apenas busca ser independente de Deus, mas também é ativamente hostil a Ele. Ela tem seus próprios sistemas de crenças, valores, estilos de vida, razões e ambições e quer que todos se conformem a eles. Aqueles que querem ser aceitáveis a Deus precisam ser inconformistas.

O mundo diz: “Acima de qualquer outra coisa, seja fiel a si mesmo” ou “sou o mestre do meu destino: sou o capitão da minha alma”. Ele diz: “é bom, faça” ou: “só se vive uma vez” ou, ainda: “quem morrer com mais brinquedos vence”; “não há verdade absoluta; tudo é relativo”; “todos nós evoluímos do muco primordial”; “imoralidade e outros comportamentos supostamente deturpados não são pecados e sim doenças”; “quem infringe a lei não é criminoso; é vítima”.

Nós, cristãos, precisamos rejeitar tal raciocínio e ser transformados pela renovação da nossa mente. Em outras palavras, precisamos aprender a pensar da forma que Deus pensa, como revelado nas Escrituras. Isso resultará em uma transformação dos nossos interesses, da nossa fala, da forma de nos vestir e da música que ouvimos. Teremos uma nova mentalidade com relação a outras pessoas, riqueza, sucesso, política e sexualidade. Nossa forma de pensar será revolucionada.

A chave da orientação

Em Romanos 12.2, descobrimos a forma certa de reconhecer a orientação de Deus. É através da nossa entrega total ao Senhor para o que for que Ele escolher. Não apenas discernimos Sua vontade, mas descobrimos por experiência própria que não tem nada a ver com o que temíamos que fosse: desagradável, difícil e perigoso. Ao contrário, descobrimos que é boa, agradável e perfeita. É proveitosa, aprazível e ideal. Já que é a vontade de Deus, não poderia ser nada menos que perfeita.

Voltemos agora ao começo de Romanos 12

para revisar nossa linha de idéias: As misericórdias de Deus exigem que cristãos apresentem-se como uma oferta contínua a Ele. A oferta, é claro, precisa ser santa, pois, do contrário, não Lhe agradaria. Comprometimento total é a resposta mais razoável que cristãos podem dar ao sacrifício do Salvador. Também é o ato de adoração mais apropriado. Para que a oferta dos cristãos seja aceitável, eles precisam evitar amoldar-se ao mundo. Ao contrário, precisam adotar uma mentalidade e um estilo de vida santos.

Faz sentido que, se pusermos o Senhor no controle, nossa vida seja o melhor que a sabedoria divina pode planejar. Teremos uma vida que é boa para nós, agradável a Deus e ideal em cada aspecto.

Aqui, portanto, estão as palavras de um sacrifício vivo:

Em rendição total e satisfeito me entrego a Ti,
Para ser somente e unicamente Teu para sempre!
Ó Filho de Deus que me amou, serei Teu somente,
E tudo o que sou e tudo o que tenho será de hoje em diante Teu.
- F. R. Havergal

Senhor, eu entrego tudo. Tudo isso Tu fizeste por mim. É um culto racional que eu não tenha mais

planos próprios.

RAZÕES PARA A RENDIÇÃO TOTAL

Aqueles que são verdadeiros cristãos sabem o que é entregar suas vidas completamente ao Senhor Jesus para serem salvos. Eles foram condenados por seus pecados e inadequação para estar na presença de Deus. Creram que o Salvador morreu para pagar o preço de todos os seus pecados. Voltaram-se para Ele, para ser salvos por toda a eternidade. Tudo isso faz total sentido. A salvação é um presente gratuito disponível para eles. Eles têm tudo a ganhar e nada a perder. Seria tolice não aceitar a Cristo e ter a certeza do céu.

No entanto, é possível aceitar a Cristo para a salvação e ainda assim não entregar-se a Ele para a obra. Podemos confiar nEle para levar-nos para o céu, mas por algum motivo não confiamos nEle para controlar nossas vidas aqui na Terra. Temos nossos próprios planos e ambições e não queremos que nada nem ninguém interfira neles. Alegrementemente, reconhecemos a Cristo como Salvador das nossas almas, mas receamos coroá-lo Rei de nossas vidas.

Devido à grande ênfase em evangelismo nas igrejas hoje em dia, é possível que alguém, ao ser salvo, pense que não há nada mais a fazer. Precisamos abandonar a idéia de que conversão é o objetivo final. Em se tratando de nossa aceitação no céu, sim, nosso novo nascimento é tudo de que precisamos. Porém, não é o ponto final da vida cristã. Precisamos passar a caminhar dia-a-dia em total rendição ao senhorio de Cristo.

Temos que encarar alguns fatos e considerar sua lógica. Cada indicativo do plano de redenção divino leva consigo um imperativo. Doutrinas levam a deveres. Precisamos considerar as verdades que fluem do Calvário e decidir o que vamos fazer a

respeito.

Nosso Criador morreu para nos salvar Em primeiro lugar, nada pode ofuscar a incrível realidade de que Quem morreu na cruz foi ninguém menos que o Deus encarnado. Foi o Criador morrendo por suas criaturas, o Juiz morrendo pelos criminosos, o Santo morrendo pelos pecadores. Quando o Filho de Deus morreu, o Amado morreu por Seus inimigos, o Inocente pelos culpados, o Rico pelos pobres. Uma vez que tenhamos conseguido conceber esse fato extraordinário, jamais seremos os mesmos. Ficaremos assombrados. Qualquer coisa menor que nossa dedicação completa é uma negação do enorme significado do Calvário. Temos que marcar nossas almas com o fato de que Alguém pagou o preço máximo por nós e esse Alguém é Aquele que criou o universo e tudo o que nele existe. Então nossos corações responderão: Assim eu poderia esconder meu rosto envergonhado Enquanto Sua querida cruz aparece;

Dissolve meu coração em gratidão
E às lágrimas meus olhos comove.
Mas nenhuma gota de pesar jamais poderá pagar
A dívida de amor que devo;
E tudo o que posso fazer:
Querido Senhor, me entrego!
- Isaac Watts

As misericórdias de Deus

Uma segunda consideração é esta. As misericórdias de Deus exigem que rendamos nosso ser completamente a Ele. Quando falamos das misericórdias de Deus, nos referimos aos maravilhosos privilégios, posições e favores que Ele concedeu aos cristãos. Referimo-nos a todos os benefícios comprados para nós no Calvário. Listamos alguns deles no capítulo anterior.

Nenhum mero mortal jamais teria a audácia de conceber tal lista de bondades para pessoas tão indignas. É um catálogo de presentes espirituais que não buscávamos e não poderíamos comprar. No entanto, eles nos foram dados sem custo com o presente da vida eterna. Quanto mais meditamos sobre as misericórdias de Deus, mais perplexos

ficamos de que Ele nos presentearia tão generosamente.

Os franceses têm um ditado: “*noblesse oblige*”, isto é, “nobreza obriga”. Pessoas de famílias respeitadas ou de postos elevados são obrigadas a responder de maneira apropriada. Cristãos certamente fazem parte de uma família respeitada (tendo nascido na família de Deus) e têm postos elevados (herdeiros de Deus e co-herdeiros com Jesus Cristo). A resposta apropriada é ceder o controle de suas vidas ao Pai da misericórdia. Eles devem apresentar seus corpos a Ele como um sacrifício vivo.

Gratidão o exige

Uma terceira razão para nosso comprometimento total é agradecimento. Se gratidão é adequada para alguém que nos salva de um afogamento ou de um prédio em chamas, qual a resposta apropriada a Quem nos deu Seu corpo para salvar-nos do inferno? Só há uma resposta: Assim como Ele disse “este é meu corpo oferecido por vós”, não seria o mais apropriado dizermos:

“Obrigado, Senhor Jesus. Esse é o meu corpo, meu coração, minha vida, tudo, oferecidos a Ti”?

Quando o missionário J. Alexander Clark viu um africano sendo atacado por um leão, ele pegou sua arma, matou o leão, levou o homem para o hospital e cuidou dele até que estivesse em condições para voltar à sua tribo. Dois ou três meses depois, Clark estava sentado em sua varanda quando ouviu um grande tumulto: galinhas cacarejando, patos grasnando, ovelhas balindo e homens, mulheres e crianças falando. Aqui estava um africano alto guiando um desfile de animais e pessoas. Era o homem que Clark havia salvo das garras do leão. Caindo aos pés do missionário, o homem disse: “Senhor, de acordo com as leis da minha tribo, um homem que tenha sido salvo de uma fera selvagem não pertence mais a si mesmo. Ele pertence a seu salvador. Tudo o que tenho é seu, minhas galinhas, patos, bodes, ovelhas, vacas, são todos seus. Meus servos são seus servos. Meus filhos [e ele tinha vários] são seus filhos e minhas esposas [também várias] são suas esposas. Tudo o que tenho é seu”.¹⁹

Era uma questão de simples gratidão, só isso.

O amor de Cristo nos constrange Há uma quarta razão porque a rendição total é a coisa mais lógica, razoável e racional que podemos fazer. Paulo nos diria que o amor de Cristo nos constrange: *“Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2 Co 5.14-15).*

Deixe-me dividir isso em uma série de afirmações simples: Estávamos todos mortos em transgressões e pecados.

O Senhor Jesus morreu por nós para que pudéssemos viver.

Porém, Ele não morreu para vivermos vidas egoístas e autogovernadas.

Ao contrário, Ele quer que vivamos para Ele, que por nós morreu.

Faz sentido – não é? É bom parar um momento para pensar um pouco sobre esse amor.

Ele é eterno, o único amor que é e nunca teve uma origem. Ele resiste ao tempo e é infinito. Nossa

mente se esforça para compreender um amor que é incessante e ininterrupto.

Ele é imensurável. Sua altura, profundidade, comprimento e largura são infinitos. Não encontramos tal magnitude em nenhum outro lugar. Poetas o comparam às maiores extensões da criação, mas as palavras nunca parecem alcançar a real extensão da idéia.

O amor de Cristo por nós não tem motivo e é espontâneo. Ele não via nada amável ou digno de mérito em nós que atraísse Sua afeição, mas nos amou ainda assim. Ele o fez porque ser quem Ele é.

Nosso amor por outros é freqüentemente baseado na ignorância. Amamos pessoas porque não sabemos realmente como elas são. As julgamos pela aparência, mas, quanto mais as conhecemos, mais notamos suas falhas e fracassos e então se tornam menos atraentes. O Senhor Jesus, porém, nos amou mesmo sabendo tudo que jamais seremos ou faremos. Sua onisciência não anulou Seu amor.

No entanto, há tantas pessoas no mundo – mais de sete bilhões. O Deus Soberano pode amar a cada

uma pessoalmente?

Entre tantas, como Ele pode se importar?

Pode tal amor especial estar em todo lugar?

Sim, para Ele não há nenhum “ninguém”.
Ninguém é insignificante. Sua afeição flui na direção de cada indivíduo do planeta.

Tal amor é incomparável. A maioria das pessoas conhece o amor de uma mãe devotada ou o amor fiel de uma esposa ou de um marido. Davi conhecia o amor de Jônatas, Jesus, o amor de João. Porém, ninguém jamais experimentou nada humano que possa se comparar ao amor divino. Como certo hino nos lembra, “ninguém jamais se importou comigo como Jesus”.

Em Romanos 8, Paulo pesquisa o Universo procurando alguma coisa que pudesse separar um cristão do amor de Jesus, mas não encontra coisa alguma: “...*nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus...*” (v.38-39).

É incrível perceber que o Onipotente não pode amar a você ou a mim mais do que Ele ama neste momento. Seu amor é absolutamente ilimitado e sem restrições.

Em um mundo em contínua inconstância, é encorajador encontrar alguma coisa imutável: o amor de Cristo. Nosso amor anda em círculos. É uma montanha-russa emocional. Não é assim com o nosso Senhor. Seu amor nunca se cansa ou varia. Ele é constante.

Seu amor é puro, livre de qualquer egoísmo, conformismo injusto ou razão indigna. Ele é puro e sem qualquer toque de corrupção.

Assim como Sua graça, o amor de Jesus é gratuito. Por isso, podemos ser eternamente gratos, porque somos indigentes, mendigos e pecadores falidos. Mesmo se tivéssemos toda a riqueza do mundo, jamais poderíamos sequer pagar a entrada em um amor tão inestimável.

Esse é um amor imparcial. Ele faz o sol brilhar sobre o justo e sobre o injusto. Ele ordena que a chuva caia sem discriminação.

Seu amor se manifesta na entrega. “Cristo também amou a igreja e entregou-se...”. Já que é mais bem-aventurado dar que receber, o Senhor sempre tem o privilégio de ser o mais bem-aventurado.

Uma das coisas mais incríveis sobre esse amor é que ele é sacrificial. Ele O levou ao Calvário, sua maior manifestação. Na cruz vemos um amor mais forte que a morte, que nem mesmo a grande ira de Deus pôde afogar.

Esse amor único ultrapassa nossa habilidade de descrição. Ele é sublime, incomparável, o Everest da afeição. Nosso dicionário atual não é adequado para descrevê-lo. Não há adjetivos suficientes – simples, comparativos e superlativos. Só podemos chegar até certo ponto e então temos que dizer o que a Rainha de Sabá disse sobre a glória de Salomão: “Não me contaram a metade”. O assunto ultrapassa a linguagem humana.

Podemos vasculhar o Universo à procura de um dicionário melhor ou aumentar nosso vocabulário, mas seria tudo em vão. Somente

quando chegarmos ao Céu e olharmos para o Amor Encarnado é que veremos o amor do Senhor Jesus Cristo por nós com uma visão mais clara e entenderemos com intelecto mais aguçado, porém, mesmo então, o assunto não se esgotará.

Esse é o tipo de amor que nos constrange a viver por Aquele que morreu por nós.

Amor tão incrível, tão divino

Reivindica meu coração, minha vida, tudo.

Lady Powerscourt, uma nobre inglesa cristã, o colocou de forma bastante direta: “Parece um insulto àquele amor que deu **tudo** por nós dizermos que amamos e, no entanto, pararmos para calcular se devemos dar tudo a Ele. Nosso tudo é uma ninharia. DEle são os Céus, a Terra, a eternidade e Ele mesmo. É melhor não amarmos, então. É melhor sermos frios do que mornos”.

Querida cruz, ouço tua voz suplicante;

Não consigo desprezá-la.

Meu coração foi conquistado, toma tudo de mim,

Pois menos insultaria teu amor.

- J. Sidlow Baxter

Não nos pertencemos

Quinta razão: simples honestidade demanda que rendamos nossas vidas a Ele. Nosso Senhor Jesus nos comprou no Calvário. Ele pagou um preço enorme – Seu próprio sangue. Por nos ter comprado, não pertencemos mais a nós mesmos. Pertencemos a Ele. É um dos agradáveis paradoxos do cristianismo que, embora todas as coisas sejam nossas (1 Co 3.21), nós mesmos não o somos. Ainda mais, se tomamos nossas vidas e fazemos com elas o que queremos, estamos tomando algo que não nos pertence. Há uma palavra para isso. É chamado roubo. Submissão total é o que nos salva de sermos ladrões. Quando C. T. Studd percebeu isso, ele escreveu: “Eu sabia da morte de Jesus por mim, mas nunca havia compreendido que se Ele havia morrido por mim, então eu não pertencia a mim mesmo. Redenção significa comprar de volta, de forma que se pertenço a Ele ou eu teria que ser um ladrão e manter o que não era meu ou teria que entregar tudo a Deus. Quando percebi que Jesus havia morrido por mim, não foi difícil abrir mão de tudo por Ele”.

Lógica é inquestionável, não é? E o que vamos fazer a respeito?

Oswald Sanders conta de um organista de uma igreja na Alemanha que era muito possessivo com seu órgão. Ele decidiu não deixar outros o usarem. Em uma tarde ensolarada, ele estava praticando uma peça de Felix Mendelssohn e não estava tocando muito bem. Sem que ele percebesse, no entanto, um estranho entrou na igreja e sentou-se nas sombras da última fileira de bancos. Ele não pôde não notar a dificuldade que o organista estava tendo. Quando o organista, por fim, desistiu e juntou suas coisas para sair, o visitante foi até a frente e educadamente pediu permissão para tocar. A resposta foi cortante. O organista nunca deixava ninguém mais tocar. Mais uma vez, o visitante pediu o privilégio e, mais uma vez, lhe foi negado. Porém, sua persistência valeu a pena. Na terceira vez que perguntou lhe foi permitido tocar, mesmo que com má vontade.

Ele se sentou, arrumou os registros e tocou a mesma peça. Imediatamente a igreja foi preenchida pela mais linda harmonia. No final, o organista, perplexo, perguntou “quem é você?” e o visitante

humildemente abaixou sua cabeça e disse “Eu me chamo Felix Mendelssohn”. “O quê!” disse o organista, completamente confuso, “eu recusei a **você** a permissão para tocar meu órgão?”

Nossas vidas são o órgão de Deus, não nosso. Devemos recusar-Lhe a permissão para tocá-lo?

Jesus é Senhor

Passemos a uma sexta razão para apresentar tudo o que somos e temos ao Senhor e permitir que Ele controle nossas vidas. Nós O chamamos de Senhor. “...*para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu: para ser Senhor*” (Rm 14.9). Se Ele é Senhor, Ele tem direito a tudo. Se Cristo não é o Senhor da vida de alguém, então aquela pessoa faz o que é certo aos seus próprios olhos. Não é sem motivo que, enquanto a palavra *Salvador* pode ser encontrada 24 vezes no Novo Testamento, a palavra *Senhor* aparece quase 670 vezes. Embora, muitas vezes, digamos “Salvador e Senhor”, a Bíblia nunca o faz. Ela sempre diz “Senhor e Salvador”. Ela inverte a ordem. Pedro nos lembra de que devemos santificar a Cristo como Senhor de nossos corações

(1 Pe 3.15), ou seja, separá-lo como Mestre.

Quando Josué estava se preparando para o ataque a Jericó, um Homem lhe apareceu com a espada na mão. Antes que Josué percebesse quem era esse Homem, ele perguntou “*És tu dos nossos ou dos nossos adversários?*”. O homem respondeu “*Não; sou príncipe do exército do SENHOR e acabo de chegar*” (Js 5.14). Então Josué percebeu que estava falando com o Senhor. Era Jesus em uma aparição pré-encarnada. Josué prostrou-se diante dEle, O adorou, O chamou de Senhor e se submeteu à Sua liderança.

Essa é uma grande lição para nós. O Salvador não entra em nossas vidas apenas para estar ao nosso lado e Ele certamente não vem para ser nosso adversário. Ele quer ser Senhor, quer assumir o controle, quer ser o Comandante. Como posso chamá-lo de Senhor e, no entanto, recusar-Lhe uma rendição total quando Ele o pede? Temos que fazer o que Ele diz ou parar de chamá-lo de Senhor.

Ele sabe mais

Sétimo: há algo mais para se considerar.
Agimos como se soubéssemos qual o melhor plano para nossas vidas. Escolhemos nossa ocupação, estabelecemos nossos alvos e prosseguimos com nossas ambições. Ignoramos o fato de que Cristo pode ter *algo infinitamente melhor*. Ele poderia nos dar uma vida melhor do que jamais sonhamos. Deus é maravilhosamente criativo. Ele tem uma imaginação fantástica. Conhece opções que nós desconhecemos. Ele só quer o melhor para o Seu povo, então o seu projeto é filtrado pelo Seu amor e sabedoria infinitos. O contraste entre Sua perspectiva e a nossa é forte: Contei dólares enquanto Deus contou cruzes!

Contei ganhos enquanto Ele contou perdas!
Contei meu valor pelas coisas em meu depósito,
Ele me avaliou pelas cicatrizes que tive.
Contei honras e ansiei por diplomas!
Ele chorou ao contar as horas que gastei de joelhos.
Nunca soube, até um dia ao lado do túmulo,
Quão vãs são as coisas que passamos a vida tentando juntar.
- Autor Desconhecido

A não ser que entreguemos nossas vidas a Ele, estamos Lhe mostrando o estranho desrespeito de

preferir nossa própria inteligência à dEle, dizendo que sabemos mais que o Senhor.

O que a rejeição realmente é R. A. Laidlaw, autor do muito usado folheto *The Reason Why* [“A Razão Por Quê”], acrescenta uma oitava consideração: “Há uma falta de sinceridade em comprometer sua alma eterna a Deus para a salvação e então negá-la para a vida mortal. Ousamos confiar nEle para nos salvar do inferno e nos levar para o Céu, mas hesitamos em deixá-LO controlar nossas vidas aqui e agora”.

Falando para jovens, um preletor de Keswick, Inglaterra, disse isto: “As pessoas dirão que vocês são loucos se forem totalmente comprometidos com Cristo. Eu digo ‘sejam tão loucos por Jesus Cristo quanto puderem’. Deixe-me dizer quem são os loucos: são aqueles que chegam à sombra do Calvário, olham para o rosto do Redentor crucificado enquanto Ele os compra com Seu sangue e então saem e vão fazer as coisas que querem fazer, viver da forma como querem viver”.

Aqui, então, está a lógica da entrega total:

O que devo dar-Lhe, Mestre?

Tu morreste por mim.

Devo dar menos do que tudo o que possuo,

Ou devo dar tudo a Ti?

Jesus, meu Senhor e Salvador,

Tu deste tudo por mim.

Não apenas uma parte, ou metade do meu coração,

Darei tudo a Ti.

- Homer W. Grimes

UM SACRIFÍCIO RELUTANTE

Não é estranho que, quando Deus chama uma pessoa, o instinto natural seja resistir?

Quando o Senhor encarregou Moisés de exigir a libertação do Seu povo, o patriarca protestou, “*Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?*” (Êx 3.11). Depois, ele acrescentou mais uma desculpa: “*Ah! Senhor! Eu nunca fui eloqüente, nem outrora, nem depois que falaste a teu servo; pois sou pesado de boca e pesado de língua*” (Êx 4.10). Jeremias também contestou a escolha do Senhor para ele: “...*ah! SENHOR Deus!*

Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança” (Jr 1.6).

Em uma parábola do Novo Testamento, um nobre confiou a dez servos uma quantia de dinheiro para investir. Eles, porém, o odiaram, dizendo, *“Não queremos que este reine sobre nós” (Lc 19.14)*. Saulo de Tarso resistiu obstinadamente ao poder do Espírito Santo que gera culpa e arrependimento, como fica evidente nas palavras do Salvador: *“Resistir ao aguilhão só lhe trará dor!” (At 26.14b – NVI)*.

C. S. Lewis disse que o Senhor o arrastou chutando-o e gritando: “o convertido mais relutante da Inglaterra”. Muitos de nós entendem exatamente o que ele quis dizer, porque nossa experiência também foi assim.

Rebelião

Por muitos anos, vivemos afastados como ovelhas que não queriam nada além de seguir seu próprio caminho. Batendo o pé, gritamos em desafio: “Não queremos que este Homem reine

sobre nós”. Estávamos determinados a não ter ninguém dirigindo nossas vidas ou interferindo em nossos planos e ambições.

Queríamos prazer e tínhamos certeza de que Deus não queria que o tivéssemos. Ele era o maior estraga-prazeres. Queríamos a aprovação dos nossos companheiros; não nos importávamos com a aprovação divina. Queríamos estar no trono e víamos o Senhor como um usurpador intrometido.

Então, gradualmente, nossa paz foi se despedaçando. Olhando para trás, deve ter sido porque alguém estava orando por nós. Sem qualquer desejo de nossa parte, começamos a conhecer pessoas que não cuidavam só de suas próprias vidas. Elas insistiam em confrontar-nos com Deus e Jesus, pecado e salvação, céu e inferno. Não importava se estávamos no trabalho ou em um *shopping*. Cristãos nos entregavam panfletos. Víamos “Jesus salva” pintado em uma pedra. Muitas vezes, quando ligávamos o rádio ou a TV, ouvíamos alguma menção de Deus ou do céu e do inferno. Parecia que religião estava por toda parte, tão comum quanto um orelhão ou uma propaganda da Coca

Cola.

A guerra começa

Foi declarada guerra. Pedimos que Ele nos deixasse em paz. Como Saulo de Tarso, resistimos ao agulhão e foi difícil. De certa forma, estávamos em guerra com o Onipotente, mas também parecia que estávamos fugindo dEle. Em nossa insanidade, estávamos tentando fugir dAquele que é onipresente. Francis Thompson representou nossa fuga em *The Hound of Heaven* [“O Cão de Caça do Céu”]: Fugi dEle durante noites e durante dias; Fugi dEle através dos arcos dos anos;

Fugi dEle por caminhos emaranhados

Da minha própria mente; em meio a lágrimas Escondi-me dEle e em meio a risos.

Seguindo esperanças altivas, acelerei;

E saltei e caí,

Em titânicas escuridões de medo,

Daqueles fortes pés que me seguiam, me perseguiram.

Mas com uma perseguição sem pressa,

Um ritmo imperturbado,

Velocidade deliberada, instância majestosa, Eles batiam – e uma Voz batia

Mais insistentemente que os Pés –

“Todas as coisas traem a ti, a quem Me traiu”.

Era irracional. Estávamos lutando contra nosso próprio bem. Achávamos que o Salvador queria nos roubar o prazer, quando Ele, na verdade, queria que conhecêssemos o verdadeiro prazer. Achávamos que Sua vontade era má, indesejável e horrível. Na verdade, ela era melhor em todos os sentidos. Ele queria nos salvar dos pecados que estavam nos arrastando para o inferno. Ele queria nos dar vida eterna como um presente gratuito. Ele não veio para roubar, matar ou destruir, mas para nos dar vida abundante.

Isso me lembra de um pregador no rádio que estava se arrumando para ir para casa, à noite, quando o telefone tocou. Era uma ouvinte grata e muito interessada em seu programa. Ela tinha certo tempo entre dois trens e queria visitar a ele e à sua esposa. Ele levantou todo tipo de dificuldades. Era longe da estação de trem. Ela disse que pegaria um ônibus. Porém, ele alertou, os ônibus paravam de passar em meia hora. Sem problemas: ela pegaria um táxi. Sem conseguir encontrar mais desculpas, ele concordou. O táxi chegou. Ela veio até à porta e

ficou por pouco tempo. Ao ir embora, colocou uma quantia de dinheiro em suas mãos. Tudo o que ela queria era ajudá-lo a comprar mais tempo para o programa de rádio.

Mais tarde, ele confessou: “Fico feliz de tê-la deixado entrar”.

Assim é conosco. Cristo veio bater à nossa porta na chuva e no sol. Nós controlamos a maçaneta e O mantivemos trancado do lado de fora. Não tratávamos nossos amigos ou vizinhos assim. Tudo o que Ele queria era nos dar vida eterna.

Busca fútil

Corríamos em círculo tentando encontrar prazer. Estávamos bebendo de uma cisterna rachada. Cristo, porém, nos oferecia uma água que, se bebêssemos, nunca mais teríamos sede. Queríamos nossos pecados mais do que queríamos a Cristo.

Houve momentos em que amolecemos, achamos que talvez devêssemos aceitar o Salvador. Afinal de contas, o pregador disse que tínhamos tudo a ganhar e nada a perder. O que, no entanto,

nossos amigos achariam? Tínhamos vergonha. Vergonha de Jesus. A idéia de confessá-lo diante de outros nos dava arrepios na espinha. Não, jamais poderíamos contar às pessoas que havíamos sido salvos, nascido de novo. Já podíamos ouvir suas risadas zombeteiras e comentários caçoando. Já víamos seus olhares irônicos.

Condenação

A essa altura, a certeza de nossos pecados estava se aprofundando. Dia e noite a mão de Deus pesava sobre nós. Como Davi, nossas *“forças foram-se esgotando como em tempo de seca”* (Sl 32.4 – NVI). Quando tentávamos nos convencer de nossa bondade interior, o Espírito de Deus nos lembrava de nossos pensamentos. Tornava-se óbvio que alguém com uma mente poluída como a nossa jamais entraria no reino de Deus. Quando devíamos estar dormindo, estávamos completamente despertos, cientes da carga de pecados sobre nossos ombros e com medo da justa punição que nos aguardava. “Inferno” não era mais apenas um palavrão que dizíamos sem pensar: era uma

realidade terrível.

Com uma habilidade hipócrita, tentamos esconder dos nossos amigos as emoções que estavam se movimentando em nossas almas. Como éramos bons atores! Ainda assim, éramos consumidos por medo e confusão, uma massa emaranhada de contradições. Francamente, nossa vida estava caindo aos pedaços. Como C. S. Lewis, sentíamos “a aproximação firme e contínua dAquele que tão sinceramente desejávamos não conhecer”.

Salvação

Finalmente, chegou o dia que temíamos. Despídos de forças e orgulho, desanimadamente choramos nossa rendição incondicional: Não, eu entrego, eu entrego;

Não consigo mais resistir,

Afundo, compelido por um amor moribundo E Te reconheço vencedor.

Aconteceu quando os cristãos estavam cantando o hino de Charlotte Elliot: Assim como sou, sem nenhum apelo,

Só que Teu sangue foi derramado por mim, E que Tu me convidas a vir

a Ti,
Ó Cordeiro de Deus, eu venho! Eu venho!
Assim como sou, sem esperar
Para livrar minha alma de uma mancha escura, A Ti cujo sangue pode
limpar cada marca, Ó Cordeiro de Deus, eu venho! Eu venho!
Assim como sou, embora me agite
Com muitos conflitos, muitas dúvidas,
Lutas por dentro e medos por fora,
Ó Cordeiro de Deus, eu venho! Eu venho!
Assim como sou, pobre, desprezível, cego; Visão, riquezas, cura para
minha mente, Sim, para encontrar em Ti tudo o que preciso, Ó
Cordeiro de Deus, eu venho! Eu venho!
Assim como sou, Tu me receberás,
Dar-me-ás as boas-vindas, perdoarás, limparás,
aliviarás, Por Tua promessa eu creio;
Ó Cordeiro de Deus, eu venho! Eu venho!
Assim como sou, Teu amor desconhecido
Ultrapassou todas as barreiras;
Agora para ser Teu, sim, somente Teu,
Ó Cordeiro de Deus, eu venho! Eu venho!

A perseguição tinha terminado. O Cão de Caça
do Céu havia nos alcançado. Prostramo-nos
ofegantes aos pés da cruz, fracos e desamparados.
Não importava mais o que nossos amigos pensavam
de nós, somente o que Ele pensava de nós. Naquele
momento, percebemos que nosso suposto Inimigo e

Perseguidor era, na verdade, nosso Melhor Amigo. Nossos medos eram infundados. Ao fugir do Senhor, estávamos com medo de uma bênção.

A guerra tinha terminado. Agora tínhamos paz com Deus através do nosso Senhor Jesus Cristo. Agora estávamos do lado vitorioso. Aqueles cristãos irritantes que nos costumavam “alugar”, de repente haviam se tornado nossos irmãos e irmãs a quem sentíamos grande gratidão.

Lewis pergunta: “Quem pode adorar suficientemente o Amor que abrirá os altos portões ao pródigo que é arrastado chutando, lutando ressentido e desviando seus olhos buscando uma forma de escapar?”

**Uma nova batalha Entretanto, uma nova batalha havia começado. Sim, havíamos confiado ao Senhor a salvação eterna de nossas almas. Agora, porém, nos deparávamos com outra pergunta. Entregaríamos nossas vidas a Ele para servi-
LO? Podíamos confiar nEle para controlar nossas vidas aqui na Terra?**

Mais uma vez nossa teimosa vontade passava à marcha rápida. Sabíamos o que devíamos fazer, mas não estávamos preparados para fazê-lo. Sabíamos que a lógica divina apontava para uma rendição completa, mas isso poderia interferir com o que havíamos planejado para nosso futuro: um casamento dos sonhos com lindos filhos; uma profissão ou ocupação que geraria uma boa renda e uma reputação de sucesso na comunidade; uma casa acima da média em um bom bairro; conforto, segurança, prazer – e, ah sim – um tempo para servir ao Senhor.

Para quem olhasse de fora, nosso mundo era nossa ostra. Tudo estava indo como queríamos. Nossos parentes e amigos estavam elogiando nosso sucesso. O que eles não sabiam era que havia uma inquietação em nossos corações. Nos sentíamos como se estivéssemos perseguindo uma sombra. Sob a superfície, estávamos lutando com a questão de uma entrega total.

Estávamos com medo. Medo do que seria Sua vontade. Certamente, não seria tão glamourosa quanto a vida que havíamos planejado. Duelamos

com Deus e ouvimos a nossas incertezas por tempo demais. Jamais percebemos que o Senhor tinha opções para nós que eram melhores do que poderíamos imaginar. Opções onde encontraríamos satisfação, que nos fariam loucamente felizes.

Rendição

Finalmente, percebemos nossa tolice. O Espírito Santo removeu as cortinas dos nossos olhos. Vimos que o Deus de amor infinito não quer nada além do melhor para Seu povo. Entendemos o fato de que Sua vontade é a melhor. Então fizemos algo que nunca havíamos feito antes. Pela primeira vez, dobramos nossos joelhos e nos entregamos a Ele como sacrifício vivo. Dissemos: “Em qualquer lugar, Senhor. A qualquer hora. Qualquer coisa”. Era tão lógico. Fazia tanto sentido. Como poderíamos fazer menos do que dar-Lhe nosso melhor e viver completamente para Ele, depois de tudo o que Ele fez por nós?

Já havíamos entregue nossa vida a Ele para a salvação. Agora a entregávamos para servi-Lo . Dissemos: Jesus, Senhor e Mestre, o amor divino

venceu, De agora em diante responderei “sim” a cada vontade Tua.

Livre da escravidão de Satanás, sou Teu para sempre; Completa daqui em diante todos os Teus propósitos em mim.

- E. H. Swinstead

Porém, conforme o tempo passava, aprendíamos uma lição dolorosa. Nosso sacrifício vivo tem uma tendência desprezível de rastejar para fora do altar. Foi um sacrifício relutante na melhor das hipóteses.

Percebemos que a crise da rendição não bastava. O compromisso “de uma vez por todas” tinha que ser acompanhado por um compromisso contínuo. A cada manhã, tínhamos que ir até o Senhor e renovar nossa consagração. A cada manhã tínhamos que trocar nossa vontade pela dEle. Então começamos a nos ajoelhar ao lado de nossa cama todos os dias dizendo “Senhor Jesus, me dedico mais uma vez a Ti pelas próximas vinte e quatro horas”.

Conforme Sua vontade se revelava, encontrávamos a real razão para nossa existência.

Encontrávamos nova paz e equilíbrio em nossa vida. Estávamos humildemente cientes de que Deus estava trabalhando em e através de nós e de que, quando nossas vidas tocavam outras vidas, algo acontecia para Deus.

Tendo rendido nossas vidas ao Senhor, passávamos o dia acreditando que Ele nos estava guiando, controlando e usando.

Ao olhar para trás, vemos quão corretamente T. Monod registrou a história de nosso sacrifício relutante nestas linhas: Ó, a amarga vergonha e tristeza

Que jamais possa haver um momento,
Em que deixei a compaixão do Salvador
Perguntei em vão e arrogantemente respondi, Tudo de mim e nada de Ti.

Ainda assim Ele me encontrou; eu O vi
Sangrando na abominável árvore;
O ouvi orar, perdoa-os, Pai,
E meu triste coração disse fracamente,
Um pouco de mim e um pouco de Ti.
Dia a dia, Sua gentil misericórdia,
Curando, ajudando, completa e livre,
Doce e forte e ah! tão paciente,

Rebaixou-me enquanto sussurrava,
Menos de mim e mais de Ti.
Mais alto que os mais altos céus,
Mais profundo que o mais profundo mar,
Senhor, Teu amor finalmente venceu:
Concede-me agora a súplica da minha alma, Nada de mim e tudo de
Ti.

BUSCAS TRIVIAIS

Quando Cristo está no controle, Ele nos guarda de gastarmos nossas vidas em coisas triviais. Ele garante que elas terão conseqüências eternas. Podemos não percebê-lo agora, mas ainda assim é verdade.

Uma das dores de viver é ver outras pessoas feitas à imagem de Deus desperdiçando seu tempo em buscas triviais. É especialmente triste ver cristãos prostituindo sua força e talentos em algo que não importa.

Como desperdiçar uma vida

Com o mundo definhando, quem em sã

consciência escolheria gastar a maior parte de sua vida analisando a quantidade de micróbios de uma camiseta de algodão ou a reação que faz com que salgadinhos fiquem marrons ou a deficiência de minerais em tomates e plantas do gênero *Xanthium*? É uma coisa trabalhar com salgadinhos e *Xanthium* para sustentar sua família, mas é diferente torná-los o centro da sua vida.

Corrie Tem Boom escreveu: “Quando uma casa pega fogo e você sabe que há pessoas ali dentro, é pecado arrumar os quadros da casa. Quando o mundo ao seu redor está em grande perigo, mesmo trabalhos que em si não são pecado podem ser bastante errados”.

Vance Havner disse que muitas pessoas assim “afundam em poças de lama de questões insignificantes e não têm tempo para preocupações reais. Quando eles se vão, é como se nunca tivessem vivido”. Suas vidas não são tanto a passagem de um homem, mas o que Jowett chamou de “a passagem de uma ameba”.

Quão pertinentes são as palavras de Cornelius

Platinga Jr.:

Fazer do nada uma carreira – passear no *shopping*, matar o tempo, conversar sobre coisas irrelevantes, assistir a programas de televisão até que conheçamos os personagens melhor que nossos próprios filhos – torna a vida um bocejo diante do Deus e Salvador do mundo. A pessoa que não se mexe, a pessoa que se entrega ao nada, na verdade diz para Deus: Você não me fez nada interessante e não redimiu ninguém importante, inclusive a mim.²⁰

Isto é tudo?

Não há nada melhor na vida que marcar gols em um jogo de futebol? Precisamos chegar ao topo da ambição humana e descobrir que não há nada lá?

Mesmo o apóstolo Pedro pareceu esquecer suas prioridades em um ponto importante de sua vida. O Senhor Jesus havia ressuscitado dos mortos. O mundo precisava desesperadamente ouvir a mensagem de salvação através da fé nEle. A maior preocupação de Pedro foi pescar no Mar da Galiléia. Os tempos não mudaram. Ouvimos a mensagem que trará perdão de pecados e uma eternidade no céu e dizemos “vou jogar golfe”.

Penso, muitas vezes em como James Dobson aprendeu uma lição valiosa jogando Banco

Imobiliário:

Pela primeira vez, em 15 anos, minha família recentemente jogou Banco Imobiliário comigo. Não demorou muito para que um pouco da antiga empolgação e entusiasmo voltassem, especialmente quando comecei a ganhar. Tudo estava dando certo para mim e me tornei o mestre do tabuleiro. Eu era o dono de Interlagos e do Morumbi e tinha casas e hotéis por toda parte. Minha família estava se contorcendo e eu já estava colocando notas de \$500 em meus bolsos e embaixo do tabuleiro. De repente, o jogo terminou. Eu havia vencido. Shirley e as crianças foram para a cama e eu comecei a guardar tudo de volta na caixa. Então, fui invadido por uma sensação de vazio. Toda a empolgação que eu havia sentido antes era infundada. Eu era tão dono daquilo tudo quanto aqueles a quem havia derrotado. Tudo tinha que voltar para a caixa!

O Senhor me mostrou que havia uma lição a ser aprendida além do jogo de Banco Imobiliário. Reconheci que também estava vendo o jogo da vida. Nós lutamos para acumular, comprar, possuir, refinanciar e, de repente, chegamos ao fim da vida e temos que colocar tudo de volta na caixa! Não podemos levar nem um só centavo conosco! Não há *trailers* para nos acompanhar no Vale da Sombra.²¹

Está na hora de guardarmos a diversão e os jogos. A imagem de Cristo na cruz deveria nos libertar do trivial e colocar nosso alvo em objetivos de significado eterno.

Em seu livro *The Hidden Life* [“A Vida Oculta”], Adolf Saphir faz um apelo especial aos jovens:

Não deixem sua biografia se resumir a “ele se voltou para Deus em sua juventude e então se tornou morno, sendo absorvido por preocupações, negócios e exigências sociais do mundo e, pouco tempo antes de sua morte, ele percebeu seu erro e sentiu que uma coisa era necessária. Por anos, sua vida espiritual havia sobrevivido pelas orações de amigos e pelos cultos semanais no templo. Ele poderia ter sido um pilar da igreja, mas foi somente um peso”.

MUDANÇA DE CARREIRA

Às vezes o tipo de compromisso que temos descrito leva a uma mudança de carreira para alguém. Deus pode chamar alguém para sair de um emprego secular para trabalhar integralmente para o Reino. Porém, essa frase é um campo minado. Ela precisa de muita especificação. Do contrário, teremos problemas.

Em primeiro lugar, há a palavra **secular**. É um erro comum pensarmos que nosso trabalho de segunda a sexta é secular e o que fazemos no dia do Senhor é sagrado. Não há necessidade de tal

dicotomia para o cristão. Trabalhar em uma oficina mecânica pode ser tão sagrado quanto ensinar uma aula sobre a Bíblia, se for feito para a glória de Deus. O ambiente de um escritório pode ser um lugar santo para cristãos testemunharem com suas vidas, com suas palavras e com a qualidade do seu trabalho. O tempo gasto na bancada de carpinteiro em Nazaré foi tão santo quando os três anos e meio do ministério público de Jesus. Trabalho pode ser secular, mas não tem que ser; nenhum dito trabalho secular pode ser o principal foco de nossa vida.

A outra expressão que exige explicação é **integralmente**. Todo filho de Deus é um ministro no sentido usado no Novo Testamento. Efésios 4.12 deixa claro que Deus deu dons aos santos para equipá-los para a obra do ministério. Então, tecnicamente, não está certo dizermos que uma parte da igreja trabalha integralmente com ministérios. Isso é função de todos os membros. Porém, o fato é que Deus chama alguns a dedicarem seu tempo exclusivamente para a pregação, ensino e pastoreio e eles são sustentados pelos dons de outros cristãos (eu ia dizer “por cristãos que trabalham por

um salário”, mas isso se refletiria negativamente sobre nossos esforçados missionários e trabalhadores do lar).

Há muitas idéias confusas hoje em dia quanto ao ministério cristão. Quando um jovem demonstra mais interesse que a média por estudos bíblicos ou um dom especial para o ensino, a conclusão imediata é que ele deveria ir para um seminário e se tornar um ministro ordenado. Agora que algumas denominações históricas estão ordenando mulheres, as idéias se confundem quanto a elas também. Em primeiro lugar, essa mentalidade é “não-bíblica”. Tornar o treinamento em seminário um requisito para a obra cristã eliminaria Jesus, os discípulos e o apóstolo Paulo. A Igreja primitiva não sabia nada a respeito de sistemas clericais de ordenação humana ou de um ministério centralizado em torno de um só homem. Certamente, a idéia de um clero feminino é proibida pela Palavra (1 Tm 2.12).

Além disso, essa linha de pensamento apresenta uma visão estreita do que significa “ministério”. Ela restringe grandemente esta palavra à pregação ou ao ensino que acontecem em um púlpito. A verdade é

que a palavra “ministério” se refere a qualquer forma de serviço feita para o Senhor. Todo cristão que serve de acordo com as Escrituras é um ministro, independente de gênero ou idade.

O Senhor, às vezes, chama homens e mulheres a sair das fábricas, lojas ou escritórios para que possam servi-LO sem distrações ou limitações de tempo. A pessoa passa por um período de busca interna. O que os profetas chamaram de “a sentença pesada do Senhor” cai sobre ela. A pessoa está ciente de que o Senhor está falando com ela e colocando sobre ela uma paixão espiritual cada vez maior. Ela sente um “tapinha no ombro” espiritual. Não consegue ignorar isso – e nem quer fazê-lo. James Stewart descreve essa experiência desta forma:

Uma vez que qualquer um tenha olhado nos olhos de Cristo e sentido o magnetismo do Seu estilo de vida, ele jamais estará satisfeito com os ideais e padrões que pareciam ser adequados o bastante antes da chegada de Cristo. Jesus Cristo estragou tudo o mais para ele. O velho sistema de valores se tornou brasa, cinzas, pó.

Pedro abriu mão de sua carreira em um dia em que sua rede estava tão cheia de peixes que estava a ponto de arrebentar. Ele teve que pedir ajuda de

outro barco. Ambos os barcos ficaram tão cheios que começaram a afundar. Foi aí que Jesus disse “Não tenham medo. De agora em diante vocês pescarão homens”.

Curando almas, não corpos

A orientação de Deus vem de maneiras diferentes. Por exemplo, um cristão pode se sentir cada vez mais frustrado com a futilidade da forma como está gastando sua vida. Quando Dr. Martin Lloyd-Jones abriu mão de um consultório médico prestigiado e lucrativo para pregar o Evangelho, seus amigos não compreendiam. Deixemos que ele conte a história:

As pessoas me diziam: “Porque abrir mão de um bom trabalho – uma boa profissão – afinal de contas, é uma profissão médica, por que desistir dela? Se você fosse um escritor, por exemplo e quisesse desistir disso para pregar o Evangelho, poderíamos entender e concordaríamos que você está fazendo algo grandioso, mas Medicina – uma boa profissão, curando os doentes e aliviando a dor!” Um homem até mesmo chegou a dizer: “Se você fosse um advogado e desistisse, eu lhe daria um tapinha nas costas, mas desistir da Medicina!” “Ah, bem,” eu queria dizer-lhes, “se soubessem mais sobre o trabalho de um médico me entenderiam. Nós... gastamos a maior parte do nosso tempo fazendo com que as pessoas melhorem para poderem voltar para seus pecados!” Eu vi homens em seus leitos, falei com eles sobre

suas almas imortais e eles prometeram grandes coisas. Então eles melhoraram e voltaram para seus antigos pecados! Eu via que estava ajudando esses homens a pecar e decidi que não poderia mais fazê-lo. Quero curar almas. Se um homem tem um corpo doente, mas sua alma está bem, no fim das contas ele estará bem; mas um homem com um corpo saudável e uma alma doente estará bem por sessenta anos ou mais e então terá que enfrentar uma eternidade no inferno. Ah, sim! Às vezes, temos que abrir mão de coisas que são boas em troca das que são melhores para todos – a alegria da salvação e a renovação de vida.²²

Outro médico disse que abandonou seu bisturi para concentrar-se integralmente no instrumento que é bem mais exato, confiável e afiado que a mais moderna faca a *laser*: a Palavra de Deus.

O presidente de uma rede de supermercados disse a um amigo cristão que estava pedindo demissão. Quando interrogado sobre a razão, ele respondeu: “Não saio até depois das seis horas da tarde e tenho que levar trabalho comigo para casa. Quando meu dia de trabalho termina, não tenho tempo ou energia para as coisas de Deus. O preço em termos de eternidade é caro demais”.

Saindo da Força Aérea

Jerry White deixou o prestigioso mundo da

ciência e tecnologia espacial para treinar discípulos cristãos. Ele explica:

Um ministério cristão de tempo integral sempre foi uma carreira na qual eu não tinha interesse algum. Em meus primeiros anos como cristão, eu não era tentado por ele, nem via qualquer atrativo. Entretanto, em torno da meia-noite em uma noite de maio de 1972, me encontrei de joelhos dizendo a Deus que estava disponível e que abriria mão da minha carreira como oficial da Força Aérea para trabalhar integralmente no Seu ministério.

Muitos criticaram minha decisão. Alguns não acreditavam. Um oficial aposentado me disse que eu estava “maluco”. Minha avó chorou. Minha esposa estava apreensiva, a princípio. A maioria dos meus parentes estava em choque. Outros achavam que era um grande passo de fé. O passo parecia ilógico, porque eu só tinha mais seis anos e meio de trabalho até me aposentar. Muitos achavam que eu deveria esperar até lá.²³

Quando White abandonou sua carreira na Força Aérea para dedicar-se à obra do Senhor integralmente, ele estava dançando ao ritmo de uma música diferente. “Não é que a grama estivesse mais verde”, ele escreveu mais tarde, “embora estivesse. Não é que houvesse uma segurança maior – embora houvesse. Era apenas uma profunda convicção de que Deus estava chamando”.

Jenny Lind, a famosa cantora de opera sueca, se converteu em Nova Iorque e, logo em seguida,

decidiu deixar os palcos para sempre. Certo dia um amigo encontrou-a sentada na praia com uma Bíblia aberta em seu colo. O amigo perguntou por que ela havia deixado uma carreira tão brilhante. Jenny respondeu: “A cada dia que passava, o *show business* me fazia pensar menos e menos em minha Bíblia e quase nada no que há depois dela – o que mais eu podia fazer?”

Um artista cristão estava pintando um quadro de uma jovem mal vestida apertando um bebê contra seu peito, sem uma casa, em uma rua escura durante uma tempestade. De repente, ele jogou seu pincel na paleta e disse: “Ao invés de simplesmente pintar os perdidos, vou sair daqui e salvá-los”. Essa decisão o levou à Uganda como missionário.

Sempre tenho que rir quando penso no que os amigos de C. T. Studd lhe disseram quando Deus o chamou ao campo missionário: “Você está maluco, deixando o críquete e se tornando um missionário. Você não pode esperar até que seus dias de jogar críquete tenham terminado? Não pode ter um impacto maior para Deus como jogador de críquete? Por que ir como missionário a um lugar onde nunca

nem sequer ouviram falar do jogo?” Studd, porém, estava deixando a futilidade para encontrar significado. Ele estava deixando a fantasia para encontrar a realidade.

Três cristãos estavam sentados à mesa para uma refeição e conversando sobre ocupações e vocações. Um deles perguntou ao PhD: “Qual foi o tema da sua tese?” Ele respondeu: “O limite hidrodinâmico para o processo de exclusão simples, totalmente assimétrica, com parâmetros de velocidade inconstantes”. Depois de se recuperar da enchente verbal, o terceiro perguntou: “Que diferença faz?”. O PhD, um discípulo de Jesus espiritual e comprometido, pensou por um momento. Pareceu uma longa pausa. Então ele deu sua resposta memorável: “Minha inabilidade para responder a tais perguntas é o motivo por que escolhi deixar aquele campo”.

Muitos trocaram de carreira, porque sentiram que estavam se emaranhando demais nas ocupações desta vida. O Dr. Alexander Maclaren escreveu:

No tempo de Paulo não havia exércitos permanentes, apenas homens que eram convocados de suas vocações normais e enviados ao campo.

Quando a rápida convocação chegava, o arado era deixado na terra e o fio no tear; o noivo deixava sua noiva e o lamentador abandonava o caixão. Todas as empresas caseiras ficavam paradas enquanto os homens da nação estavam no campo.²⁴

Guy H. King acrescenta seus comentários aos de Maclaren:

Ele (o soldado) não pode se permitir envolver com interesses civis quando todas as suas energias precisam estar focadas na guerra. Ele precisa, por certo tempo, renegar toda e qualquer coisa que possa prejudicar seu desempenho como soldado. Um sacrifício parecido precisa ser visto no soldado de Cristo. Ele descobrirá que precisa abrir mão de certas coisas, certos interesses, hábitos, diversões, até mesmo certos amigos – não porque qualquer um desses seja errado em si, mas porque são uma cilada, um obstáculo para ele; eles atrapalham seu desempenho como soldado. Ele não deve criticar seus amigos cristãos se estes não virem nenhum mal em tais questões – não é função dele criticar; no entanto, quando perguntado, ele é livre para dar sua opinião e explicar a razão de sua própria abstenção. Qualquer coisa que interfira com nossa missão de sermos o melhor que podemos ser para Ele deve ser sacrificada – por mais inofensiva que seja para outros e por mais atraente que seja para nós; mesmo que seja algo tão importante quanto uma mão, um pé ou um olho (Mt 18.8-9). Que fique claro que há muitas coisas nesta vida que, para o soldado cristão, são deveres, questões familiares, eventos sociais, questões de negócios dos quais precisa cuidar – e cuidar bem, pela exata razão de ser um cristão. O ponto, porém, está na palavra “envolver”: é aqui que está a ênfase. Quando alguma coisa se torna um obstáculo, por mais legítima que tenha sido outrora, devemos lidar com ela de forma severa e sacrificial.²⁵

O que fazer

Quando alguém está convencido deste “toque” divino, ele deve compartilhar suas preocupações com os anciãos de sua igreja. Nenhum homem pode julgar seu próprio dom espiritual ou sua qualificação para o serviço. Os anciãos saberão se ele está fugindo de seu trabalho, se fracassou em tudo mais, se está desempregado e vê nisso uma solução.

Como já vimos, em quase todo verdadeiro chamado de Deus, há certa relutância humana, uma sensação de insuficiência humana. Moisés o sentiu e também Jeremias. Porém, a insistente voz de Deus afoga tais incertezas. Só há uma coisa a fazer: avançar!

Então, qual é a conclusão? O que é melhor, uma ocupação secular ou ministério de tempo integral? A resposta é que nada é melhor do que estar onde Deus escolher, seja onde for.

Como saber? Só há uma forma. Render-nos ao Senhor sem reservas. Significa entregar nossas vidas a Ele, não apenas para a salvação, mas também para a obra. Significa apresentar nossos corpos a Ele

como sacrifício vivo. Quando trocamos nossa vontade pela dEle, é responsabilidade dEle mostrar-nos exatamente o que Ele quer que façamos. Quando Ele nos mostra, Sua orientação será tão clara que nossa recusa seria desobediência consciente e inegável.

Eu O ouvi chamar – “Venha seguir-Me!”

Foi só isso.

Meu tesouro terreno se tornou opaco

Meu coração foi atrás dEle

Levantei-me e segui –

Foi só isso.

Você não O seguiria

Se O ouvisse chamar?

- Amy Carmichael

Um possível problema

Às vezes, surge um problema quando uma mudança de carreira aparece no horizonte. O chamado parece alto e claro para uma das pessoas do casal, mas a outra não o ouve. Imagine o caso de um casal que tem servido no campo em outro país por quinze anos. Agora Glen (os nomes são fictícios) sente que chegou a hora de voltar para

casa. Porém, Gwen ainda se sente tão chamada à obra missionária quanto no começo. Ela tem se dado muito bem em seu trabalho, aprendeu a língua, identificou-se com o povo e, na verdade, se sente mais em casa no campo que nos Estados Unidos. O que fazer? Como resolver esse conflito? (Nesse caso, ela se submeteu à orientação de seu marido).

O conflito poderia acontecer no sentido contrário. Pode ser que Roy sinta que o Senhor o está levando a um ministério de tempo integral, mas Ruby não compartilhe de sua visão. O instinto maternal é forte; ela é controlada pela necessidade de segurança para si e seus filhos. Não sente paz ao perturbar o *status quo*. Ela é torturada por medos e incertezas.

Ao buscar uma solução para o problema, é importante sabermos até que ponto o cônjuge relutante está descomprometido. Se for a esposa e ela estiver disposta a acompanhar seu marido, então isso é autorização suficiente para ele agir. Conheço uma senhora que não sentiu o chamado de Deus para ser missionária, mas estava disposta a ir como a esposa de um missionário.

Se, no entanto, a esposa de um homem está inflexivelmente contra, seria tolo de sua parte agir. Eles são uma só carne (Ef 5.31). Ele não pode usar Efésios 5.22 (*“As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor”*) como uma arma para forçá-la a se submeter. Ele precisa respeitar sua intuição e discernimento espiritual, percebendo que pode ser a forma que Deus está usando para protegê-lo de um desastre espiritual. Caso ela o acompanhasse sem estar disposta, não seria uma ajuda satisfatória para ele.

A melhor coisa que ele pode fazer é continuar a orar. Deus é capaz de fazer uma mudança completa. O ideal, claro, é quando ambos os cônjuges estão completamente comprometidos a trabalhar juntos e com alegria buscando a vontade de Deus. O homem precisa orar para que o Senhor traga esse tipo de união.

Se tal união não acontecer, então ele deve permanecer em sua profissão atual sem recriminações e percebendo que este é o caminho escolhido para ele. O Senhor o recompensará por seu desejo, mesmo se ele não puder vê-lo realizar-

se. Enquanto isso, ele deve envolver a si mesmo e sua esposa em oportunidades locais de serviço.

É possível que um cônjuge não apenas proíba o outro de fazer esta mudança, mas também se oponha firmemente a qualquer envolvimento de qualquer um dos dois no ministério. Esta é a pior situação possível. Sem a intervenção divina, a vida vai se ajeitar em uma coexistência passiva. Oração contínua é a única opção.

Uma pergunta intrigante

Ao considerar toda a questão de carreiras, devemos nos lembrar de uma pergunta intrigante feita por Michael Griffith: “O que teremos para mostrar de nossas vidas? Elas serão medidas pelas pequenas recompensas e sucessos, alguns certificados de educação, alguns troféus de prata por proezas atléticas, umas poucas medalhas, alguns recortes de jornal, promoções em nossas profissões, certo *status* na comunidade local, uma placa ao aposentar-se, um anúncio no obituário, um funeral com bastante gente? É só isso que terá significado em nossa vida?”²⁶

Parte V

A EXPERIÊNCIA DO COMPROMISSO

É UMA CRISE

Quando falamos da crise do comprometimento, nos referimos à primeira vez que uma pessoa entrega sua vida ao Senhor para que Ele faça com ela o que desejar. Seria bom pensar que isso acontece no momento da conversão. Às vezes sim, mas não sempre.

Muitas vezes, quando alguém é salvo, ele sabe de muito pouco. Só pode dizer “Eu era um pobre pecador perdido, mas Jesus morreu por mim”. Alguém mais pode dizer “Eu era cego, mas agora vejo”. Ambos confiam no Salvador e em Sua obra completa para a salvação. É até aqui que vai sua teologia atual.

Conforme eles crescem na fé, a magnitude do que aconteceu no Calvário começa a atingi-los e eles têm uma crescente convicção de que o Senhor Jesus merece tudo o que eles são e têm. Mesmo aí, podem surgir lutas para entregar planos pessoais e ambições. É por isso que as palavras **rendição e entrega** descrevem tão bem a crise do compromisso.

Ao assumir este compromisso, um indivíduo está dizendo ao Senhor: “Aonde quiseses que eu vá, o que quiseses que eu diga, o que quiseses que eu faça” e “não apenas uma parte ou metade do meu coração, eu entrego tudo a Ti”. Sem restrições, nada menos que o coração inteiro. Eles percebem que precisa ser tudo ou nada porque, como Michael Griffith disse, “há uma incrível qualidade de tudo ou nada nas afirmações e ordens de Cristo”. De agora em diante, precisa ser a vontade de Deus – nada mais, nada menos, nada além disso.

Quando assumimos tal compromisso, sabemos que estamos colocando nossas vidas sobre o altar como sacrifício vivo. Ao fazê-lo, podemos dizer: Ó Filho de Deus que me amou,

Serei somente Teu;

E tudo o que tenho e sou, Senhor,
Daqui pra frente será Teu.
- F. R. Havergal

Spurgeon o colocou desta forma:

Ó grande e insondável Deus, que conhece meu coração e prova todos os meus caminhos; com humilde dependência do sustento do Teu Santo Espírito, me entrego a Ti como sacrifício racional, volto para Ti como Teu. Serei Teu, sem reservas e para sempre. Enquanto estiver na terra, Te servirei. Que eu possa agradar-Te e louvar-Te para sempre! Amém.

O comentário de Hudson Taylor foi semelhante: Bem, eu me lembro quando coloquei a mim mesmo, a meus amigos e a tudo que tinha sobre o altar, da profunda solenidade que tomou minha alma com a certeza de que minha oferta havia sido aceita. A presença de Deus se tornou inacreditavelmente real e abençoada e me lembro de deitar-me no chão e ficar ali diante dEle indescritivelmente maravilhado e feliz. Eu não sabia para que serviço eu havia sido aceito, mas uma profunda ciência de que eu não pertencia a mim mesmo me tomou e, desde então, jamais foi ofuscada.

William Borden (Yale, 1909), filho de

milionários, deixou tudo para trás para levar o Evangelho aos muçulmanos. Ele morreu no Cairo a caminho da China com 26 anos, deixando um impacto sobre o mundo cristão que pode ser sentido ainda hoje. Foi assim que ele verbalizou seu compromisso: Senhor Jesus, tiro minhas mãos da minha própria vida. Te coloco no trono do meu coração. Muda, purifica, usa-me como quiseres. Eu recebo o pleno poder do Teu Espírito Santo. Obrigado.

Jim Elliot avaliou o custo e então orou: Pai, toma minha vida, sim, meu sangue, se quiseres e os consome com Teu fogo envolvente. Eu não o salvaria, porque não é meu para que possa salvá-lo. Toma-o, Senhor, toma tudo. Derrama minha vida como uma oferenda para o mundo. Sangue só tem valor se flui perante os Teus altares.

Uma jovem na Carolina do Sul usou uma forma diferente para demonstrar seu compromisso. Ela pegou uma folha de papel em branco e assinou seu nome embaixo. Era sua forma de aceitar a vontade de Deus, não importava qual fosse. Ela deixaria que Ele preenchesse os detalhes.

O que acontece uma vez que alguém tenha feito essa grande renúncia? Alguns têm uma experiência emocional. Outros não. Em geral há uma sensação de alívio por ter feito a coisa certa. Há a certeza de que o Salvador aceitou o sacrifício. Além disso, sentimentos não são importantes. O que importa é que tenhamos assumido um compromisso firme: “Eu amo meu Mestre. Não me afastarei dEle”.

Jamais acharemos que fizemos algo de extraordinário. À luz da Cruz, não fizemos nenhum sacrifício digno de ser notado. Poderemos dizer: Pobre é meu sacrifício cujos olhos São iluminados do alto.

Ofereço o que não posso manter,

O que deixei de amar.

- Autor Desconhecido Por fim, percebemos que qualquer coisa menor que uma rendição total é apenas “pecado polido”.

Ah, quebra o que quer que seja

Que separa meu coração de Ti,

Que morreu para ganhar meu coração!

Qualquer outro amor, por mais querido que seja, Por mais antigo, ou forte, ou próximo, Do qual Tu não sejas o tema e foco, É apenas um pecado polido.

- Srta. J. A. Trench

Há uma fábula contada de tempos em tempos e, embora os detalhes variem, a moral é a mesma. Um grupo, em meio a uma longa caminhada, chegou a um rio. Uma voz lhes disse: “Peguem tantas pedras do rio quanto quiserem, então cruzem o rio e continuem. Vocês ficarão felizes e ficarão arrependidos”. As reações foram distintas. Alguns pegaram tantas quanto conseguiam carregar convenientemente; eles já tinham que carregar o equipamento para acampar. Outros ficaram satisfeitos com um punhado. Outros ainda acharam que já tinham arrependimentos suficientes na vida; não precisavam de mais.

Depois de cruzar o rio e continuar por mais alguns quilômetros, todas as pedras se transformaram em esmeraldas. Eles ficaram felizes por tudo que haviam pego e arrependidos por não terem pego mais.

É exatamente assim que funciona com o compromisso. Ficaremos felizes pelas partes de nossas vidas que entregamos ao Salvador e arrependidos por não Lhe ter entregue mais.

A cada vez que vejo Sua face,

Linda face, face marcada por espinhos, A cada vez que vejo Sua face,
Vou querer ter-Lhe dado mais.

Mais, muito mais:

Mais da minha vida do que jamais dei antes.

A cada vez que vejo Sua face,

Vou querer ter-Lhe dado mais.

A cada vez que Ele estende Suas mãos, Mãos acolhedoras, mãos
marcadas por pregos.

A cada vez que Ele estende Suas mãos, Vou querer ter-Lhe dado mais.

Mais, muito mais:

Mais do meu coração do que jamais dei antes.

A cada vez que Ele estende Suas mãos, Vou querer ter-Lhe dado mais.

A cada vez que me ajoelho a Seus pés, Lindos pés, pés perfurados por
pregos.

A cada vez que me ajoelho a Seus pés, Vou querer ter-Lhe dado mais.

Mais, muito mais:

Mais de meu amor do que jamais ofereci.

A cada vez que me ajoelho a Seus pés, Vou querer ter-Lhe dado mais.

À luz daquela linda face,

Luz de Sua linda face, maravilhosa face.

À luz daquela linda face,

Vou querer ter-Lhe dado mais.

Mais, muito mais:

Tesouros sem limite para Aquele a quem adoro.

A cada vez que vejo Sua face,

Vou querer ter-Lhe dado mais.

- Autor Desconhecido

No final da década de 70, a Marinha norte-americana desenvolveu um sistema automático para aterrissagem de aviões em um navio porta-aviões. O oficial de controle de pouso instruiria o piloto a alinhar o avião com o convés de pouso coberto pela neblina. Então, conforme o avião descia, ele diria “tira suas mãos dos controles”. O avião apontaria para o deque, “balançando e tremendo enquanto os computadores ajustavam seu curso para sincronizá-lo ao ponto de pouso do navio”. O piloto estaria seguro desde que não tocasse nos controles. Do contrário, ele estaria pedindo um acidente.

O Senhor está nos dizendo: “Tire suas mãos dos controles. Eu vou levá-lo para casa em segurança e com um carregamento completo”.

É UM PROCESSO

Como dissemos, um único ato de compromisso não basta. O que começa como uma crise precisa continuar como um processo. Precisa haver um compromisso de uma vez por todas seguido por um compromisso repetido muitas vezes. “O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca”. Nós bravamente colocamos a mão no arado, mas então, quando aprendemos o preço do discipulado, olhamos para trás. Foi por isso que John Oxenham escreveu:

Quem responde ao insistente chamado de Cristo,
Precisa entregar a si mesmo, sua vida, tudo,
Sem nenhum olhar para trás;
Quem coloca a mão no arado,

E olha para trás com rosto aflito,
Interpretou mal seu chamado.
Cristo o clama como totalmente Seu;
Ele precisa ser de Cristo e somente de Cristo.

O remédio para essa tendência de olhar para trás é nos re-dedicarmos ao Senhor Jesus todos os dias. Charlotte Elliott o escreveu neste verso:

Renova minha vontade dia a dia;
Mistura-a com a Tua e toma
Tudo o que agora faz ser tão difícil dizer,
“Seja feita a Tua vontade”.

O bispo Taylor Smith costumava ajoelhar-se ao lado de sua cama todas as manhãs e dizer “Senhor Jesus, esta cama é Teu altar, sou Teu sacrifício vivo”.

Troca de vontades

Anne Grannis descreve isso como uma “troca de vontades” diária.

Quero minha vida tão livre de mim mesma
Que meu querido Senhor possa vir
Colocar seus próprios móveis
E tornar o meu coração em Sua casa.
E já que sei o que isso exige,

Cada manhã enquanto ainda está em silêncio,
Fujo para aquele quarto secreto,
E deixo com Ele - minha vontade.
Ele a aceita gentilmente,
Presenteando-me com a Sua;
Estou pronta, então, para enfrentar o dia
E qualquer tarefa que exista.
É assim que meu Senhor controla
Meus interesses, minhas aflições;
Porque nos encontramos no nascer do dia
Para uma troca de vontades.

Creia que Ele está no controle

O que acontece a seguir? Provavelmente nada sensacional. Se esperamos que luzes pisquem, sinos toquem ou que tenhamos arrepios em nosso sistema nervoso, provavelmente ficaremos decepcionados. O que acontece é que continuamos com nossas vidas sem ostentação. A maioria das coisas será rotina e outras são triviais. Se há tarefas de que não gostamos muito, as faremos sabendo que são parte da vontade de Deus. Aceitaremos o que quer que Ele nos designe – acidentes, interrupções ou experiências de êxtase – como Sua resposta ao nosso compromisso.

Um evangelista inglês, chamado Harold Wildish, tinha este conselho útil colado na frente de sua Bíblia:

Conforme você abandona o grande fardo dos seus pecados e descansa na obra consumada de Cristo [salvação], deixe também o fardo e o serviço da sua vida e descansa na obra atual do Espírito Santo [consagração]. Entregue-se a cada manhã para ser guiado pelo Espírito Santo e continue louvando e em paz, deixando que Ele controle o seu dia. Durante todo o dia, cultive o hábito de depender alegremente e obedecer ao Senhor, esperando que o Consolador o guie, ilumine, corrija, ensine, use e faça em você e com você o que Ele quiser. Conte com Sua obra como um fato completamente independente de visão ou sentimentos. Somente creia e obedeça ao Espírito Santo como Governante da sua vida e pare com o pesado esforço para controlar a si mesmo. Então o fruto do Espírito será gerado em você conforme a Sua vontade e para a glória de Deus.

Frases Ridley Havergal oferece um conselho semelhante uma vez que tenhamos entregado nossas vidas ao Senhor:

Continuemos nos alegrando, crendo que Ele tomou nossa vida, mãos, pés, intelecto, vontade e a nós como um todo para existirmos para sempre somente e totalmente para Ele. Consideremos algo como fato abençoado: Não por nada que tenhamos sentido ou dito ou feito, mas porque sabemos que Ele nos ouve e porque sabemos que Ele é fiel à Sua Palavra.

A vida pode não parecer sensacional em nenhum dia em especial, mas discípulos

comprometidos sentirão que têm uma paz e tranqüilidade em suas vidas que não conheciam antes. Eles sentirão que as peças da vida estão se encaixando. De vez em quando, verão coisas acontecendo que não aconteceriam de acordo com as leis do acaso ou de probabilidades. Eles saberão que Deus os está usando, porém este não é um conhecimento que gera orgulho. Quer saibam quer não, seu serviço brilha com o sobrenatural e, quando tocam outras vidas, isso toca o coração de Deus.

Agora, suponhamos que você entregou sua vida ao Senhor e que renova seus votos de compromisso com Ele diariamente. Como saberá se Ele tem alguma mudança importante para você? Como saberá que precisa começar a caminhar em outra direção?

O requisito mais importante para saber a vontade de Deus é caminhar em comunhão com Ele. Você precisa estar perto para ouvir. J. N. Darby disse: “A primeira coisa a fazer para distinguir a vontade de Deus é estar com a alma íntegra”. Isso quer dizer que você confessará e abandonará qualquer pecado conhecido assim que se tornar

ciente dele. Gastará tempo orando diariamente, uma indicação de que você depende do Senhor, ao invés de sua própria inteligência. Ao ler, estudar e meditar na Bíblia, você se colocará em uma condição em que Deus pode falar com você.

Essa orientação nem sempre vem rapidamente. O Senhor nos ensina a bênção de esperar nEle. “A fé reside na confiante certeza de que Deus pode falar alto o bastante para que um filho, que estiver esperando, possa ouvi-lo . Nossa parte é esperar em silêncio até termos certeza” (C. I. Scofield).

Enquanto você espera, pode parecer que nada está acontecendo, mas, na verdade, o Espírito Santo está trabalhando em seu intelecto, emoções e vontade para que, quando o chamado vier, será o que você realmente quer fazer. “...*porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade*” (Fp 2.13).

Deixe-me compartilhar alguns indicadores que têm me ajudado na área de orientação divina:

Quando estiver buscando a orientação do Senhor e não surgir nenhum direcionamento, a

vontade Deus para você é que fique onde está. Para colocá-lo de outra forma, “escuridão quanto a ir é luz quanto a ficar”.

Resista à tentação de criar sua própria orientação: “*Todos vós, que acendeis fogo e vos armais de setas incendiárias, andai entre as labaredas do vosso fogo e entre as setas que acendestes; de mim é que vos sobrevirá isto, e em tormentas vos deitareis*” (Is 50.11). Também resista a tentação de agir impulsivamente: “*Não sejais como o cavalo... os quais com freios e cabrestos são dominados*” (Sl 32.9). Se você realmente confia no Senhor, não precisa ter pressa: “*...aquele que crer não foge*” (Is 28.16c).

Espere até que a instrução esteja tão clara que seria óbvia desobediência ignorá-la. Se você deseja saber sinceramente a vontade de Deus, nunca a deixará passar.

Enquanto espera, faça o que puder. Um capitão guia seu navio quando está em movimento. Um ciclista guia sua bicicleta quando ela está se movendo. Então Deus guia Seu povo quando está

cumprindo sua função.

Quando me deparo com uma grande mudança de direção em minha vida, peço ao Senhor para confirmá-la de duas ou três maneiras diferentes. Baseio isso em Deuteronômio 19.15b: “...*pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato*”. Se receber apenas uma indicação da vontade do Senhor, é possível que não a veja, mas quando tenho duas ou três, a instrução é inconfundível.

Muitas vezes, quando este “toque no ombro” vem, alguma alternativa atraente aparece. Ela surge como uma espécie de rota de fuga, uma saída pelos fundos. Pode ser uma sabotagem satânica para afastá-lo do caminho da obediência total. Porém, provavelmente não funcionará. Você perguntou qual a vontade de Deus. Ele respondeu. Ele o preparou para isso. Portanto, outras opções não têm um apelo muito duradouro.

Ao longo da vida, devemos estar abertos a uma mudança de direção. A instrução de ontem não é necessariamente a de hoje. Aproveite a emoção de

novas aventuras com Deus.

Isso nos leva à questão de como Deus revelará Sua vontade. Ele tem uma variedade infinita de maneiras de fazê-lo. Deixem-me listar algumas:

- Ele orienta através da Palavra de Deus. Em primeiro lugar, a Palavra nos dá um esboço geral da Sua vontade, mas Ele também fala através de passagens específicas de tal maneira que é uma resposta de oração inconfundível. Outros podem não vê-la, mas, para a pessoa que busca instrução, é inconfundivelmente a voz de Deus. Uma mulher de 58 anos foi convidada a dar aulas em um orfanato cristão no Alasca. Ela estava relutante em aceitar por causa de sua idade. Porém, certa manhã Deus falou com ela através do Salmo 39.5: “...à tua presença, o prazo da minha vida é nada”. Ela fez as malas e foi para o Alasca.

- Ele fala através dos conselhos de cristãos comprometidos. Os anciãos da comunidade local devem ser consultados. Eles podem ver prós e contras que fogem à sua percepção.

- Ele fala através de outros. Às vezes, um

comentário aparentemente aleatório de alguém que não sabe pelo que sua alma está passando acerta em cheio, como indicação de que o Senhor está falando.

- Ele fala através da convergência maravilhosa de circunstâncias. O momento exato da chegada de uma carta escrita meses antes, por exemplo.

- Ele fala através de obstáculos. Paulo e sua equipe foram proibidos pelo Espírito Santo de pregar a Palavra na Ásia. Mais tarde, eles tentaram ir à Bitínia, “*mas o Espírito de Jesus não o permitiu*” (At 16.7). Deus queria Paulo em Trôade onde ele receberia a visão de ir até a Europa.

- Ele orienta através do exemplo de Cristo. “Deus jamais nos levará por um caminho que não se encaixe com o caráter e os ensinamentos de Cristo”. Ele jamais nos pede para agir irracionalmente.

- Ele fala através do testemunho interno e subjetivo do Espírito Santo. Paulo diz, em Colossenses 3.15: “*Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração...*” Quando vamos na direção certa, fazendo as escolhas certas, a paz tomará nossos corações. Se não sentimos paz quanto à

determinada ação, então devemos duvidar de que seja a vontade de Deus. Um de nossos maiores escritores cristãos, J. Oswald Sanders, disse: “É tolice agir quando a pomba da paz deixou nosso coração”.

Um último alerta. Embora sentimentos estejam envolvidos, não devemos tomar uma decisão baseada somente neles. Sentimentos precisam ser confirmados por outros fatores.

AGORA É O MOMENTO DE AGIR!

O povo de Israel tinha conversado sobre tornar Davi seu rei. Suas intenções eram boas, mas eles nunca as transformavam em ação. Finalmente, Abner disse aos anciãos de Israel: *“Já faz algum tempo que vocês querem Davi como rei. Agora é o momento de agir!”* (2 Sm 3.17-18a – NVI).

Isso é o que Deus tem a dizer para grande parte do Seu povo hoje. “Vocês falaram sobre coroar ao Senhor Jesus Cristo como Rei de suas vidas. Vocês cantaram ‘Rei da minha vida, eu Te coroo agora’. Vocês consideraram renunciar ao posto de monarcas

governantes e entregar os direitos ao trono para Cristo. Agora, então, façam-no!”

Chegou a hora.

A decisão determina o destino. Sabemos que isso é verdade em relação à salvação. Quando recebemos o Salvador através de um ato específico de fé, nosso destino eterno foi garantido, mas tem mais. Quando decidimos aceitar Sua vontade para nossas vidas incondicionalmente, garantimos uma vida na Terra que satisfaz Seu plano para nós.

Vimos que é uma “decisão de dois gumes”. Primeiro é uma crise; então se torna um processo. Um início determinado seguido por uma prática contínua. Sempre há uma primeira vez quando abrimos mão do controle de nossas vidas e entregamos as chaves a Ele. Então isso precisa se tornar uma confirmação diária daquela decisão original.

Pense nas questões significativas envolvidas na decisão. Ela nos protege de tempo gasto fora da vontade de Deus, de épocas vagando em um deserto

espiritual, de momentos que não contam para Deus. Ela nos protege de uma existência medíocre, de trivialidades, do tédio e do nada.

Por outro lado, um compromisso contínuo nos garante o luxo de saber que vivemos no centro de Sua vontade. Ele nos dá a certeza de uma vida que conta para a eternidade.

Ele garante a vida mais significativa que a sabedoria de Deus poderia conceber para nós. Lembre-se! “Ele faz o melhor para aqueles que deixam a decisão com Ele”.

Isso significa que, no final da jornada, o Pai celestial revelará Seu plano para nós, o comparará à nossa vida, colocará sua mão perfurada em nosso ombro e dirá: “Está de acordo com o plano. Muito bem, Meu servo bom e fiel”. Não há nada melhor que isso.

A vida é como uma moeda. Podemos gastá-la como quisermos, mas só podemos fazê-lo uma vez.

Nossas intenções podem ser boas. Temos um bom alvo, mas isso não basta. Dizemos “algum dia”,

mas Deus diz “hoje”. Temos dado ouvidos a nossas dúvidas, medos, desculpas e incertezas por tempo demais. Agora vamos ouvir a Deus.

Então vamos dar essa resposta lógica hoje e todos os dias:

Um amor tão incrível, tão divino,
Terá meu coração, minha vida, tudo.

Agora é o momento de agir!

NOTAS

- 1 Isto também pode ser traduzido como “com o sangue de seu sangue”, referindo-se ao próprio Filho de Deus.
- 2 Citado no *U.S. News and World Report*, 18 de Agosto de 1997, p.85.
- 3 Este é um verso do poema *My Hiding Place*, geralmente atribuído a John André, um major britânico da Revolução Americana. Por ter se encontrado com Benedict Arnold, ele foi executado como espião. Há um monumento no local onde ele foi executado em Tappan, Nova Iorque, como tributo ao General George Washington: “Ele foi mais um desafortunado que um criminoso. Um homem bem-sucedido e um oficial nobre”.
- 4 Citado de “*The Ministry of a Transfigured Life*” na revista *Christianity Today*, 14 de Julho de 1997, p.56.
- 5 Uma pergunta válida poderia ser se algum cristão é **totalmente** comprometido com o Salvador. Mesmo o apóstolo Paulo admitiu que ele ainda não havia obtido tudo isso ou sido aperfeiçoado (Fp 3.12). Quando pensamos em nossos pecados, fracassos, egoísmos e motivos errados, hesitamos em afirmar que nossa dedicação ao Senhor é o que deveria ser. No entanto, isso não deve nos impedir de lutar por esse ideal. Mesmo que não tenhamos chegado, ainda podemos caminhar em direção a esse alvo. Mesmo que não possamos cantar “eu entrego tudo a Jesus” como nossa experiência atual, podemos cantá-lo como o desejo do nosso coração. E embora possamos nunca chegar a um compromisso total, podemos tentar maximizar o quanto de nossas vidas está entregue ao

Senhor.

6 A história de Abraão e Isaque se encontra em Gênesis 22.

7 *Unger's Bible Dictionary*, Chicago: Moody Press, 1967, p.603.

8 NT – Frase encontrada em Atos 9.6 em versões como a King James Version, em inglês, e a Almeida Corrigida Fiel, em português. Outras versões consultadas não apresentam a frase.

9 James Stalker, *The Life of St. Paul*. New York: Fleming H. Revell Co., 1912, p.15.

10 Ibid., p.143-144.

11 Kennedy, John W., *The Torch of the Testimony*. Beaumont, Texas: The Seed Sowers, 1965, p.149.

12 Thomas Herbert Darlow, *Francis Ridley Havergal: A Saint of God*. A New Memoir, London: Nisbet.

13 Não há mais informações disponíveis.

14 Elizabeth Elliot, *Through Gates of Splendor*. N.Y.:Harper & Bros., 1957, p.18.

15 Steve Farrar, *Finishing Strong*. Sisters, Oregon: Multnomah Books, 1995, p.6.

16 Hyde, Douglas, *Dedication and Leadership*. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 1966, p.32.

17 *The Harvester*, Março de 1957, p.47.

18 NT: Programa de televisão com perguntas e respostas, criado nos EUA, atualmente exibido em diversos países.

19 Hian, Chua Wee, *I Saw the Lord, The Cross and the Crown*, Carlisle, Inglaterra: OM Publishing, 1992, p.134-135.

20 Citado em *Christianity Today*, Novembro de 1994, p.6.

21 Citado em *Decision*, Dezembro de 1981, p. 12.

22 De um sermão sobre “Dar a César o que é de César; e a Deus o que é de Deus”, 28 de Abril de 1929.

23 *Your Job: Survival or Satisfaction?* (Seu Emprego: Sobrevivência ou Satisfação?, em tradução livre) Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1977, p.99.

24 Citado por Guy H. King, *To My Son*, Fort Washington, PA.: Christian Literature Crusade, 1958, p.43-44.

25 Ibid., p.43-44.

26 Documentação indisponível.